

GRAZIELA VASCONCELOS DA SILVA

**NINHO CHEIO:
articulações amorosas dos filhos adultos que residem na
casa dos pais**

ASSIS

2023

GRAZIELA VASCONCELOS DA SILVA

NINHO CHEIO:

**articulações amorosas dos filhos adultos que residem na
casa dos pais**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus de Assis-SP, para a obtenção de título de Mestra em Psicologia (Área de conhecimento: Psicologia e Sociedade).

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mary Yoko Okamoto

ASSIS

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Ana
Cláudia Inocente Garcia - CRB 8/6887

Silva, Graziela Vasconcelos da
S586n Ninho cheio: articulações amorosas dos filhos adultos que
residem na casa dos pais / Graziela Vasconcelos da Silva. —
Assis, 2023
104 f. : il.

Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Dra. Mary Yoko Okamoto

1. Psicanálise. 2. Parentalidade. 3. Dinâmica familiar.
4. Pais e filhos adultos - Aspectos psicológicos. 5. Síndrome
do ninho cheio. I. Título.

CDD 155.646



FOLHA DE APROVAÇÃO

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis



ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE GRAZIELA VASCONCELOS DA SILVA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.

Aos 22 dias do mês de março do ano de 2023, às 08:30 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de GRAZIELA VASCONCELOS DA SILVA, intitulada **NINHO CHEIO: articulações amorosas dos filhos adultos que residem na casa dos pais**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. MARY YOKO OKAMOTO (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de Psicologia Clínica / UNESP/FCL - Assis, Prof. Dr. JORGE LUÍS FERREIRA ABRÃO (Participação Virtual) do(a) Departamento de Psicologia Clínica / UNESP/FCL - Assis, Prof. Dr. EDUARDO NAME RISK (Participação Virtual) do(a) Departamento de Psicologia do Centro de Educação e Ciências Humanas / UFSCar/São Carlos. Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Mary Yoko Okamoto

Profa. Dra. MARY YOKO OKAMOTO

AGRADECIMENTOS

Emociono-me, ao manifestar o quão grata sou por concluir esta pesquisa. Em primeiro lugar, quero agradecer a Deus, que me mostrou o quanto em sua presença consigo ser forte e otimista, para lutar contra um câncer e, mesmo nos momentos difíceis, sempre me conduziu para um final de luz, alegria e saúde.

Agradeço à minha família, especialmente aos meus pais e meu irmão, os quais nunca soltaram a minha mão e, com muita fé e amor, sempre me acolheram em todas as dificuldades.

Agradeço ao meu sobrinho, Brás, o menino loirinho a quem eu chamo carinhosamente de Peppe: aquele que ilumina os meus dias difíceis, minha melhor brincadeira, aquele que me inspira e me conduz à busca de um mundo melhor para as presentes e futuras gerações.

À minha sobrinha e afilhada, Vivi, aquela que não é de sangue, mas, de mansinho, foi entrando na família e me fazendo ressignificar o meu jeito reservado de amar quem vem de fora.

Ao meu filho canino, Led, que vivenciou comigo todas as dores e delícias, no decorrer destes últimos tempos.

Agradeço à minha orientadora, Mary Yoko Okamoto, por ser minha grande inspiração profissional e ter-me guiado tão sabiamente, nesta jornada.

Agradeço também à Bruna Palma, uma amizade e parceria que surgiram no Mestrado e quero levar para a vida.

Aos professores Eduardo Name Risk, José Sterza Justo e Jorge Abrão, agradeço pelas ótimas trocas e disponibilidade em contribuir com minha pesquisa.

Agradeço a todos os colegas, parceiros de trabalho e equipe, os quais, direta e indiretamente, colaboraram para o meu crescimento e que eu chegasse até aqui.

Por fim, agradeço a cada um de nossos entrevistados, por aceitarem contribuir com este trabalho, por meio de suas vivências e perspectivas.

Muito Obrigada!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar e compreender a dinâmica familiar observada em torno do fenômeno “ninho cheio”, sob a perspectiva dos filhos, e as vicissitudes para a vinculação amorosa dos filhos que permanecem na casa dos pais, bem como identificar os motivos e expectativas que provocam a permanência dos filhos adultos na casa dos pais, a fim de definir o lugar que ocupam na dinâmica das relações familiares. Para desvendar as questões suscitadas na investigação, parte-se da proposta de uma pesquisa qualitativa, que contou com a entrevista de seis jovens adultos, sendo três homens e três mulheres, com idade entre 25 e 35 anos, os quais residem na casa dos pais. A verificação dos resultados foi realizada com a análise de conteúdo, a teoria psicanalítica e a Psicanálise de Casal e de Família, como referencial teórico para a discussão dos dados. Conforme os resultados, concluiu-se que os projetos de vida dos participantes da pesquisa são condizentes com todo o cenário contemporâneo, demonstrando que a configuração subjetiva dos jovens adultos se encontra em conexão com a supervalorização profissional e econômica, tão propalada nos últimos tempos, em detrimento do aspecto vincular, o que também contribui para o prolongamento de sua estadia na casa de seus pais. Tal projeto é compartilhado pelos pais, os quais continuam a investir nos filhos, em busca de sua realização e, nesse ínterim, a vida amorosa se encontra pouco investida, embora alguns jovens revelem a expectativa futura de uma vida a dois, com filhos, após o sucesso financeiro e na carreira.

Palavras-Chave: Ninho cheio. Jovem adulto. Vida amorosa. Planos para o futuro.

ABSTRACT

This work aims to analyze and understand the family dynamics observed around the "full nest" phenomenon, from the perspective of the children, and the vicissitudes for the loving bond of the children who remain in the parents' house, as well as to identify the reasons and expectations that cause adult children to remain in their parents' homes, in order to define the place they occupy in the dynamics of family relationships. In order to unravel the questions raised in the investigation, it starts with the proposal of a qualitative research, which included the interview of six young adults, three men and three women, aged between 25 and 35 years, who live in their parents' house. The verification of the results was carried out with the content analysis, the psychoanalytic theory and the Couple and Family Psychoanalysis, as a theoretical reference for the discussion of the data. According to the results, it was concluded that the life projects of the research participants are consistent with the entire contemporary scenario, demonstrating that the subjective configuration of young adults is in connection with the professional and economic overvaluation, so publicized in recent times, in to the detriment of the bonding aspect, which also contributes to the extension of their stay in their parents' house. This project is shared by the parents, who continue to invest in their children, in search of their realization and, in the meantime, love life is little invested, although some young people reveal the future expectation of a life together, with children, after financial and career success.

Keywords: Full nest. Young adult. Love life. Plans for the future.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	10
2 A TRANSIÇÃO DA ADOLESCÊNCIA/JUVENTUDE PARA VIDA ADULTA	12
2.1 Gerações <i>baby boomers</i> , X, Y e Z: conceitos	18
3 NINHO CHEIO	24
4 JOVEM ADULTO CONTEMPORÂNEO E VÍNCULO AMOROSO	30
4.1 O jovem adulto na contemporaneidade: repercussões contexto social e familiar.....	390
4.2 Considerações psicanalíticas sobre o vínculo amoroso.....	33
4.3 Amor na contemporaneidade.....	40
5 OBJETIVOS.....	43
5.1 Objetivos gerais.....	43
5.2 Objetivos Específicos	43
6 METODOLOGIA.....	44
6.1 Procedimentos de pesquisa.....	45
6.2 Perfil dos entrevistados.....	46
7 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	50
7.1 Motivos para a saída temporária ou permanência na casa dos pais.....	50
7.2 Composição e organização do ambiente doméstico.....	52
7.3 Vantagens e desvantagens do “ninho cheio”	61
7.4 Vida social e amizades.....	63
7.5 Relacionamentos amorosos	64
8 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	77
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS.....	93
APÊNDICE	102

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se justifica pelo intuito de compreender as repercussões do fenômeno denominado “ninho cheio”, na articulação dos vínculos amorosos dos jovens adultos, considerando que, embora esse fenômeno já venha sendo estudado, nas últimas décadas, ainda se verifica a necessidade de novas investigações sobre o tema em questão, a fim de se examinar como se desenvolvem as relações afetivas, no contexto dessa configuração familiar, no momento atual, além de contribuir para ampliar os conhecimentos da Psicologia e da Psicanálise a respeito do assunto.

Assim, ao lado de possíveis impactos na articulação dos vínculos amorosos dos jovens adultos que moram no ninho, estatisticamente, o fato de os filhos continuarem a viver na casa dos pais, na fase adulta, vem crescendo, nos últimos anos. De acordo com o estudo “Síntese de Indicadores Sociais (SIS): uma análise das condições de vida da população brasileira 2016”, com dados fundamentados em informações do IBGE e de outras fontes, como os Ministérios da Educação, da Saúde e do Trabalho, a proporção de pessoas de 25 a 34 anos de idade que estavam na condição de filho, no arranjo familiar, passou de 21,7%, em 2005, para 25,3%, em 2015. No ano de 2015, o nível da ocupação das pessoas nessa faixa etária, as quais viviam com os pais (71,7%), foi semelhante ao daquelas que não viviam (75,1%), o que demonstra que a permanência na casa dos pais pode não estar diretamente associada com a falta de emprego.

O texto acrescenta que, no Brasil, a população mencionada é composta majoritariamente por homens (60,2%), e que essas pessoas tendem a ser mais escolarizadas do que aquelas na mesma faixa etária, mas independentes. Em 2015, 35,1% dos jovens e adultos que moravam com os pais tinham, ao menos, ensino superior incompleto ou nível mais elevado; a média de anos de estudo do grupo foi de 10,7 anos, enquanto 13,2% ainda estudavam. Já os que viviam longe da família, em média, tinham 9,8 anos de estudos, 20,7% haviam cursado o Ensino Superior incompleto ou nível mais elevado e apenas 7,2% ainda estudavam.

É importante frisar que o fenômeno do “ninho cheio” é um tema relevante, por ser presente e crescente, não só na população brasileira, mas também em outros países. Silveira e Wagner (2006) afirmam que, na Espanha, 67% dos homens e 49% das mulheres com a faixa etária entre 25 e 27 anos de idade ainda não deixaram o lar dos genitores (cf. RODRIGO; PALÁCIOS, 1998).

Ao mesmo tempo, outras reportagens atuais justificam a existência do fenômeno, dentre as quais, citamos o artigo apresentado pelo portal de notícias *Gauchazh* (2019),

intitulado “Geração canguru: os filhos adultos que moram com os pais”; a nota publicada no portal de notícias *Viva a Velhice* (2019), intitulada “Geração canguru, os jovens que escolheram não sair da casa dos pais”; o texto trazido pelo portal de notícias *Eu, Rio!* (2018), “Brasil alcança a maior parcela em 11 anos do fenômeno Geração Canguru”.

A relevância de estudar o fenômeno do prolongamento da vivência do jovem adulto na residência de seus genitores se dá pela demanda de discussões reflexivas e produções acadêmicas com conteúdos referentes à intergeracionalidade, às organizações e dinâmicas familiares e ao conceito de família. Ademais, a ampliação desses estudos é benéfica não somente para academia, mas também para as famílias participantes do estudo e da comunidade que as integra, inclusive com a possibilidade de abertura em agendas nas políticas públicas (MÜLLER, 2018).

Silveira e Wagner (2006) ressaltam que, em investigação realizada com a população brasileira, ficou constatado que os genitores têm incentivado a permanência dos filhos em casa, usando alguns mecanismos que facilitem a sua adaptação, com cuidados e concessões, permitindo inclusive dormir com o(a) namorado(a) no domicílio parental.

Em face dos conflitos vividos por essa nova geração, a qual comumente vivencia uma organização familiar voltada para atender às suas satisfações profissionais e pessoais, sem pressa para deixar o lar dos genitores, muitas vezes, com o objetivo de alcançar uma melhor condição financeira ou, até mesmo, um(a) parceiro (a) amoroso(a), a presente pesquisa se justifica por procurar compreender a configuração dos vínculos amorosos dos filhos participantes, no mundo atual, tendo em vista o denominado fenômeno “ninho cheio”.

Além disso, interessa-nos compreender como a família se organiza em relação à permanência do filho e à efetivação dos projetos de vida desses jovens adultos.

No primeiro capítulo, pontuamos algumas reflexões a respeito da transição vivida pelo sujeito entre a adolescência e a vida adulta. Para tanto, buscamos um melhor entendimento de como a forma de expressão da adolescência, na sociedade, foi se transformando. O conceito de adolescência teve origem em um cenário de individualismo e ideal de liberdade, o que caracterizou a adolescência como um período de transformações e conflitos. Assim, compreender esse conceito e sua contextualização social é importante para entender o discurso social atual frente ao adolescente (GOMES, 2018).

Em seguida, foram feitas considerações a respeito da pós-adolescência, pois, diante de tantas visões e diversidades culturais a respeito dessa etapa da vida, é imperioso entender a formação psíquica dos jovens, na contemporaneidade, bem como as razões que levam à atual supervalorização dessa juventude e ao prolongamento dos indivíduos nessa condição.

Com o pós-guerra, a cultura capitalista passou a ditar o sentido e o mundo que a imagem do jovem conquistava, gerando mais liberdade, mas também passava a ser mão de obra, em meio a um mercado extremamente competitivo. Seguimos nosso estudo descrevendo

as gerações *baby boomers*, X, Y e Z, enfatizando o contexto de cada uma delas com o seu respectivo momento histórico e como tais questões repercutem na subjetivação do jovem adulto.

O terceiro capítulo trata de questões acerca do ninho cheio, ou seja, da dinâmica familiar formada pelos jovens adultos que residem na casa de seus pais, incluindo tanto os jovens adultos que saíram e retornaram ao lar parental como os que nunca deixaram a casa de seus pais. Para entendermos o fenômeno do prolongamento da convivência familiar, descrevemos o contexto atual e seus desdobramentos, para que esse jovem resida na casa de seus genitores, assim como consideramos ser uma forma de organização familiar que responde ao meio como esse jovem adulto convive com a ausência de segurança, no campo profissional e afetivo, encontrando suporte na vida em família (GALLAGHER, 2013).

O fenômeno do prolongamento da convivência familiar pode ser compreendido como um modo de organização familiar que responde à instabilidade do contexto atual. O jovem contemporâneo convive com a ausência de segurança, no campo profissional e afetivo, encontrando suporte na vida em família.

No quarto capítulo, fazemos algumas considerações teóricas a respeito das repercussões do contexto social e familiar do jovem adulto contemporâneo, caracterizando tais questionamentos através da constituição de famílias com hierarquias mais igualitárias que possibilitam mais diálogo e liberdade entre seus membros. Em seguida, focalizamos a instabilidade financeira e afetiva causada pelas incertezas do mercado de trabalho, fazendo com que esses jovens adultos encontrem, no aconchego do lar parental, estrutura e comodidade para enfrentar tais “perigos”.

Seguimos, ainda nesse mesmo capítulo, com o tópico “Considerações psicanalíticas sobre o vínculo amoroso”, oportunidade em que nos debruçamos na teoria psicanalítica, realçando as contribuições da Psicanálise de Casal e de Família. Pontuamos conceitos e questões sobre vínculos, escolhas amorosas e a dinâmica do estabelecimento dos vínculos amorosos.

Para concluir, procuramos melhor compreender as relações amorosas na contemporaneidade, especialmente por causa de tantas modificações ocorridas devido aos avanços tecnológicos e liberdade dada ao sujeito, os quais têm resultado na constituição de relacionamentos amorosos cada vez mais efêmeros.

No quinto e sexto capítulo, abordamos os objetivos da pesquisa e as questões metodológicas utilizadas e envolvidas na investigação, respectivamente.

Por fim, no sétimo capítulo, fazemos a análise dos dados, contextualizando as falas dos participantes e as relacionando com o arcabouço teórico apresentado.

2 A TRANSIÇÃO DA ADOLESCÊNCIA/JUVENTUDE PARA VIDA ADULTA

No intuito de um melhor entendimento do contexto de vida do jovem adulto, faz-se necessário um olhar precedente a essa etapa da vida e, assim, embora apresentem uma delimitação temporal de acordo com o tempo e a sociedade a que pertence, pode-se dizer que a adolescência e juventude, apesar de se confundirem e serem utilizadas como sinônimos, são conceitos diferentes (FIGUEIREDO, 2008).

Os conceitos “adolescência” e “juventude” não trazem o significado de uma constante semântica desses vocábulos, uma vez que os sentidos do termo variam e os conteúdos semânticos se renovam (MATHEUS, 2007). No entanto, embora haja distinção entre os dois conceitos, ambos denotam a passagem da infância ao mundo adulto (GOMES, 2018), sendo que a juventude é tomada como momento posterior à adolescência (GALLAND *apud* MATHEUS, 2007), enquanto a adolescência seria o elemento pertinente ao campo psicológico. Nesse passo, partindo de uma concepção psicanalítica, Matheus (2012) argumenta:

Com saber voltado a processos subjetivos, a psicanálise tem como especificidade a investigação da adolescência como questão relativa ao processo de constituição ou emergência do sujeito psíquico, sendo-lhe necessário se perguntar sobre a complexa correlação entre o universo subjetivo e sua inscrição histórica e social. No entanto, tendo em vista a diferença entre cada campo e seus conceitos privilegiados, é possível para cada um se beneficiar das possibilidades de análise que o outro lhe oferece sobre a proximidade entre esses campos. (MATHEUS, 2012, p. 724).

De acordo com o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, “adolescente” é aquele que “[...] está no começo, ainda não atingiu todo vigor”; ou seja, alguém que está em um processo de mudanças, inovações, rumo a atingir o que o texto chama de “vigor”, no sentido de plenitude.

Segundo a legislação brasileira, consubstanciada no Estatuto da Criança e do Adolescente, vigente desde o ano de 1990, criança é a pessoa de até doze anos de idade incompletos, enquanto adolescente é aquela entre doze e dezoito anos de idade. A lei também faz uma ressalva a respeito das pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade, as quais poderão se valer do Estatuto, desde que seu caso concreto esteja presente nos dispositivos expressos no texto legal. Noutro passo, a Organização Mundial de Saúde (OMS) identifica a adolescência no período compreendido entre dez e dezenove anos de vida.

Para Santos (2005), a adolescência é reconhecida como uma fase do ciclo de vida em que o indivíduo passa por transições. O adolescente se torna, para o senso comum, “o aborrecente”, aquele que sabe apenas questionar e desafiar. Esta é uma fase de grandes

mudanças, na qual surgem fatores e questões que repercutem sobre o jovem e sua família.

O psicanalista Tiago Corbisier Matheus, em sua obra *Adolescência: História Política do Conceito na Psicanálise* (2010), faz diversas considerações conceituais e históricas a respeito da adolescência; para o autor, o termo “adolescência” tem origem latina, do verbo *addolescere* (desenvolver-se/crescer), próximo do termo *addolescere*, que significa adoecer. Nessa vertente, a proximidade entre os dois sentidos é sugestiva e nos remete à dimensão de crise que ficou associada ao termo, desde a modernidade.

De acordo com Prioste (2013), se, há décadas, a adolescência e sua moratória apareciam como algo penoso, por implicar interdição ou restrição à liberdade sexual e autonomia, na sociedade contemporânea, com o advento do liberalismo, diversos valores econômicos e afetivos se modificaram, já que os adolescentes não precisam mais de relações amorosas ou financeiras estáveis para usufruir do direito a experiências sexuais e desfrutar das mais variadas diversões. Porém, tais possíveis conquistas não estão desconectadas com o aumento dos riscos, dentre eles, gravidez precoce, envolvimento em acidentes, abuso de álcool e drogas.

Nesse sentido, para Schoen-Ferreira *et al.* (2003), a construção da identidade pessoal é considerada a tarefa mais significativa da adolescência, especialmente por ser fator desencadeante da transformação do adolescente em adulto produtivo e maduro. Assim, a formação da identidade recebe a influência de fatores intrapessoais (as capacidades inatas do indivíduo e as características adquiridas da personalidade), de fatores interpessoais (identificações com outras pessoas) e de fatores culturais. As autoras também entendem que a busca por uma identidade pessoal acontece de duas formas: a primeira ocorre, quando o sujeito se percebe como sendo o mesmo e contínuo, no tempo e no espaço, enquanto a segunda, quando se verifica que os outros reconhecem essa semelhança e continuidade.

Em cada ponto, o filho recebe influência do que seus pais dizem e fazem, da mesma maneira que os pais também são influenciados pelos seus filhos (FERREIRA, 2007). Perosa, Perosa e Tam (1996) asseveram que o desenvolvimento psicossocial é promovido dentro de um contexto de progressiva redefinição do relacionamento entre pais e filhos; embora conectados emocionalmente, os genitores encorajam seus filhos a buscar autonomia. Quanto mais equilibrado esse processo de individuação-dependência, mais facilmente acontece o desenvolvimento da identidade do ego.

Ao longo da puberdade, os adolescentes tendem a passar menos tempo com seus pais e a se sentirem menos vinculados a eles, do ponto de vista emocional (SCHOEN-FERREIRA, 2007). Ademais, de acordo com estudo de Cardozo e Freitas (2001), dos adolescentes brasileiros que afirmaram ter um adulto como referência, a maioria apontava algum familiar: tio, irmão mais velho, primo, avô, pai ou mãe.

Na obra *Adolescência: uma interpretação psicanalítica* (1998), Peter Bloss trata da

pós-adolescência, fase intermediária que marca a transição da adolescência para a vida adulta, já que representa a pré-condição para realização da maturidade psicológica. Nesse sentido, o autor enfatiza:

Em termos de desenvolvimento do ego e organização das pulsões, a estrutura psíquica adquiriu, ao final da adolescência, uma fixidez que permite ao pós-adolescente voltar-se para o problema da harmonização das partes componentes da personalidade. Essa integração se faz gradualmente. Ela geralmente ocorre ou em preparação a, ou coincidindo com a escolha profissional - desde que as circunstâncias permitam ao indivíduo uma escolha. A integração caminha lado a lado com a atividade do papel social, com o namoro, casamento e paternidade. O aparecimento do papel manifesto do adulto – ter um emprego, preparar-se para uma carreira, ser casado ou ter filhos – faz perder a vista, facilmente, o fato de não ter sido completada a formação da personalidade. (BLOSS, 1998, p. 201).

Conforme Bloss (1998), nessa etapa da vida, outra transformação considerável seria que tanto o menino como a menina, antes com o objeto libidinoso direcionado à família, voltam-se agora, com maior vigor, para o objeto extrafamiliar libidinoso, ou seja, o processo de rompimento com os laços objetais antigos tem início. No começo da adolescência, ocorre a descatexia dos objetos amorosos incestuosos, pois a libido objetal, que está livre, busca novas acomodações. Dessa feita, para Bloss (1998), ao término da adolescência, os conflitos não estão totalmente resolvidos, mas se tornam específicos, e muitos deles se integram, na esfera do ego, como tarefas por toda vida.

Dantas (2002) compreende que a adolescência é o momento de deixar para trás a criança idealizada pelos pais, é tempo de desinvestimentos e reinvestimentos, de busca de uma identidade sexual. Noutro passo, para a autora, muitas crises acompanharão o sujeito, ao longo da vida. De acordo com a psicanálise, não faz sentido falar-se de fases da vida, que se iniciam na infância e terminam na idade adulta. Assim como o infantil está presente no adulto, Dantas (2002) faz uma reflexão a respeito de que também comportaria um funcionamento adolescente como função de reinscrição do sujeito, integrando o que não foi simbolizado da sua história. Na medida em que o adolescente se depara com uma nova realidade, a do corpo transformado pela puberdade, poderá dar um novo encaminhamento ao ressurgimento do complexo de Édipo, através da simbolização. Pode ser, portanto, um momento muito criativo ou de repetições simbólicas.

No livro *Complexo de Édipo: novas Psicopatologias, Novas Mulheres, Novos Homens*, de Nora Miguelez (2007), a autora sustenta que, na clínica atual, encontramos homens e mulheres que não abandonam a casa paterna, não se casam nem têm filhos e não assumem responsabilidades profissionais – ou o fazem tardiamente. No entanto, Miguelez (2007) não entende se tratar de psicóticos, porém, de uma condição de filhos estendida e ligada ao conflito incestuoso não elaborado. Nessa vertente, novas patologias surgem, em

função da existência de uma sociedade que não legitima a autoridade e não prescreve que o jovem cresça.

Para Henriques, Jablonski e Feres-Carneiro (2004), o término da adolescência se configura como um processo complexo de individuação, pois, além da separação das figuras parentais, abrange a vivência correspondente aos lutos. É geralmente no final da adolescência que o jovem passa a ter uma maior interação social, assim como se vincula a uma escolha amorosa pós-edípica e, no contexto familiar, novas pautas são estabelecidas. Assim, na juventude, quando o intuito está voltado para que esse adulto jovem saia de casa e estruture a própria vida, a família e o indivíduo têm de renegociar perdas e ganhos. A experiência de se separar dos pais é importante, a fim de que o adulto jovem alcance a maturidade e integre o mundo dos adultos (HENRIQUES; JABLONSKI; FERES-CARNEIRO, 2004).

Aberastury e Knobel (1970) aludem à importância da capacidade que têm os pais de elaborar o luto da infância dos filhos, para o término da adolescência e a inserção na vida adulta, porque significa a separação tanto dos pais externos reais quanto das figuras parentais internalizadas. Nesse contexto, a experiência da separação vem a ser um dos aspectos essenciais para a conquista da maturidade emocional.

Na cultura brasileira, alguns rituais, embora não sejam demarcações constantes, simbolizavam que o adolescente estaria transitando para o *status* de adulto; dentre eles, podemos citar a entrada do jovem no mercado de trabalho (BREUNLIN; SCHWARTZ; KUNE-KARRER, 2000). Todavia, para os autores, a formatura universitária, que anteriormente assegurava a conquista de um emprego, muitas vezes delimita o surgimento de uma nova etapa de estudos, não garantindo necessariamente sucesso econômico e autonomia para deixar de morar no lar parental.

Nesse passo, na chamada sociedade pós-moderna, o mercado de trabalho cobra das novas gerações um perfil difícil de ser atendido por uma pessoa de pouca idade, pois, para tanto, é preciso percorrer diversas etapas de qualificação, o que se torna, muitas vezes, um processo árduo, dificultando o desenvolvimento da maturação emocional desses indivíduos.

Segundo Levisky (1998), em decorrência especialmente das condições socioeconômicas nas quais se encontram esses jovens, nós nos deparamos, em nosso meio social, com indivíduos que vivem o processo adolescente de modo muito breve, resumido na busca pela sua sobrevivência ou até mesmo de toda sua família, bem como também encontramos sujeitos que, por terem suporte econômico e dependência afetiva, protelam a adolescência por um longo período. Assim, para Lemgruber (2011), o prolongamento da adolescência, na sociedade contemporânea, provém de certas mudanças culturais, como o adiamento do tempo de estudo, da entrada no mercado de trabalho e da constituição da própria família. A falta de autonomia financeira e o desemprego contribuem para que os

jovens permaneçam mais tempo morando na casa dos pais.

Para Câmara e Cruz (2000), a posição de adolescente, em circunstâncias normais, tem tempo limitado e natureza transitória, já que se trata de uma fase de amadurecimento, a qual deveria ficar para trás, depois de cumprido seu propósito. Os autores sustentam que a adolescência prolongada evita uma crise que deve terminar com a compreensão de que o mundo fora da família não reconhece o papel que a criança tentou desempenhar, nas primeiras décadas de vida. Entretanto, quando os sujeitos que prolongam sua adolescência tentam romper esses laços, percebem que não são capazes de suportar tal atitude, acompanhada de um empobrecimento narcísico. Os autores acrescentam que se devem levar em conta alguns fatores, dentre os quais estão o decréscimo de religiosidade, a preocupação com problemas financeiros, a desvalorização daqueles que se impõem serem objetos de identificação bem-sucedida, a grande ênfase na riqueza e no sucesso, principalmente.

De acordo com Ávila (2011), na sociedade contemporânea, a propaganda e a imersão na sociedade de consumo enaltecem a valorização da adolescência, na busca por jovens que se desenvolvam como adultos responsáveis e aptos para uma ação transformadora sobre a realidade. Todavia, o que temos é um contexto social cercado por relações pautadas no imediatismo e nos diversos anseios familiares em oferecer condições para que as aspirações desses jovens sejam atendidas, o que pode ocasionar uma não tolerância à frustração, de maneira que o adolescente seria, nos tempos atuais, o que Freud designava como “Vossa Majestade, o bebê”.

Com o passar dos anos, no Brasil, a liberdade e a autonomia atribuídas aos jovens foi ganhando corpo, e a noção de “crise”, que se prolonga do século XX até o XXI, também passou a estar ligada ao termo “adolescência”, especialmente tendo-se em vista os novos saberes legítimos atribuídos pela ciência, porque o reconhecimento de uma crise depende de um diagnóstico capaz de sustentar ou não o veredicto (MATHEUS, 2010, p. 149):

[...] na medida em que a valorização das diferenças individuais é acompanhada pela força de um mercado de massa, sendo a homogeneização do consumo favorecida como a forma de sustentação de um sistema de produção em larga escala [...]. Não se tratava somente da descoberta dos jovens como consumidores privilegiados para uma produção em massa, que gradualmente se internacionalizava, em função de um aumento geral da população juvenil na maior parte do globo. Tratava-se sobretudo do sentido e uso que a imagem do jovem conquistava, sendo oferecida como parâmetro para uma nova ordem social. No que diz respeito ao mercado de consumo, se o atributo de “novidade” passara a ser “o principal recurso de venda para tudo”, o jovem era a melhor personificação de tudo o que era novo.

Nesse cenário, segundo Kehl (2004), para a economia capitalista, os adolescentes em crise, insatisfeitos sexualmente, dependentes da família e sob pressão, são vistos como um possível consumidor. Com isso, a adolescência é cultuada como estilo de vida a ser

seguido e desejado, já que é um perfil tão desejado pelo mercado de consumo. A transformação dos adolescentes em fatia privilegiada do mercado consumidor teve início nos EUA e repercutiu rapidamente, no mundo capitalista, trazendo diversas consequências, dentre as quais se destacam a associação entre juventude e consumo, a transformação do adolescente em modelo de beleza, a possibilidade dada para o adolescente de desfrutar a liberdade da vida adulta, sendo poupado das responsabilidades (KEHL, 2004).

Conforme Prioste (2013), a sociedade contemporânea traz o ser jovem como um imperativo, enquanto o *slogan* e o clichê publicitário valorizam a beleza de ser e buscar um perfil jovem. O adulto não só passa a se espelhar nos “ideais *teens*”, mas também há uma forte desvalorização da experiência dos mais velhos, que reflete um esvaziamento do sentido da vida. Nesse passo, de acordo com Lemgruber (2011), na contemporaneidade, com a diminuição da autoridade e controle paternos, os jovens ganham liberdade e autonomia. Exalta-se a juventude, fazendo com que os mais velhos também busquem ser jovens e que as relações entre pais e filhos se transformem, tendo por consequência a perda da posição de autoridade, por parte dos pais.

Entre as consequências provocadas pela *teenagização* da cultura, Szapiro e Resende (2010) entendem que a “vaga de adulto” passou a ser algo temido, diante do ideal jovem. Assim, para os autores, manter-se jovem significa não se fixar no já realizado, ou seja, se ligar ao ideal de explorar permanentemente a “liberdade de construir”. Para Birman (2007, p. 59), essa falta de fronteiras entre a condição da adolescência e da vida adulta ocasiona mudanças no processo de subjetivação do sujeito, especialmente através da perda da autoridade das figuras parentais, nesse contexto:

Assim, se todos podem ser desejantes ao mesmo tempo e isso perdurar por toda vida, a diferença entre a condição da adolescência e a que se faz presente no adulto e na velhice deixa de existir. Com efeito, as fronteiras psíquicas entre a adolescência e os demais momentos da existência tendem cada vez mais a se esfumçar e até mesmo se apagar. Pode ser pai, mãe, avó e avô na atualidade sem perder o fulgor da adolescência, no qual a potência desejante se encontra ainda sempre presente. [...] Uma das consequências disso é a perda da autoridade das figuras parentais aos olhos dos filhos, para os quais aquelas figuras se diferenciavam deles cada vez menos, pois exercem o mesmo estilo de existência.

Na visão de Borges e Magalhães (2009), os processos que perpassam a transição da juventude para a vida adulta, atualmente, são muito complexos e não são fundamentados por critérios específicos, como idade ou afastamento da família de origem rumo à independência. Ademais, os autores conferem ao diálogo e à liberdade nas relações familiares a condição de fatores que ocasionam a possibilidade de conciliar a autonomia de seus membros, dentro da família. Por fim, consideram que o prolongamento da vida familiar não está relacionado com algum “atraso” desses jovens em ingressar na vida adulta, mas vem em decorrência das novas formas de constituição da vida adulta

contemporânea. Lemgruber (2011), de seu turno, conclui que o contexto social atual dificulta o processo de transição à vida adulta, vez que, quanto mais complexo o contexto social, mais trabalho psíquico é exigido do eu, especialmente no que concerne à construção da identidade, tornando a passagem para a vida adulta mais prolongada e também mais penosa.

2.1 Gerações *baby boomers*, X, Y e Z: conceitos

Neste ponto, apresentamos pesquisas relativas à conceituação das chamadas gerações *baby boomers*, X, Y e Z, principalmente porque tais denominações surgiram em algumas das pesquisas utilizadas no levantamento bibliográfico realizado acerca do tema de estudo da presente pesquisa.

O conceito de gerações, segundo Domingues (2002), implica três conjuntos de variáveis analíticas. Em primeiro lugar, a família e as relações de parentesco; em segundo lugar, os coortes – grupo de pessoas que nasceram em momento próximo e que atravessam estágios sucessivos, ao mesmo tempo, sendo relevantes três elementos: a idade biológica, a idade cronológica e os estágios de maturação. Por fim, temos as experiências vividas envolvendo os indivíduos e a coletividade. Para o autor, dimensões normativas, cognitivas e expressivas das diversas coletividades geracionais influenciam umas às outras, bem como é importante que esse jogo mútuo de influências seja assinalado e assimilado, para se entender como as coletividades particulares e a vida social em geral se constituem.

Domingues (2002, p. 69) explica que o tema subjetividade sofreu muitas alterações, nas últimas décadas, deixando para trás o seu caráter centrado, transparente e organizado:

Evidentemente, as gerações têm-se subdividido em classes, gêneros e raças desde sempre. Contudo, a pluralização dos estilos de vida, a multiplicação de “tribos” e grupos com sobretudo distintas sensibilidades e preferências estéticas, mas por vezes igualmente com comportamentos diferenciados, agudiza a heterogeneidade dessas subjetividades coletivas. Se levamos em conta uma tendência assinalada pela literatura sociológica internacional no sentido de uma crescente individualização da vida social, com chances de vida diferenciadas e cada vez mais contingentes, inclusive dentro da mesma coletividade de classes e profissionais, essa complexificação social se exponencializa. Em que medida uma geração pôs-se em movimento de forma centrada - isto é, contando com forte identidade e organização, e a partir daí com intencionalidade comum - é uma questão que deve ser vista sempre como contingente. A pluralização das subjetividades coletivas na modernidade tornou isso ainda mais agudo.

Nesse contexto, a relação entre juventude e trabalho é fundamental para compreendermos as relações sociais de determinado período. Na sociedade ocidental, durante muito tempo, o ingresso do jovem no mercado de trabalho seria um marco importante de passagem para a vida adulta (ROCHA-DE-OLIVEIRA; PICCININI; BITENCOURT, 2012).

Segundo Matheus (2007), um ponto convergente entre diversos autores seria, especialmente a partir do último quarto do século XX, o reconhecimento da descontinuidade entre a escola e o mercado de trabalho, intensificando a postergação do ingresso no mundo adulto. O autor justifica tal descontinuidade, aludindo à inadequação entre as expectativas juvenis, a preparação oferecida pelo sistema escolar e as oportunidades após a formação, principalmente pelo aumento do desemprego.

Para Dutra, Silva e Veloso (2012), a construção de uma carreira demanda decisões e atitudes, as quais, geralmente, repercutem em outras esferas pessoais. Para tanto, as adaptações sociais necessárias para o bom desenvolvimento profissional incluem não só o trabalhador, mas também sua família. Ademais, atualmente, trabalhar pode não significar ter um emprego fixo e uma organização estruturada, capaz de isentar o sujeito de preocupações. O contexto das relações de trabalho apresenta, como característica, o dinamismo, o que repercute tanto no comportamento das pessoas quanto nas próprias organizações.

No âmbito organizacional contemporâneo, costuma-se diferenciar os momentos do universo do trabalho e suas repercussões nos vários contextos sociais e econômicos, através de gerações, dentre as quais temos aquela dos denominados *Baby Boomers*¹, a Geração X² e a Geração Y³ (COMAZZETTO *et al.*, 2016). De acordo com as contribuições de Rocha-de-Oliveira, Piccinini e Bitencourt (2012), para compreendermos como uma geração se diferencia da outra, é importante a percepção de como cada uma delas compõe o seu conjunto de crenças, valores e prioridades. As diferenças nas discussões intergeracionais se faz muito presente em artigos e pesquisas atuais sobre as gerações X, Y e a mais recente Z⁴,

¹ Por volta de meados dos anos 1940, após o fim da Segunda Guerra Mundial, nos Estados Unidos, com o retorno dos soldados para casa, muitas mulheres engravidaram, oportunidade em que houve um *boom* de bebês, por isso, essa geração é chamada de *baby boomers*. Também são conhecidos como criadores da época “paz e amor”, pois tinham aversão aos conflitos armados. No Brasil, o termo também é usado para quem nasceu naquela época, assim, os *baby boomers* formam a geração jovem que lutou contra os militares, a geração da Jovem Guarda, do Tropicalismo e dos festivais (TURCI, 2010).

² A expressão “Geração X” foi inventada pelo fotógrafo da Agência Magnum, Robert Capa, em 1950, tendo sido usada por ele em momento posterior, como título de um ensaio fotográfico sobre homens e mulheres que cresceram imediatamente após a Segunda Guerra Mundial. Assim, o termo “Geração X” é utilizado para referenciar pessoas nascidas após o chamado *baby boom*, oportunidade na qual o medo do futuro incerto e as ameaças da então ditadura militar vivida naquela época, pelo Brasil, marcaram a infância dessa geração (JORDÃO, 2016).

³ A “Geração Y” é formada pelas pessoas nascidas na mesma época do início das evoluções tecnológicas e, por consequência, da globalização. Quando as pessoas dessa geração começaram a nascer, o contexto, no Brasil, era de grande instabilidade econômica e, posteriormente, assinalado pela reinstalação do regime democrático. No cenário mundial, vivenciaram a cultura da impermanência e a falta de garantias, especialmente devido aos mercados voláteis (FLINK *et al.*, 2012).

⁴ A “Geração Z” – também conhecida como *iGeneration*, Plurais ou *Centennial* – é constituída pelas pessoas nascidas entre a década de 1990 e o ano de 2010. Essa é a geração que corresponde ao *boom* da criação de aparelhos tecnológicos, isto é, foram as máquinas modernas que acompanharam o nascimento e o crescimento desses jovens, os quais vivem cercados por muitas opções digitais, tais como canais de televisão, internet, *videogame*, MP3 *players* etc. (JORDÃO, 2016). Ceretta e Froemming (2011) ressaltam, inclusive, que o Z da denominação vem da primeira letra do verbo “zapear”, já que estão constantemente conectados com dispositivos móveis, os quais lhes permitem executar várias tarefas e compartilhar conteúdos, ao mesmo tempo.

voltados geralmente para conhecer o comportamento destas, a fim de aumentar o consumo de produtos ou serviços. No entanto, para os autores, o contexto familiar é pouco explorado, no sentido de delimitar as características geracionais, e o comportamento pode ser compreendido como possível reflexo da própria atitude individualista, característica comum nos grupos juvenis.

Conforme Müller (2018) o conceito de geração deve considerar não só o aspecto cronológico, mas também outros, tais como o contexto sócio-histórico, a relação dos indivíduos jovens com as outras faixas etárias e a heterogeneidade no termo “juventude”, uma vez que as gerações atuais também não formam uma identidade única. Desse modo, para se compreender uma determinada geração de um dado contexto social, faz-se necessário não apenas levar em conta os indivíduos jovens (juventudes), mas também sua relação com outras faixas etárias (ROCHA-DE-OLIVEIRA; PICCININI; BITENCOURT, 2012).

A pesquisa “A Geração Y no mercado de trabalho: um estudo comparativo entre as gerações”, implementada por Comazzetto *et al.* (2016), por meio de entrevistas semiestruturadas feitas com indivíduos pertencentes às três gerações (Geração Y, Geração X e Geração *Baby Boomers*), resultou num estudo comparativo entre a geração mais jovem, Geração Y, com seus antecessores. Através da análise dos resultados, a pesquisa possibilitou a constituição de três categorias gerais.

A primeira categoria engloba os nascidos até 1964 – Geração *Baby Boomers* – com representantes mais motivados, otimistas e *workaholics*, bem como altamente leais e comprometidos com a empresa; dentre suas características principais está o fato de terem sido jovens rebeldes, os quais se tornaram, em sua maioria, adultos não muito rígidos.

Os nascidos entre 1965 e 1977 – Geração X – pertencem à geração constituída por um cenário marcado por pai e mãe que trabalham, bem como pelo sentimento de culpa das mulheres, por se ausentarem do lar, ocasionando dificuldade de impor limites aos filhos. Pode-se supor que o mecanismo de culpabilização (CANIATO, 2000) dos genitores, por tudo aquilo que não se pôde conquistar, numa sociedade de extrema valorização por aquisições e conquistas pessoais, além de competitiva, promove nos pais a expectativa de alcançar um ideal, em suas funções parentais, no entanto, quando não se sentem em condições de dar aos filhos tudo aquilo que eles querem (ou acham que eles precisam), devem se sentir culpados.

É importante considerar, ainda nesse cenário, que, da mesma maneira, a culpa deve surgir quando se deparam com a circunstância de que os filhos passam mais tempo em escolas ou creches, diante da televisão, com suas professoras e babás, do que com eles próprios, pois se encontram imersos no contexto de trabalho. Esse sentimento de culpa acaba, por sua vez, interferindo imensamente na dinâmica das relações pais e filhos, porque

funciona como um paralisante, em face do medo de ressentimento dos filhos, ou mesmo dificultando que esses pais se coloquem como autoridade, diante dos filhos, por se sentirem em dívida com eles.

Os indivíduos tendem a ser mais individualistas e a valorizar mais a lealdade, por si mesmos, buscando, no ambiente de trabalho, mais liberdade e flexibilidade com uma hierarquia menos rigorosa. Já as empresas passaram a desenvolver habilidades para melhorar a empregabilidade, pois não se poderia esperar mais estabilidade, por parte dos trabalhadores (COMAZZETTO *et al.*, 2016).

Por sua vez, os nascidos de 1978 em diante – Geração Y – cresceram em contato com as várias tecnologias de informação, conviveram com a diversidade das famílias e passaram por uma infância repleta de atividades e aparelhos eletrônicos. Embora sejam considerados mais individualistas do que os pertencentes às gerações passadas, os indivíduos dessa geração dividem o mesmo ambiente de trabalho com pessoas de gerações anteriores, convívio, muitas vezes, marcado por divergências de ideais e valores (COMAZZETTO *et al.*, 2016).

Noutro passo, o artigo “Não me ligue, mande mensagem”: os novos hábitos da Geração Z ao telefone, organizado por Cruz *et al.* (2018), parte do pressuposto de que a Geração Z compreende os indivíduos nascidos a partir de 1989, os quais cresceram inseridos nos meios tecnológicos e, assim, modelaram sua vida e condutas de acordo com o funcionamento de tais tecnologias. Num cenário de utilização de telefones móveis, troca de mensagens e imersão no universo *on-line*, o estudo propõe-se compreender as novas preferências da Geração Z pela troca de mensagens, ao invés de ligações telefônicas. Para tanto, foi efetuada uma análise bibliográfica e aplicado um questionário *on-line*, respondido por participantes pertencentes à Geração Z, desenvolvido na plataforma *Survey Monkey* e disponibilizado em certos aplicativos, como *Whatsapp* e *Facebook*, através do qual obtiveram 700 respostas, das quais 100 foram avaliadas.

Por meio dos conteúdos estudados e da coleta de dados, os referidos autores concluíram que a Geração Z nasceu em um ambiente digital, o qual oportunizou o encontro e o “controle” de tudo o que precisa e deseja, através dos *smartphones*. Acostumados a respostas instantâneas e muitas vezes ao bate-papo em tempo real, jovens nascidos e imersos nessa realidade desenvolvem comportamentos diversos das gerações precedentes. Por sua vez, a maioria dos participantes entendeu que as ligações telefônicas podem ser incômodas, no dia a dia, preferindo receber mensagens a ligações, principalmente porque as ligações telefônicas tendem a demandar tempo, algo que a Geração Z não considera agradável.

Tendo em vista o público-alvo do presente estudo, ou seja, jovens adultos com idade entre 25 e 35 anos, atualmente residentes na casa dos pais, serão pontuadas algumas

características voltadas para a Geração Y, já que abrange esse contexto. Vale ressaltar que, dentre as razões destacadas na literatura, como causa da permanência dos filhos adultos na casa dos pais, está a cobrança do mercado de trabalho em exigir que seus profissionais sejam altamente capacitados, bem como do anseio desses indivíduos por conquistarem não só o *status* de um bom cargo empregatício, mas também uma situação financeira compatível com a vivenciada na casa de seus genitores.

De acordo com o artigo “Geração Y – Eles já foram acusados de tudo: distraídos, superficiais e até egoístas. Mas se preocupam com o ambiente, têm fortes valores morais e estão prontos para mudar o mundo”, publicado na revista *Galileu* (2009)⁵, a Geração Y é a primeira geração que não precisou aprender a dominar as máquinas, já que nasceu com televisão, computador e comunicação rápida dentro de casa. Concebidos na era digital, democrática e da ruptura da família tradicional, eles são impacientes e, embora sejam preocupados consigo próprios, também estão interessados em construir um mundo melhor.

A referida reportagem frisa que a Geração Y cresceu em uma época de valorização intensa da infância, traz seus membros educados por meio de uma educação mais sofisticada do que as gerações anteriores, os quais ganharam autoestima e não se submetem a atividades que não fazem sentido, em longo prazo. Nesse sentido, cita o estudo da consultoria americana *Rainmaker Thinking*, segundo a qual 56% dos profissionais da Geração Y anseiam serem promovidos em um ano, revelando a pressa existente no modo como esses jovens testam os seus limites e buscam o crescimento na vida profissional e pessoal.

Segundo Meyer (2014), pesquisadores sobre o assunto acreditam que a Geração Y cresceu rodeada de facilidades oferecidas pelos seus pais, os quais possivelmente não gozaram dessas regalias e as oportunizaram para sua prole. Assim, estão habituados a obter com facilidade o que querem e, portanto, os membros dessa geração dificilmente se sujeitam às tarefas subalternas de início de carreira e costumam lutar por salários ambiciosos, desde cedo. A respeito da Geração Y e a sua relação com o contexto organizacional que está presente na produção da subjetividade desses indivíduos, Perrone *et al.* (2012) assinalam:

Em função de suas características, tornou-se um desafio para as empresas lidar com os indivíduos da Geração Y. A imagem das organizações é a de que esses jovens escapam aos fatores restritivos e têm algo de não domesticável. Ao mesmo tempo, são altamente inventivos e inovadores, são trabalhadores relacionais, imersos em fluxos de todas as ordens, com uma inteligência associada ao coletivo, produzindo constantemente novas figuras de subjetividade. A resistência e a criação caminham juntas, e este é paradoxo que demanda uma nova ação das empresas. A recusa de uma

⁵ Embora a revista citada não seja um periódico científico, a sua utilização se justifica, porque a reportagem aponta questões que serão trabalhadas como alguns pontos teóricos, ao longo desta Dissertação.

relação de trabalho – que pode ser mais bem definida como a recusa da alienação da vida – é parte fundamental para o investimento pessoal na inovação e desenvolvimento para a nova geração. (PERRONE *et al.*, 2012, p. 553).

Nesse passo, esses jovens mostram uma nova forma de agir em sociedade. Com as dificuldades de inserção profissional, amplia-se o tempo de estudos, com o intuito de alcançar atividades laborais mais estáveis e menos precárias (ROCHA-DE-OLIVEIRA; PICCININI; BITENCOURT, 2012).

Outros aspectos importantes da “Geração Y” remetem a um contexto no qual a liberdade sexual e a ampliação jurídica dos direitos matrimoniais possibilitaram a diversidade dos períodos de experimentação da vida a dois. Logo, dissolvem-se marcos de passagem bem delimitados, e a juventude passa a ser compreendida como um período de moratória para a chegada à vida adulta (ROCHA-DE-OLIVEIRA; PICCININI; BITENCOURT, 2012).

3 NINHO CHEIO

Desde o nascimento até o fim do seu ciclo vital, o ser humano vive etapas de vida marcadas por constantes mudanças físicas e psíquicas, atreladas ao contexto social que o cerca. Na sociedade ocidental, durante muitos anos, esperava-se que o jovem, ao adquirir uma maturidade para o trabalho ou após o término dos estudos, transitasse para a denominada fase adulta, oportunidade na qual deixaria a casa dos pais e conquistaria o mundo por si só.

Entretanto, para Silveira e Wagner (2006), embora, ao longo de muitos anos e durante várias gerações, fosse comum que, ao atingir a etapa adulta, o indivíduo deixasse o lar dos pais, com a finalidade de construir a sua família, aquele velho bordão que dizia “os filhos a gente cria para o mundo” tem sofrido mudanças, na contemporaneidade, o que caracteriza diversos reflexos nas relações vividas.

Segundo Bertoldo *et al.* (2018), é cada vez mais frequente a extensão da convivência familiar, com a permanência de filhos adultos na casa de seus pais, fenômeno denominado pela literatura pesquisada como “ninho cheio”⁶, que, de acordo com Müller (2018), passou a ter destaque no país, após pesquisas do campo da Psicologia, iniciadas pela Professora Ceneide M. Cervený, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, no Programa de Pós-Graduação de Psicologia (1995).

Seus estudos constataram características divergentes a respeito do “ninho vazio”⁷, encontradas na obra de Carter e McGoldrick (1995), sobre o ciclo de vida familiar. A literatura internacional de alguns países capitalistas, como atestam Henriques, Jablonski e Féres-Carneiro (2004), também demonstrou o aumento no fenômeno do “ninho cheio” e, assim como no Brasil, em famílias de nível socioeducacional mais elevado e no decorrer da chamada fase do “ninho vazio”.

A geração de filhos que têm prolongado o tempo de permanência na casa dos pais é designada por alguns termos, tais como “geração canguru”, “ninho cheio”, “filho bumerangue”, dentre outros. O “ninho cheio” é caracterizado pelo(s) filho(s) que prolongam sua convivência e coresidência na casa dos pais, através dos filhos “cangurus” e “bumerangues” (FIGUEIREDO, 2008).

A “geração canguru”⁸, constituída na família de classe média brasileira, abriga

⁶ Conforme Müller (2018 *apud* CERVENY; BERTHOUD, 2009), o termo “ninho cheio” correspondente ao fenômeno da “geração canguru” e/ou se identifica a saída dos filhos da convivência doméstica (por motivo de casamento ou independência financeira) e do retorno à mesma, conhecidos respectivamente por fenômeno do tipo “filhos bumerangues”.

⁷ Fenômeno encontrado na fase estabelecida pelo ciclo vital familiar americano, quando a família fica novamente reduzida ao casal, com a saída dos filhos de casa (CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

⁸ Expressão empregada pela mídia e academia, por fazer analogia entre o desenvolvimento biológico do mamífero marsupial australiano (cuja fêmea abriga os filhos em uma bolsa ventral) e a relação familiar na qual

jovens de ambos os sexos, os quais, embora considerados aptos para uma vida profissional, parecem ainda não estar preparados para a vida fora dos limites da casa dos pais (HENRIQUES; JABLONSKI; FERES-CARNEIRO, 2004). É importante frisar que, de acordo outro artigo, “A doce vida dos cangurus”, também publicado na revista *Galileu* (1999), a “geração canguru” desconsidera os filhos adultos que moram com seus pais, por não ter condições financeiras, seja por estar estudando, seja pelo fato de não ter emprego, bem como não podem ser rotulados de filhos-cangurus os jovens adultos que ali residem, porque necessitam cuidar dos pais e familiares.

O termo “geração bumerangue”⁹ tem sido muito utilizado nos Estados Unidos e Canadá, pois, para Figueiredo (2008), também seria uma causa responsável pelo enchimento do ninho, uma vez que se refere àquele que, embora tenha saído da casa dos pais, independentemente do que o motivou, retorna ao lar parental. De qualquer maneira, para Gallagher (2013), apesar de ainda não possuírem uma denominação unificada, os jovens adultos que moram com os genitores vêm chamando a atenção da população e provocando diferentes opiniões, desde a ideia de conforto e acomodação até a percepção de incômodo, em função da dependência dos pais.

No presente estudo, o objeto principal será fundamentado pelo termo “ninho cheio”, por entendermos ser um conceito mais abrangente, já que o “ninho” (casa dos pais) pode estar “cheio”, devido à permanência ou volta do filho “canguru” e/ou “bumerangue” (FIGUEIREDO, 2008). Ademais, como o objetivo do trabalho é entender as repercussões que essa organização familiar desencadeia na articulação dos vínculos amorosos desses jovens adultos, também se faz relevante ampliar os contextos que levaram esse jovem a viver na casa dos pais.

Na reportagem apresentada no jornal digital *El País*, com o título de “Geração Canguru, os jovens que escolheram não sair da casa dos pais”, Mendonça (2017) afirma que os brasileiros de classe média estão adiando, cada vez mais, a saída da casa de seus genitores, pois um em cada quatro jovens, entre 25 e 34 anos de idade, ainda vive com a família. A autora ressalta que os motivos que mantêm esses jovens adultos presos ao ninho estariam ligados ao fato de passarem mais anos dedicados aos estudos, aos casamentos mais tardios, ao alto custo de vida nas grandes cidades, a fatores emocionais e econômicos.

Vale ressaltar o estudo “Síntese de Indicadores Sociais (SIS): uma análise das condições de vida da população brasileira 2016”, em cujos dados se atesta que a configuração das famílias e arranjos têm se modificado em razão da dinâmica social, de

o(s) filho(s) jovem(ns) adulto(s) adiam sua saída de casa, prolongando a convivência com seus pais (HENRIQUES; JABLONSKI; FERES-CARNEIRO, 2004).

⁹ A socióloga Mitchell (2005) define o fenômeno “geração bumerangue” como a volta dos filhos para a casa dos pais, depois da entrada no mundo adulto.

mudanças no perfil demográfico e na legislação vigente. Com efeito, os dados referentes às informações sobre famílias e arranjos que fundamentaram as informações apresentadas foram obtidos por meio da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, do IBGE.

De acordo com a psicoterapeuta Tereza Kawall (2015), deixar a casa dos pais é um ritual de passagem no qual se configura a separação da origem, daquilo que é familiar e conhecido – um período importante para a avaliação das próprias ideias e valores, além dos potenciais ainda latentes. Essa experiência poderá ser vivenciada de uma maneira dolorosa ou gratificante, todavia, a dor da partida se expande, quando os pais não encorajam essa transição. O papel dos pais e a forma como a família se articula diante desse processo de separação têm muita relevância para que, de fato, ocorra, porque os genitores, se podem permitir a partida de seus filhos, também podem enredá-los a permanecer na teia familiar. Caso isso aconteça, a organização familiar estará voltada para dificultar a saída de seus filhos de casa e não em auxiliá-los na consolidação de seu processo de individuação, autonomia e separação (SILVEIRA; WAGNER, 2006).

O estudo “Os pais e a transição do jovem para a vida adulta”, realizado por Kublikowski e Rodrigues (2014), utilizando a entrevista semiestruturada com casais e mães solteiras com filhos entre 25 e 30 anos, teve o intuito de compreender como os pais percebem seus filhos, na transição para a vida adulta. Os resultados demonstraram que a relativização da importância do casamento, da independência financeira e da saída do lar parental favorece um novo olhar para a adultez, o qual passa a ser compreendida como um processo baseado no valor moral da responsabilidade e na maturidade da interdependência. No entanto, posições ambivalentes quanto à condição adulta, por parte de alguns filhos, nos levam a refletir que a construção da identidade adulta pressupõe uma transição do ciclo vital familiar, o que exige uma ressignificação da parentalidade.

O artigo “Ninho cheio: perspectivas de pais e filhos”, de Rava e Vieira (2012), relata uma investigação que objetivou compreender os aspectos psicológicos e psicossociais envolvidos na permanência do adulto jovem na casa parental, incluindo a perspectiva dos pais sobre o fenômeno. Nesse sentido, por meio de uma pesquisa qualitativa efetuada com duas famílias com filhos em idade entre 20 e 34 anos, entendeu-se que, para as famílias, os motivos para o prolongamento da convivência familiar giram em torno das facilidades e conforto que o lar parental propicia aos jovens.

De acordo com as reflexões de Rava e Vieira (2012), no decorrer do tempo, observa-se que, diante das mudanças nas configurações e no pensamento das famílias, houve significativas transformações na maneira como o grupo familiar é compreendido e como concebe seus membros. As autoras afirmam ainda que, na visão de Groisman (2000),

no caso do fenômeno “ninho cheio”, o fator transgeracionalidade pode ser importante na sua ocorrência, mas não é determinante, pois, em algumas famílias, apesar de os jovens estarem cientes de que seus pais e avós saíram cedo de casa, atualmente, os adultos jovens parecem não seguir esse modelo familiar. Rava e Vieira (2012) consideram que outro fator importante para permanência dos jovens adultos na casa dos pais pode estar relacionado com o fluxo das ansiedades, tanto no âmbito dos estressores verticais como horizontais, fundamentação teórica trazida pela teoria sistêmica.

Carter e McGoldrick (1995), por sua vez, conceituam os estressores verticais e horizontais. Para os autores da teoria sistêmica, o vertical estaria associado a padrões de comportamento e relacionamento que são transmitidos através das gerações, incluindo crenças, tabus etc. Já o horizontal inclui as ansiedades adquiridas através da transição do ciclo, à medida que o sistema familiar avança no tempo, englobando tanto estressores previsíveis como imprevisíveis, como, por exemplo, uma morte prematura ou uma doença crônica.

Rava e Vieira (2012) apontam a importância dos estressores verticais e horizontais no fenômeno “ninho cheio”, especialmente pelo fato de a lealdade com relação aos pais ser um fator importante na permanência dos filhos na casa dos pais, porque podem ali permanecer até que consigam cumprir as expectativas de seus pais quanto ao seu futuro. Os autores levam em conta, ainda, a importância em refletir sobre os mitos e crenças familiares e suas mudanças; assim, o mito de que em determinada idade os filhos saíam de casa e entravam na vida adulta vem se alterando, ao longo dos anos, com o comportamento dos filhos em estenderem a permanência no lar parental.

Considera-se a busca por uma boa qualificação profissional, para se ter uma estabilidade financeira e dar continuidade às facilidades vividas, um dos principais fatores que podem contribuir para a permanência de jovens adultos no lar parental. Nessa perspectiva, o estudo de Silveira e Wagner (2006), relatado no artigo “Ninho cheio: a permanência do adulto jovem em sua família de origem”, procura analisar os aspectos psicossociais do adulto jovem solteiro de ambos os sexos, em seu processo de permanência na casa dos pais. O trabalho, realizado por meio de uma entrevista semiestruturada com adultos entre 27 e 35 anos, concluiu que o grande motivador para que os jovens adultos permaneçam na casa dos pais repousa na dificuldade que os mesmos encontram de se inserirem no mercado de trabalho e de obterem melhores salários, combinada com a segurança e o conforto desfrutado por morar com seus genitores.

Para Borges e Magalhães (2009), a permanência mais longa do jovem na casa dos pais é observada, significativamente, nos estratos médios e altos da sociedade brasileira, porque são mais evidentes estilos de vida constituídos a partir de valores individualistas e igualitários. As autoras realçam que esse fenômeno é proveniente tanto do contexto

contemporâneo vivido pelo mundo público, pela instabilidade das relações de trabalho e inseguranças, quanto por fatores relativos ao mundo privado da família, através da mutualidade das relações entre seus membros.

Nessa vertente, Gallagher (2013) vê o prolongamento da convivência familiar como possível consequência da instabilidade proporcionada pelo contexto atual, segundo o qual o jovem contemporâneo convive com a incerteza, quer no campo profissional, quer no afetivo, encontrando suporte, muitas vezes, na vida em família. Assim, segundo a autora, entre o desamparo e o conforto na casa da família, pois esta tem oportunizado mais diálogo entre seus membros, é cada vez mais comum que a mencionada juventude prefira o aconchego do lar de seus genitores, que os protege da dura realidade fora dos muros da família.

Araújo (2009) conclui, que num mundo incerto e impessoal, os indivíduos tendem a buscar vínculos afetivos mais frouxos, livres do compromisso e de amarras institucionais, acentuando, desse modo, o sentimento de desamparo e a necessidade de referências mais estáveis na constituição do sujeito, especialmente buscado no ambiente familiar. Na visão de Borges e Magalhães (2009), o prorrogamento da saída de casa pelos jovens simboliza a constituição de um “novo” tipo de relações familiares, no qual persiste a tensão de conciliar práticas hierárquicas e individualistas que operam nas famílias contemporâneas.

Nesse passo, Henriques, Jablonski e Feres-Carneiro (2004) asseguram que o ingresso no mundo adulto é marcado por uma série de transições, as quais percorrem o tempo de estudo para o trabalho, a troca da casa dos pais para moradia própria, o *status* de filho para o de pai, dentre outras. Ao prolongar a estadia na residência dos genitores, os jovens adultos não evoluem da condição de dependência para a autonomia. Para os autores, “[...] o jovem adulto se caracteriza como um adulto em potencial e, apesar de possuir recursos de adulto, não os utiliza em todas as suas possibilidades.” (p. 13).

Nessa linha, Henriques (2003) aponta os fatores que podem estar envolvidos na permanência dos filhos adultos na casa parental: o alto grau de investimento na vida profissional; o pouco valor dado à independência individual; a diminuição dos conflitos intergeracionais ou a sua neutralização; a ambivalência dos pais, quanto à saída dos filhos de casa; as escolhas profissionais cada vez mais difíceis, pelas escassas oportunidades do mercado de trabalho; a permissão para o sexo na casa dos pais; o conforto e o padrão de vida usufruídos na convivência familiar; o isolamento do grupo familiar em relação à sociedade, reproduzido, em menor escala, no isolamento dos próprios membros na casa, pois, em alguns quartos da casa, os jovens possuem apartamentos quase completos; o adiamento do casamento; as baixas expectativas e exigências nos relacionamentos afetivos.

Com isso, tem crescido o número de jovens que prorrogam compromissos de ordem

social e afetiva; para compreender isso, é importante o intuito de entender como esses jovens adultos lidam com suas vinculações amorosas, no momento em que a contemporaneidade tem resultado em relações frágeis e, muitas vezes, pouco duradouras, marcadas pela presença de um consumismo exacerbado e uma sociedade narcísica, atenta nas redes sociais.

4 JOVEM ADULTO CONTEMPORÂNEO E VÍNCULO AMOROSO

A seguir, apresentamos o arcabouço teórico conceitual, fundamentado no jovem adulto contemporâneo, tanto em seu contexto social, como familiar e afetivo, assim como as considerações psicanalíticas sobre o vínculo amoroso, de modo a compreender a articulação vincular na atualidade.

4.1 O jovem adulto na contemporaneidade: repercussões do contexto social e familiar

A sociedade contemporânea nos coloca em contato com um cenário impermanente e instável. Considerando as pesquisas desenvolvidas nessa temática, para o jovem deste contexto, conviver com a constante sensação de insegurança em relação à carreira profissional, à vida amorosa e ao futuro tem repercutido no prolongamento de sua estadia na residência de seus pais, surgindo, assim, uma nova forma de organização familiar. Entre o desamparo do “mundo lá fora” e o conforto na casa da família, muitos jovens têm optado pelo aconchego da casa de seus genitores, uma vez que esta tem oferecido cada vez mais diálogo entre os membros (GALLAGHER, 2013).

Ademais, as relações entre as diferentes gerações familiares estão se tornando mais vantajosas, devido à predominância da ideologia igualitária nas famílias, nos dias atuais (GALLAGHER, 2013). Araújo (2009) destaca que a tendência é que os membros da família procurem estabelecer relações mais democráticas, buscando o diálogo, o respeito às diferenças e a divisão de responsabilidades, de modo mais igualitário para todos. Dessa maneira, a distância hierárquica entre pais e filhos, vividas especialmente no período patriarcal, vem se dissolvendo e a interação mais horizontal é instaurada entre seus membros.

De acordo com Araújo (2009), no período patriarcal, na primeira metade do século XX, o sujeito era subordinado ao interesse do grupo familiar, devendo sempre adequar sua conduta e história de vida aos anseios desse grupo. Para o autor, na medida em que a estabilidade e a continuidade da família eram mais valorizadas do que os aspectos emocionais de seus membros, tal subordinação era dificilmente indagada. Assim, a autoridade do pai deveria ser respeitada, e o desejo do filho, seja em suas escolhas profissionais, seja nas amorosas, ficava atrelado ao desejo desse pai.

Noutro passo, segundo Lins (2012), com a possibilidade de liberdade e igualdade entre seus membros, o casamento passou a ser regido por contrato civil e composto pela vontade de duas partes estarem juntas. Dessa feita, o casamento passa a ser o provedor principal da família nuclear e os papéis masculinos e femininos começam a ser bem definidos. As mulheres eram responsáveis pelos afazeres domésticos e o bem-estar dos

filhos e do marido, sendo reprimidas sexualmente. Em contrapartida, aos homens cabia apenas o papel de chefe de família, provedor econômico, com total liberdade e mais espaço para viver uma vida social.

Já na segunda metade do século XX, a família nuclear patriarcal foi dando espaço à família pós-moderna, caracterizada pela possibilidade de diversos arranjos conjugais e com relações mais flexíveis entre seus membros. Dessa maneira, passa a vigorar uma era pautada pela igualdade de direitos, e a sociedade patriarcal baseada na hierarquia enfraqueceu-se, nascendo, assim, uma sociedade regida por ideais igualitários (GALLAGHER, 2013).

Para Sennett (1974), as relações igualitárias surgiram, quando as relações sociais passaram a ser personalizadas, ou seja, a impessoalidade da esfera pública foi quebrada, dando lugar a uma sociedade que busca a intimidade. A partir da ideologia da intimidade, os indivíduos passam a externalizar sua intimidade perante a esfera pública. Logo, a aproximação entre os indivíduos passa a ser vista como um bem moral, enquanto a impessoalidade é vista como um mal, na sociedade.

Para Henriques (2004), esse processo de horizontalização das relações neutralizou a possibilidade de crise entre a geração dos filhos e a dos seus genitores. Os filhos, em muitos casos, são considerados mais espertos, mais rápidos e capazes que os pais, como, por exemplo, para utilização das novas tecnologias, podendo haver uma inversão hierárquica entre eles. Conforme a autora, o aumento do número de adultos que moram com os pais é influenciado pela igualitarização das famílias. Ela conclui que a família igualitária constitui um espaço no qual coexistem acordos e interesses complementares que têm por intuito prolongar sua convivência.

Sobre a simetria das relações entre pais e filhos, a qual aparece de forma muito acentuada na sociedade contemporânea, Rojas (2010) faz as seguintes considerações:

En las familias de hoy tiende a acentuarse la simetría de la relación parentofilial, mientras que en algunos casos hasta se invierte; se entrega el poder a los hijos y esto conlleva situaciones de verdadero desamparo. Dicho de otro modo: la igualdad generacional, cuando se extrema, da lugar a formas de violencia invisible, íntimamente ligadas con el déficit en los lazos protectores. En lo que a intervenciones se refiere y en relación con esto, el analista familiar se ve convocado a demarcar en su hacer y decir las diferencias intergeneracionales. Por lo demás, ante las carencias de respuesta y sostén, en una sociedad poco cuidadora, donde los propios adultos se hallan a menudo desvalidos y temerosos, suele plantearse a niños y adolescentes un exceso de responsabilidad y decisión, a la par que fuertes exigencias. En este contexto, los descendientes suelen ser pensados y ansiados como sede idealizada del saber y del poder: ello constituye una expectativa de realizaciones y perfección que equivale a la encarnadura del Yo Ideal. (ROJAS, 2010, p. 05).¹⁰

¹⁰ Nas famílias de hoje, a simetria da relação pai-filho tende a ser acentuada, enquanto, em alguns casos, é até invertida; o poder é entregue às crianças e isso leva à situação de verdadeiro desamparo. Em outras palavras: a equalização geracional, quando extrema, resulta em formas invisíveis de violência, intimamente ligadas ao déficit de laços protetores. No que diz respeito às intervenções a isso, o analista de família se vê chamado a

Dentre as repercussões do mundo contemporâneo no contexto familiar e a posição ocupada pelo jovem adulto, diante de sua família, podemos citar suas dificuldades em encontrar segurança para adquirir um trabalho estável, que garanta o mesmo padrão de vida oferecido na casa dos pais, o que tem refletido inclusive na constituição dos vínculos amorosos desse sujeito, bem como na postergação de suas escolhas afetivas para momento posterior, em face de suas conquistas profissionais.

Nesse contexto, Bauman (2000) enfatiza que o mundo do trabalho sofreu transformações consideráveis, ao tornar-se mais flexível, vez que o capitalismo pesado passa a ser substituído pelo capitalismo leve, caracterizado pela inconstância e imprevisibilidade. O emprego estável é substituído pelo trabalho por contratos de curto prazo, ou até mesmo sem contratos e posições sem cobertura previdenciária.

Portanto, a vida do trabalhador está repleta de incertezas, oportunidade em que a família aparece como ponto de apoio para esse sujeito. Assim, o jovem adulto que mora com os pais está inserido nesse contexto efêmero e imprevisível, o qual afeta suas relações amorosas e suas perspectivas de sair de casa para casar-se.

Nesse contexto, para Alves (2021), essa cultura, denominada narcísica por diversos autores e ligada aos desígnios do capital, interfere na capacidade de reinvenção do sujeito, porque oferece um amplo espectro de objetos para se identificar, e tudo está instável e sem continuidade. Embora o sujeito tenha afinidade com muitos deles, há pouco pertencimento, não há tempo e investimento em algo sólido e duradouro, em um mundo de tantas opções. A busca é por novas experiências e prazeres instantâneos, com um sujeito mais centrado em si mesmo, preocupado com a imagem e a estética, individualista, performático, em uma sociedade consumista, acelerada e ansiosa.

Zordan, Falcke e Wagner (2009) ressaltam que o casamento não está entre os principais projetos de vida dos adultos jovens solteiros, os quais apresentam, como prioridade, o sucesso profissional e a realização pessoal. Para os autores, atualmente, o casamento é concebido mais como plano futuro, algo que pode vir a acontecer e não como uma finalidade a ser alcançada e pela qual os jovens estejam dispostos a lutar.

Zanetti (2012) entende que os sujeitos da atualidade se voltaram para suas carreiras, atividades, projetos, *hobbies*, e optaram por resolver os seus conflitos longe do outro, já que

demarcar, em seu fazer e dizer, as diferenças geracionais. De resto, dada a falta de resposta e apoio, numa sociedade pouco cuidadora, onde os próprios adultos são frequentemente desamparados e medrosos, muitas vezes é criado, com crianças e adolescentes, um excesso de responsabilidade e decisão, bem como fortes exigências. Nesse contexto, os descendentes são muitas vezes pensados e desejados como a sede idealizada do conhecimento e poder: constituem uma expectativa de conquistas e perfeição que equivale à encarnação do Eu ideal.

o outro é visto como fonte ameaçadora da construção subjetiva. A autora acrescenta que tais sujeitos não possuem esperanças de resolver questões de ordem inter ou transgeracionais, por exemplo, buscando alguém que fosse diferente do modelo dos pais. Na linguagem deles, o outro machuca, é incompreensível, destrói, atrapalha. Fechar-se narcisicamente é a melhor saída, pois, nesse contexto, abrir mão de algo em prol do outro é quase sinônimo de abrir mão de si.

Pais (2006) destaca que, diante dessa insegurança vivida pelos jovens, no mundo do trabalho, é comum o fato de esses sujeitos saírem da casa dos pais para um dia qualquer retornarem; abandonam os estudos, para futuramente os retomar; começam um emprego, para logo depois se verem sem ele. Como consequência, é comum que o jovem tenha a tendência a relativizar desde o valor dos diplomas até a segurança de emprego.

4.2 Considerações psicanalíticas sobre o vínculo amoroso

O conceito de “vínculo”, fundamental para a Psicanálise de Casal e de Família, recebeu grandes contribuições de Bion (1970), Berenstein e Puget (1993) e Kaës (1997), em seu desenvolvimento e compreensão. O conceito abrange a construção intersubjetiva entre os sujeitos, oportunidade na qual cada ego dos membros envolvidos em uma relação tem importância na constituição desse novo campo, surgido por meio dessa ligação.

Nesta pesquisa, o termo “vínculo” será utilizado para descrever uma relação entre dois sujeitos e um laço que os une, ou seja, dois egos que se encontram em uma relação intersubjetiva, na qual estão presentes elementos conscientes e inconscientes dos sujeitos envolvidos. Além disso, no vínculo, cada um dos sujeitos traz uma representação vincular inconsciente, constituída desde os primórdios da matriz intersubjetiva marcada pela presença do outro. Tal vínculo proporciona ao sujeito um sentimento de pertença, um compartilhamento, o qual faz desse indivíduo parte de um conjunto (WEISSMANN, 2008).

Para Weissmann (2008), ao mencionarmos a configuração vincular, enfatizamos dois sujeitos ou mais, num cenário que se compõe como modo de produção de subjetividade e cujos laços traçam uma determinada vinculação entre eles. Essa estrutura apresenta aspectos conscientes, associados ao relacionamento em si, momento em que a presença do outro é fundamental, além de aspectos inconscientes, ligados ao próprio vínculo.

O espaço intersubjetivo refere-se ao espaço psíquico formado pelo encontro de dois sujeitos; os vínculos particularizam esse campo de encontro, por meio de um conector que faz a ligação entre eles. A partir de uma relação vincular vivida por dois ou mais integrantes, constrói-se esse espaço comum entre eles, com suas respectivas representações vinculares, vínculos esses que tecem subjetividade. Em sua obra *Um singular plural*: a

psicanálise à prova do grupo (2011), René Kaës traz o sujeito singular como alguém que traça sua subjetividade em função de uma conexão com o outro; nessa linha, conceitua a intersubjetividade:

Chamei de intersubjetividade a estrutura dinâmica do espaço psíquico entre dois ou mais sujeitos. Esse espaço comum, conjunto, partilhado e diferenciado compreende processos, formações e uma experiência específicos, por meio dos quais cada sujeito se constitui, por um lado que concerne a seu próprio inconsciente. Nesse espaço, sob certas condições, especialmente da libertação das alianças que o mantêm submetido aos efeitos do inconsciente, mas também que o estruturam, um processo de subjetivação torna possível tornar-se Eu pensando seu lugar de Sujeito no interior de um Nós. (KAËS, 2011, p. 224).

Ademais, Kaës *et al.*, na obra *Transmissão da vida psíquica entre gerações* (2001), concebem o grupo familiar como espaço originário da intersubjetividade, na medida em que antecede o sujeito e se estrutura por uma lei social constitutiva, estabelecendo entre os sujeitos que o compõem relações de diferença e complementaridade. Para tanto, na análise da transmissão psíquica intersubjetiva, os autores elegem três objetos principais:

As formações intersubjetivas primárias: são elas que garantem as condições de possibilidade do espaço e dos vínculos intersubjetivos, sobretudo os apoios recíprocos, os investimentos narcísicos e as exigências de separação; o espaço e os vínculos que formam a realidade psíquica do conjunto intersubjetivo: é nesse conjunto que são apresentados os enunciados relativos aos interditos fundamentais e colocadas em funcionamento as predisposições significantes utilizáveis por cada sujeito em sua atividade de representação, e por vários sujeitos para se comunicarem entre si. É também nesse conjunto que se constituem, segundo uma dupla lógica intrapsíquica e intersubjetiva, os objetos e os laços de identificação e, por conseguinte, as estruturas básicas do Ego e do Superego; o complexo de Édipo, namedida que ordena as relações de desejo e de interdito entre os sujeitos, na medida que reconstrói no campo da representação as diferenças entre os sexos e as gerações e as identificações correspondentes. (p. 30-31, grifo nosso).

Conforme Correa (2004), o espaço psíquico comum ao grupo familiar, que estrutura a intersubjetividade desse grupo, é constituído por um revestimento de essência genealógica o qual se desenrola em constante evolução, podendo ser alterado pelos acontecimentos internos do grupo, como nascimentos, separações, acidentes, mortes etc.

De acordo com Weissmann (2008), a subjetividade se constitui através das experiências singulares que compreendem o mundo infantil e também as experiências de estar e fazer em vínculo com o outro. Cada sujeito se compõe por uma rede de vínculos, conformando-se à especificidade de cada um, como um entrelaçamento que vai sendo formado ao longo das suas vivências. A formação e o enriquecimento do vínculo são potencializados pela força que a alteridade e a marca de diferença apresentada pelo outro repercutem na relação vincular.

Ademais, Weissmann (2008) afirma que os indivíduos constituem seus objetos internos por meio das suas identificações com objetos externos significativos, ao longo de sua história. As representações intrapsíquicas que atribuem uma constituição particular ao espaço intrassubjetivo de cada ser humano delineiam um percurso desde o nascimento do sujeito, construindo a história das pegadas infantis. Essas representações intrassubjetivas permitem que o indivíduo tenha um registro do objeto externo, mesmo quando ausente. Através do desejo norteado pela busca de outro objeto que funcione como objeto intrassubjetivo, o indivíduo encontra os outros sujeitos significativos para ele.

Os vínculos são muito importantes na produção de subjetividade, pois é com base na relação com o outro que o sujeito dá espaço ao novo. A tarefa de se vincular poderia ser considerada um trabalho de construção a partir do outro, porque, a fim de que cada sujeito consiga realmente se vincular, é necessário que esteja presente uma percepção de alteridade entre esses sujeitos. A dificuldade encontrada pelo sujeito em aceitar o outro como alteridade é um obstáculo presente em todo vínculo, vivenciado pela dor do reconhecimento do alheio do outro, mas também pela possibilidade de enriquecimento da subjetividade que esse reconhecimento enseja fazer realizar, através do vínculo (WEISSMANN, 2008). Nessa perspectiva, Kaës (2011) assinala:

A análise da aparelhagem das psiques nos ensinou como o vínculo mobiliza a energia pulsional em cada um dos membros e se organiza tendo em vista o domínio e a transformação das excitações cujo acúmulo corre o risco de ser patogênico. O aparelho do vínculo é uma organização metapsíquica de gestão e de transformação das psiques individuais, mas também uma estrutura que as forma e informa. (KAËS, 2011, p. 229).

Conforme Rojas (2013), ao mesmo tempo que o vínculo entre um casal é formado, seus membros são transformados pelo “entre” que geraram. Cada um, com sua história de vida e singularidade, contribuindo para o encontro – um encontro com uma dimensão criativo-produtiva que transforma a subjetividade de seus participantes. A autora alude também à importância da ilusão presente nos relacionamentos, desde que não apareça de forma exagerada ou até mesmo simbiótica:

Como vamos viendo, en el vínculo de pareja se juegan al mismo tiempo distintas dimensiones: una de ellas, la vertiente de la ilusión. Ilusión de unidad, de fusión narcisista, tendencia a la semejanza. Esto no es necesariamente patológico, deviene tal si la pareja lleva al extremo la fusión afectando singularidades. No obstante, si desaparece totalmente la ilusión no hay pareja. Es ficticio pensar evolutivamente, primero la pareja está enamorada y después, en una segunda etapa, aparece el amor, casi alteridad pura. El amor reconoce al otro, sí, incluye la alteridad, pero implica también momentos de ilusión, de plenitud narcisista. Estas dimensiones conviven en cada vínculo en todos los momentos de la vida; van siempre anudándose y desanudándose, con distintos predominios.

(ROJAS, 2013, p. 34)¹¹.

Nessa vertente, em sua obra *Alianças Inconscientes* (2014), Rene Kaës trata do acordo amoroso na relação de casal, realçando ser reencontro de um pacto narcísico perdido. Todavia, o autor afirma que esse acordo não pode ser fundamentado unicamente pelo narcisismo e sua incompletude ilusória, devendo ser composto por, pelo menos, algo de complementaridade e diferença:

Para constituir um casal, sempre aparece a necessidade do acordo, do comum (do incomum), das zonas de indiferenciação, do imaginário do Um, mas também de espaços e de objetos compartilhados que não são, por sua vez, nem absolutamente de um e nem absolutamente de outro, e que são, entretanto, tanto de um quanto de outro. A relação de casal é desse ponto de vista uma configuração particular diversa de todas as demais relações, mas ela inscreve-se eletivamente nessa proposta de que a relação é uma experiência dessa realidade psíquica inconsciente em que os processos e as formações são governados pela lógica de que “não há o um sem o outro e sem o conjunto que eles formam, que os liga e que os define”. (KAËS, 2014, p. 158).

Na perspectiva de Bonafé, Colavin e Zanetti (2013), em um vínculo amoroso, é importante que as partes envolvidas consigam elaborar as diferenças presentes no outro, especialmente o que as afeta de maneira negativa, ou seja, o que escapa às exigências e expectativas conscientes e inconscientes projetadas em seu par. No entanto, para os autores, esse trabalho de elaboração muitas vezes precisará percorrer um processo de trocas intersubjetivas, pelo diálogo e respeito às particularidades do outro.

Atualmente, vivemos em uma sociedade na qual o enfrentamento da alteridade e o respeito às diferenças são considerados obstáculos para que relacionamentos amorosos duradouros sejam mantidos, ou até mesmo buscados pelos sujeitos. Os compromissos não aparecem mais como uma exigência social, enquanto o “ficar”, já há algum tempo, parece ser uma moda que “pegou” e veio para trazer, não só liberdade, mas também comodidade aos indivíduos que querem se relacionar, sem se implicar ou ter maiores responsabilidades demandadas por um contrato amoroso estável.

Almeida (2014) enfatiza que os relacionamentos amorosos são importantes na vida humana, por darem sentidos e significados diversos aos enfrentamentos das dificuldades presentes no cotidiano. Há aqueles que dizem não serem afetados pelo amor, seja ele o amor próprio, seja alheio, todavia, embora o isolamento seja uma possível condição de

¹¹ Como estamos vendo, no vínculo do casal, diferentes dimensões são tocadas ao mesmo tempo: uma delas, o lado da ilusão. Ilusão de unidade, de fusão narcísista, tendência à semelhança. Isso não é necessariamente patológico: torna-se tal, se o casal leva ao extremo a fusão que afeta singularidades. No entanto, se a ilusão desaparecer totalmente, não haverá parceiro. É fictício pensar evolutivamente; primeiro, o casal se apaixona e, depois, num segundo estágio, aparece o amor, alteridade quase pura. O amor reconhece o outro, sim, inclui a alteridade, mas também implica momentos de ilusão, de plenitude narcísista. Essas dimensões coexistem em cada elo, em todos os momentos da vida; são sempre amarradas e desarticuladas, com diferentes predominâncias.

existência, caso prevaleça, pode se tornar um elemento destruidor para a psique. O autor destaca ainda que a escolha pelos pares e os vínculos dela resultantes podem ter por consequência frustrações e inibições para o sujeito, mas também podem ser terapêuticos e estimular um funcionamento psicológico mais adequado.

Assunção e Guedes (2006) fazem menção às relações *on-line*, que podem resultar num parceiro que não é percebido pelo que ele é, contudo, pelo que ele tenta parecer ser para o outro, até porque o rumo da interação é definido por perguntas e respostas, havendo um maior controle daquilo que será compartilhado. Dessa maneira, mesmo havendo pontos positivos em estabelecer uma conexão *on-line*, inclusive a fim de buscar a “pessoa certa” para um vínculo compromissado, segundo os autores, ela parece ser mais útil na consolidação da fantasia da celebridade do que na formação de vínculos amorosos.

Nesse sentido, Bittencourt (2013) acredita que a insegurança dos jovens e a perda do espírito de desafio na conquista amorosa são o resultado de uma falha na educação, fundamentada por uma cultura centrada nos prazeres e no consumo, sem a presença de limites, ocasionando intolerância às frustrações. As relações virtuais facilitam a comunicação para um possível encontro, sem que sejam necessários maiores esforços ou sentimento de dificuldade. Ademais, o “capitalismo afetivo”¹² (BITTENCOURT, 2013, p. 17) não aceita perda de tempo, principalmente quando uma relação amorosa parece monótona ou sem graça, sendo mais viável e cômodo o término do que o esforço de tentar compreender o outro e renovar os laços. Relações passageiras, conquistadas sem esforços, se conjugam no vazio existencial do capitalismo afetivo.

Para Justo (2005), o fato de estarmos vivendo a era da “instantaneidade”, pautada pelas respostas imediatas, onde tudo funciona 24 horas, é acrescido, além da pronta entrega, do celular, o qual facilita a comunicação a qualquer hora e lugar, bem como ajuda a divulgar nosso “cotidiano” nas redes sociais. Assim, não sendo necessário o adiamento de qualquer satisfação, vive-se o sonho da pronta e plena satisfação, sem a necessidade de conviver com o fantasma da frustração. Psicanaliticamente, isso significaria a soberania do processo primário¹³ sobre o secundário¹⁴.

¹² O termo “capitalismo afetivo” foi empregado pela socióloga Eva Illouz, em sua obra *O amor nos tempos do capitalismo* (2011).

¹³ O narcisismo primário encontra-se na ternura com a qual os pais veem seus filhos, reconhecendo-os como o revivescimento da reprodução do seu próprio narcisismo, há muito abandonado. Os pais atribuem às crianças todas as perfeições que julgam pertinentes e ocultam todos seus defeitos; possuem “[...] tendência a suspender, face à criança, todas as conquistas culturais que o seu próprio narcisismo foi obrigado a reconhecer, e a nela renovar as exigências de privilégios há muito renunciados.” (FREUD, 1914, p. 25).

¹⁴ Por sua vez, no narcisismo secundário, esse ideal do Eu, desfrutado pela criança na infância (FREUD, 2014), encaminha-se para si, ou seja, o narcisismo original é deslocado para o eu ideal, o qual, assim como o sujeito infantil, se encontra pleno e perfeito. O sujeito, incapaz de lidar com a necessidade de renúncia à satisfação já antes experienciada, entra em conflito entre usufruir da condição narcísica infantil ou se privar dela, para viver em sociedade. Como solução, busca readquiri-la, através de um substituto para o narcisismo perdido na infância. “O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal.” (FREUD, 1914, p. 28).

A relação amorosa prevalece depois de decantar a paixão, momento em que o eu consegue migrar do estado narcísico inicial para o estado de alteridade e reconhecer no outro alguém para amar. Trata-se do eu suficientemente constituído e seguro da sua capacidade de transitar por um campo relacional constituído por subjetividades distintas, pois, além de sustentar a relação com o outro, consegue se enriquecer pelo compartilhamento de ideias, afetos e novas experiências (RIOS, 2008).

Conforme Zanetti (2012), a instabilidade dos contratos que norteia a vida contemporânea afeta a estabilidade dos vínculos, interferindo na esperança dos parceiros de se manterem sempre unidos. Como o vínculo amoroso implica o estabelecimento de um contrato no qual há um investimento narcísico, a incerteza com relação ao futuro desse contrato influencia a disponibilidade dos parceiros em tentar resolver os conflitos inerentes ao vínculo e se empenhar para dar continuidade à relação. Segundo Junqueira (2010, p. 424), o mundo se tornou mais fluido, e a incerteza do futuro oferece dificuldades em investir em projetos:

Amar dá trabalho. E o ganho pode parecer pouco – especialmente quando se vive em um mundo como o nosso, que nos cobra a busca por um fictício estado prazeroso ininterrupto. O ganho, que não está previsto nessa conta que soma êxtases, é aquele que não se percebe de imediato: as transformações do eu na experiência da intersubjetividade. Como dito anteriormente, o eu não é um produto pronto e acabado na saída da primeira infância. O eu passa a vida se fazendo e refazendo nas relações com o mundo. A falta de relações intersubjetivas autênticas impossibilita experiências de vida que são imprescindíveis para a felicidade do eu. Ou seja, não nos bastamos, mesmo quando acreditamos que é melhor não gostar de ninguém para evitar sofrimento. Evitamos as dores de amores pelo outro e afundamos nas dores do vazio de si mesmo.

Na investigação “Processos da escolha conjugal sob a perspectiva da psicanálise vincular”, Almeida (2014) faz uma análise das interfaces da formação do vínculo conjugal, tendo por fundamentação as ideias de René Kaës, quanto à constituição do sujeito psíquico, e a abordagem da Psicoterapia Vincular, no que concerne ao processo da escolha de parcerias amorosas.

O referido estudo explica que a existência de uma parceria amorosa é resultado do funcionamento intrapsíquico de cada parceiro, associado ao tipo de vínculo conjugal de cada um desses. A cada nova ligação entre “eu” e um outro, há um novo vínculo estabelecido, portanto, uma nova subjetividade. Cada membro do casal carrega modelos intrapsíquicos da herança intergeracional. Assim, quando ocorre a ligação no vínculo, isso acarreta a produção de uma nova subjetividade, a qual traz as marcas e os conteúdos de cada psiquismo, mas também da ligação específica desses vínculos.

A mencionada investigação considera que alguns itens operacionalizam o funcionamento familiar, como os padrões de realização do desejo de um e de outros, os

padrões de frustração e privações, as defesas vinculares e os pactos denegativos que protegem esses acordos, a fim de mantê-los estáveis, bem como as características da cotidianidade e os projetos compartilhados com o objetivo de criar um ambiente agradável para todos os membros. Todavia, a pesquisa ressalta que nenhum desses fatores, isoladamente, é suficiente para que um sujeito escolha ou se mantenha conectado ao outro, nem são elementos capazes de dar conta da realidade psíquica inconsciente que compartilham.

Em face da fragilidade dos vínculos amorosos contemporâneos, os sujeitos envolvidos nesse enredo podem apresentar dificuldades em manter ou construir tais vínculos. Para que haja um compartilhamento psíquico e um sentimento de pertença entre as partes, além de ser imperioso perceber a alteridade do parceiro, diversas negociações e acordos são necessários, ao lado da flexibilização e ajustes, ao longo do tempo. Assim, como o presente estudo sobre o ninho cheio e como os jovens adultos que vivenciam o fenômeno articulam os seus vínculos amorosos articulados no tecido intersubjetivo, as considerações teóricas expostas são de extrema relevância para uma compreensão abrangente a respeito da vida amorosa e suas peculiaridades, no contemporâneo.

4.3 Amor na contemporaneidade

No decorrer do tempo, as formas e as possibilidades de os casais se vincularem amorosamente revelaram diversas modificações, em cada sociedade, cada qual com seu contexto cultural e seus tabus. No mundo ocidental, vivenciamos uma era na qual presenciamos pessoas com mais autonomia para tomar decisões a respeito de ter ou não um vínculo amoroso compromissado, o que vem acompanhado de um contexto social repleto de meios de comunicações, os quais geram mais oportunidades de exposição e encontros entre os pares, todavia, dificultam a busca de uma satisfação plena em meio a tantas opções e facilidade para as trocas de parceiro.

A psicanalista Regina Navarro Lins reflete sobre a transformação do amor, em sua obra *Novas Formas de Amar* - nada vai ser como antes: grandes transformações nos relacionamentos amorosos (2017), discutindo que, desde a infância, somos condicionados pela busca do amor romântico, de sorte a aprender que só é possível alcançar a felicidade por meio de um romance, o qual traz a ilusão do amor verdadeiro. Desde o século XIX, esse ideal amoroso só passou a ser possível no casamento, já que, anteriormente, os casamentos eram efetivados através de interesses econômicos e políticos.

Para Giddens (1992), o amor romântico surgiu a partir do final do século XVIII, oportunidade em que o complexo de ideias associadas ao amor romântico passou a preconizar um amor com liberdade, coincidindo o seu início mais ou menos com a novela: a

conexão e o desejo de um amor verdadeiro se materializavam na forma narrativa recém-descoberta.

O livro de Elizabeth Roudinesco (2003), denominado *A família em desordem*, aborda a constituição familiar e suas transformações, ao longo do tempo, inclusive a respeito das mudanças sociais que desencadearam uma forma mais aberta na configuração das relações amorosas.

Roudinesco (2003) salienta que, num período entre o final do século XVIII e meados do XX, vigora a família “moderna”, construída por meio de uma lógica afetiva fundada no amor romântico, com reciprocidade dos sentimentos e desejos carnavais por intermédio do casamento. Nesse contexto, gradativamente, a mulher vai assumindo um papel menos submisso, o que valoriza também a divisão do trabalho entre os esposos e coloca o filho como um sujeito a quem se deveria assegurar educação e bem-estar.

Ocorre que, segundo Lins (2017), esse modelo imposto de felicidade, norteado pela fantasia de que o outro me completa, além de não corresponder à realidade, é muito difícil manter tal idealização na convivência cotidiana, quando percebemos os aspectos que nos desagradam no outro. Ademais, a lógica da sociedade capitalista está baseada num viés individualista, no qual cada um almeja desenvolver as suas potencialidades, na vida. De certo modo, esse posicionamento se contrapõe ao que prega o amor romântico, fundamentado na fusão das pessoas e seus interesses em projetos comuns e compartilhados. Nesse contexto, para Roudinesco (2003), desde 1960, passa a existir uma nova configuração familiar, a família dita “contemporânea”, a qual aproxima dois indivíduos em busca de relações íntimas ou realização sexual, numa relação com duração relativa, retratando um período caracterizado pelo aumento no número de separações e recomposições conjugais.

Com o progressivo avanço, o diálogo passa a moldar as relações: amor, paixão e prazer sexual são cada vez mais valorizados, e a modernização da família e da moral passa a vigorar como base da sociedade. A partir das transformações de valores vivenciadas, especialmente nas últimas décadas do século XX, os jovens começam a experimentar as relações sexuais antes do casamento, as mulheres podem dialogar sobre orgasmos de maneira tranquila e o domínio dos métodos contraceptivos consolida essa liberação, impondo a ciência sobre a ideia de pecado sexual (DEL PRIORE, 2006).

Nesse passo, tendo em vista o advento de uma sociedade contemporânea cercada de tecnologias que auxiliam em uma maior produtividade industrial, destacando a mídia e o consumismo na vida das pessoas, tais mudanças foram acompanhadas de uma maior liberdade no estabelecimento de uma relação amorosa e, nesse âmbito, o chamado “ficar” trouxe grandes reflexos, no tocante à fragilidade e insegurança nas relações amorosas.

Para Assunção e Guedes (2006), na atualidade, o sujeito se depara com diversas

opções ao mesmo tempo, o que dificulta uma elaboração favorável e perspicaz a respeito de escolhas a fazer, gerando pessoas impulsivo-compulsivas, ansiosas, depressivas, com dificuldades para lidar com a incerteza do que virá. O sujeito concretiza uma escolha, mas já pensa na opção de fazer outra, nunca se sentindo satisfeito ou tendo feito a “escolha certa”.

Bauman (2004) assinala que as relações atuais são configuradas em meio a uma cultura consumista que propicia o produto pronto para uso imediato e o prazer passageiro, o qual não exija esforços prolongados. Por isso, a promessa de construir uma “experiência amorosa” parece não ter tanto valor diante das outras mercadorias, que seduzem e prometem a satisfação do desejo, sem ansiedade.

Nesse contexto, Bauman (2004) aponta a questão da dificuldade do ser humano em amar o próximo, pois, embora seja um dos preceitos fundamentais da vida civilizada, contraria o tipo de razão voltada para o interesse próprio e a busca da felicidade, trazida pela civilização contemporânea. Não se ama qualquer próximo, porque, se eu amo alguém, essa pessoa deve ter merecido:

Eles o merecem se são tão parecidos comigo de tantas maneiras importantes que neles posso amar a mim mesmo; e se são tão mais perfeitos do que eu que posso amar neles o ideal de mim mesmo... Mas, se ele é também estranho para mim e se não pode me atrair por qualquer valor próprio ou significação que posso ter adquirido para a minha vida emocional, será difícil amá-lo. (BAUMAN, 2004, p. 97).

Nesse sentido, Bauman (2003) enfatiza que as relações não são mais construídas para durar e, em vez de utilizar termos como “relacionar-se” e “relacionamentos”, para descrever suas expectativas e experiências, o homem contemporâneo fala cada vez mais em conexões, ou “conectar-se” e “ser conectado”. Em vez de parceiros, prefere falar em “redes”, as quais serviriam tanto para conectar quanto para desconectar. Nelas, as conexões são instauradas e cortadas por escolha (GALLAGHER; FÉRES-CARNEIRO; HENRIQUES, 2013). Nos tempos atuais, o que observamos, em meio a uma vasta oferta mercadológica, é a relativização da temporalidade das relações amorosas e o comprometimento da qualidade com que as mesmas se desenvolvem. Logo, nós nos deparamos com indivíduos que até procuram por uma relação estável, entretanto, se apresentam um tanto desacreditados no que seria o sonhado lema “felizes para sempre”.

Sobre as relações pessoais e amorosas, na contemporaneidade, e suas facetas diante da atual sociedade consumista, o filósofo Byung-Chun Han, em sua obra *Agonia do Eros* (2012), sustenta que, mais do que estarmos imersos em um contexto liberal com possibilidades ilimitadas, a crise do amor não se concretiza apenas pela oferta de outros *outros*, mas especialmente pela valorização do *Outro*, fruto da narcisificação do si mesmo, alguém isento de alteridade. Para a cultura atual da comparação, o importante é eliminar a

negatividade do outro e, a partir disso, tudo é nivelado e objetificado para o consumo:

O eros aplica-se em sentido enfático ao outro que não pode ser abarcado pelo regime do eu. No inferno do igual, que vai igualando cada vez mais a sociedade atual, já não mais nos encontramos, portanto, com a experiência erótica. Essa experiência pressupõe a assimetria e exterioridade do outro. Não por acaso, Sócrates enquanto amante chama-a de atapos. [...] Hoje, vivemos numa sociedade que está se tornando cada vez mais narcisista. A libido é investida primordialmente na própria subjetividade. O narcisismo não é um amor próprio. O sujeito do amor próprio estabelece uma delimitação negativa frente ao outro em benefício de si mesmo. O sujeito narcísico, ao contrário, não consegue estabelecer claramente seus limites. Assim, desaparecem os limites entre ele e o outro. O mundo se lhe afigura como sombreamento projetados em si mesmo. Ele não consegue perceber o outro em sua alteridade e reconhecer essa alteridade. (HAN, 2012, p. 09-10).

O autor acrescenta que essa negatividade de perceber a diferença frente ao outro com quem busco uma relação afetiva é reforçada, inclusive, através da intensa comunicação pelos meios digitais, pois, dessa forma, mais uma vez buscamos eliminar a distância em relação ao outro, ou seja, ao que difere do eu:

Através dos meios digitais, hoje, tentamos aproximar o outro o máximo possível, buscamos eliminar a distância em relação a ele, produzindo proximidade. Mas, com isso, já não temos mais o outro; antes, fazemo-lo desaparecer. A proximidade é uma negatividade no sentido de que nela está inscrita uma distância. Atualmente, ao contrário, deparamo-nos com a total eliminação da distância. Isso não gera proximidade, mas ao contrário afasta-a. Em lugar de proximidade a falta de distanciamento. A proximidade é uma negatividade. Por isso, ela possui uma tensão. A falta de distanciamento, ao contrário, é uma positividade. A força da negatividade consiste no fato de que as coisas são vivificadas justamente por seu contrário. Falta essa força vivificadora a uma mera positividade. (HAN, 2012, p. 28).

Para Santi (2020), as respostas ao destino inerente ao mundo virtual passam por uma leitura psicanalítica recente, a qual considera que o espaço virtual configura um terceiro mundo, entre os mundos internos e externos – “espaço entre”, o qual é norteado por meio de possibilidades e riscos nas perspectivas das relações. Segundo o autor, o ingresso no mundo virtual nos leva ao campo da ilusão, oportunidade em que vivemos um universo no qual tudo parece disponível, possível e presente, a todo o momento.

Dessa maneira, assumir um vínculo amoroso compromissado, em meio às condições de convivência contemporânea, tem-se tornado algo um tanto dificultoso e requer negociações entre o casal, para o prolongamento desse vínculo. Soma-se a isso a extensão da permanência do filho adulto na casa dos pais; desse modo, neste estudo, procuramos compreender a intersecção desses dois cenários, ou seja, os impactos desse prolongamento na configuração amorosa desses filhos.

5 OBJETIVOS

Considerando as hipóteses formuladas, no transcorrer da elaboração da presente pesquisa, os objetivos foram assim delimitados:

5.1 Objetivos gerais

Analisar a vida amorosa de jovens adultos do fenômeno “ninho cheio”, identificando, sob a perspectiva dos filhos, o lugar ocupado por eles e que se relaciona à sua permanência na casa dos pais, na configuração familiar.

5.2 Objetivos Específicos

Especificar as razões, motivos e expectativas que provocaram a permanência dos filhos adultos na casa dos pais, a fim de definir o lugar que ocupam, na dinâmica das relações familiares.

Entender a formação dos vínculos amorosos dos jovens adultos que residem no lar parental, a partir do ponto de vista do(a)s filho(a)s participantes da pesquisa.

Compreender os projetos de futuro dos jovens e a articulação da vida amorosa, quanto à perspectiva de vida futura.

6 METODOLOGIA

Com a finalidade de realizar uma análise a respeito da formação dos vínculos amorosos dos jovens adultos que residem na casa dos pais e da organização familiar, no fenômeno denominado “ninho cheio”, este trabalho será desenvolvido usando o método de pesquisa de base qualitativa.

A abordagem qualitativa é a mais adequada para se ter uma melhor compreensão do estudo, pois implica entender e interpretar os sentidos e as significações que um indivíduo atribui aos fenômenos em foco, utilizando-se de técnicas de observação amplas e entrevistas em profundidade, valorizando o contato pessoal e os elementos de *setting* natural do sujeito. Nessa perspectiva, para que o pesquisador analise os dados em profundidade, é necessário não se fixar em variáveis definidas e empobrecedoras, uma vez que o objeto de estudo é o homem em situação natural, e é próprio do comportamento humano apresentar atitudes próprias frente a qualquer situação particular da vida (TURATO, 2011).

Ademais, por se tratar de um fenômeno presente no contexto da relação familiar, a análise dos comportamentos relacionais de seus membros é importante. Singly (2007) afirma que a família contemporânea se define principalmente nas relações internas travadas no cerne familiar, pois ganha, na afetividade, uma liberdade de escolha dos laços sociais que cada integrante de uma família constrói, não mais numa antiga visão homogênea ou determinista.

Por ser relativa a um fenômeno contemporâneo inserido em um contexto social da vida real, ou seja, presente nas relações familiares com filhos adultos que residem no lar parental, a estratégia usada para o cumprimento dos objetivos da pesquisa se deu através da realização de entrevistas semiestruturadas, com roteiro pré-definido e sequência flexível (cf. Apêndice A).

Conforme Bleger (2007), a entrevista não consiste em questionar ou recolher dados da história do entrevistado, mas tem por intuito buscar dados completos de seu comportamento total, no decorrer de sua realização. A função do entrevistador para com o entrevistado será de escutar, vivenciar e observar o comportamento do participante, olhando para o contexto da entrevista como um todo e captando as expressões apresentadas no decorrer da conversa.

A entrevista semiestruturada permite que o entrevistador tenha mais flexibilidade para encaminhar a entrevista, de uma forma que lhe pareça mais eficaz, fazendo com que o conteúdo investigado seja direcionado da melhor maneira, a fim de que seja explorado. Assim, a entrevista previamente estruturada almeja direcionar e facilitar a compreensão do entrevistador a respeito das experiências vivenciadas pelos entrevistados.

Nessa vertente, Bleger (2007) entende que, na entrevista semiestruturada, o

entrevistador tem ampla liberdade para fazer perguntas ou intervir, pois deixa certa margem de abertura na condução do diálogo; com efeito, a autonomia do entrevistador reside no fato de encaminhar, o máximo possível, o campo da entrevista pelas variáveis que dependem da personalidade do entrevistado.

A entrevista seguiu um roteiro pré-definido, o qual está anexado ao presente projeto. Por outro lado, tendo em vista a pandemia ocasionada pela COVID-19, o diálogo estabelecido entre o (a) entrevistado(a) e a pesquisadora foi realizado de forma *on-line*, pela plataforma digital do *Google Meet*. Após a finalização das entrevistas, as mesmas foram transcritas e analisadas, utilizando-se o referencial teórico psicanalítico e a Psicanálise de Casal e de Família, para a análise dos resultados. Assim, não buscaremos, na interpretação das narrativas, uma verdade universal e generalizante, porque partimos do pressuposto de que as formas discursivas dos sujeitos entrevistados são singulares, pois a linguagem é constituída na vida social e está presente no imaginário social (PERÄKYLÄ, 2005).

As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas. Empregamos a análise de conteúdo, conforme metodologia descrita por Bardin (1977), com a organização de categorias temáticas que surgiram, a partir da leitura atenta de todo material coletado, como disparador da discussão, as quais serão esmiuçadas de acordo com sua recorrência, tomando como medida os temas mais frequentes entre os participantes, quando instigados pelas perguntas da pesquisadora.

6.1 Procedimentos de pesquisa

Os participantes deste estudo foram selecionados por indicação, através do método denominado “bola de neve”, no qual, para Vinuto (2014), as pessoas são localizadas por conveniência e indicação, momento em que a pesquisadora entrou em contato com informantes-chave, nomeados como *sementes*, a fim de encontrar alguns indivíduos com o perfil necessário para a pesquisa. Em seguida, foi solicitado que as pessoas indicadas pelas *sementes* indicassem novos contatos e assim sucessivamente, até que foi obtida a amostra desejada para a realização do estudo.

Conforme o método qualitativo empregado, a escolha dos sujeitos não pode ser definida *a priori*, mas, pelo procedimento de saturação, o número de casos deve ser suficiente para estudar o fenômeno investigado, quando ocorre a repetição sistemática das informações colhidas (TURATO, 2011). Para tanto, participaram da pesquisa 6 jovens adultos, pertencentes à classe social média. O critério de inclusão usado foi que tivesse entre 25 e 35 anos de idade e residisse na casa dos pais.

Com o intuito de atingir os objetivos propostos, após a indicação dos participantes para a pesquisa, que atendiam aos critérios estabelecidos, a pesquisadora fez um contato telefônico, de sorte a verificar o aceite e agendar uma data para a participação no estudo.

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências e Letras - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Assis/SP, CAAE- 17835719.8.0000.5401.

Para cumprir aos objetivos propostos, a princípio, o trabalho seria desenvolvido contando com o estudo de casos coletivos. Participariam da pesquisa 2 famílias pertencentes à classe social média, bem como o critério de inclusão utilizado seria que, pelo menos, um(a) filho(a), com idade entre 25 e 35 anos, residisse na casa dos pais.

Para tanto, seria realizada uma entrevista semiestruturada com os pais e outra com o(a) filho(a) participante. A entrevista aconteceria na residência do participante ou nas dependências do Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada “Dr.^a Betti Kattzenstein”- CPPA, da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, de acordo com a preferência dos entrevistados.

Todavia, devido à mudança do contexto social vivido atualmente, em razão da pandemia por COVID-19, consideramos ser inviável a realização de entrevistas presenciais, além de avaliarmos que, no tocante a essa população, a referida modalidade de coleta de dados poderia interferir e dificultar a expressão dos entrevistados, visto que talvez alguns deles não tivessem o hábito de utilizar tal ferramenta.

Assim, considerando as modificações do contexto social vivido durante a pesquisa, após a aprovação de emenda proposta ao Comitê de Ética, foram realizadas entrevistas, as quais aconteceram de forma *on-line*, através da plataforma digital *Meet*.

No primeiro encontro, após o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ser lido pela pesquisadora, os participantes confirmaram sua anuência verbalmente e, posteriormente, foi dado início à entrevista semiestruturada. As entrevistas foram gravadas pela pesquisadora e, em momento posterior, transcritas e analisadas.

6.2 Perfil dos entrevistados

Neste tópico, faremos uma breve descrição dos jovens adultos entrevistados em nossa pesquisa. Para preservar as identidades, usaremos nomes fictícios para referenciá-los e atender aos critérios de sigilo exigidos nesse tipo de investigação. Além disso, omitimos os nomes das cidades, tendo em vista os mesmos critérios.

Quadro 1 – Dados dos sujeitos da pesquisa

Nome	Idade	Formação acadêmica	Já morou fora da casa dos pais?	Tempo morando fora da casa dos pais	Tempo morando com os pais depois que voltou
Bruno	26 anos	Administração	Não		

João	28 anos	Administração	Sim	3 anos	8 anos
Vitor	35 anos	Agronomia	Sim	11 anos	Na primeira vez que voltou ficou 4 anos e, atualmente, há 3 anos
Daniela	35 anos	Administração	Não		
Luana	26 anos	Psicologia	Sim	6 anos	1 ano
Mariana	30 anos	Odontologia	Sim	9 anos e meio	2 anos e meio

Fonte: Elaborado pela autora.

6.2.1 Entrevistado 1 - Bruno

Bruno tem 26 anos, reside com seus genitores numa cidade do interior do Estado de São Paulo, nunca deixou de morar na casa dos pais, cursou Administração de Empresas e, logo em seguida, iniciou o Mestrado em Economia Aplicada. Concluiu os estudos em 2020 e, depois, passou a trabalhar em uma *start-up*, em uma cidade há xx km de sua residência, mais precisamente na liderança de um projeto voltado para resolver questões agropecuárias em geral, para onde se desloca diariamente.

6.2.2 Entrevistado 2 - João

João tem 28 anos e, atualmente, trabalha como analista de negócios. O jovem conta que saiu da casa de sua mãe, para morar em uma cidade no interior do estado de São Paulo, a princípio, a fim de trabalhar em uma metalúrgica, quando iniciou o curso de Arquitetura. No entanto, como não se identificou com o curso e surgiu uma vaga de emprego na usina localizada na cidade de seus pais, trancou os estudos e voltou para casa de sua genitora, oportunidade em que ingressou na graduação em Administração, de forma remota. Em 2019, João deixou o emprego na usina, com o propósito de ter um negócio próprio, entretanto, devido à pandemia, o projeto não se concretizou. Assim, surgiu uma nova vaga de emprego no mesmo local anterior, onde permaneceu trabalhando até a realização da entrevista. Além disso, trabalha como autônomo com importação e vendas de celular pela internet.

6.2.3 Entrevistado 3 - Vitor

Vitor tem 35 anos, atua como agrônomo na empresa administrada por seu pai. Aos xx anos mudou-se para uma cidade do estado do Paraná, com o objetivo de cursar a

graduação em Agronomia, onde permaneceu durante dez anos. Todavia, por razões de saúde, voltou para residência de seus genitores, com o objetivo de realizar seu tratamento com o auxílio dos mesmos, inclusive transferindo o curso. Após a conclusão do curso, Vitor relata que não queria trabalhar com o pai e nem morar com a família, por isso, retornou para a cidade na qual cursou a graduação, durante os anos de 2017 e 2018. Porém, como não conseguiu um emprego na sua área, retornou para sua cidade de origem, residindo com a família e trabalhando com seu pai.

6.2.4 Entrevistada 04 - Daniela

Daniela tem 35 anos e sempre morou na casa dos pais. Embora a participante não faça parte de uma família nuclear, mesmo após a separação de seus pais, ela permaneceu com a mãe e tem uma função de provedora da casa que será analisada ao longo do trabalho. A participante cursou Administração de Empresas, com ênfase hospitalar, em uma cidade próxima daquela na qual reside, oportunidade em que viajava para assistir ao curso e retornava no mesmo dia. Após finalizar a graduação, a jovem continuou se deslocando entre a cidade de seus genitores e a do seu emprego, sendo que, há cerca de 12 anos, trabalha em uma empresa de importação, ocupando, atualmente, o cargo de supervisora.

6.2.5 - Entrevistada 5 - Luana

Luana tem 26 anos e saiu da casa dos pais para cursar Psicologia, numa cidade do interior do estado de São Paulo, local no qual morou ao longo dos cinco anos de curso e mais um ano, por realizar o Mestrado, na mesma instituição de ensino. O desejo da participante seria continuar residindo naquela cidade, até finalizar sua pós-graduação, entretanto, devido à pandemia, retornou para a casa de seus genitores, onde continuava vivendo até a realização da entrevista. Atualmente, Luana finalizou o Mestrado e realiza atendimentos psicológicos de forma remota.

6.2.6 Entrevistada 6 - Mariana

Mariana tem 30 anos e saiu da casa dos pais para fazer cursinho, a princípio, no intuito de prestar vestibular para cursar Medicina. Durante os cinco anos de cursinho, a jovem intercalou sua residência entre algumas cidades e, em um ano desse período, morou com o pai

na capital do estado de São Paulo, onde ele vivia em razão do trabalho. Sua mãe permaneceu na residência da família, numa cidade no interior do mesmo estado. Por fim, cursou Odontologia e, durante os quatro anos do curso, morou sozinha. Seis meses após ter concluído a graduação, Mariana passou em um concurso público em sua cidade de origem, razão pela qual retornou para a casa de seus genitores.

7 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste ponto, apresentaremos a análise dos resultados coletados através da realização das entrevistas (em Anexo).

Os dados aqui expostos foram organizados almejando-se evidenciar a compreensão de todo o trajeto percorrido, a fim de alcançar os objetivos estabelecidos.

Após a leitura exaustiva do material e sua discussão, foram definidas as seguintes categorias e subcategorias de análise: 1 Motivos para saída temporária ou permanência na casa dos pais; 2 Composição e organização do ambiente doméstico: 2.1 Os membros que compartilham o ambiente doméstico, 2.2 Papéis, funções e autonomia financeira dos filhos, 2.3 O relacionamento parento-filial; 3 Vantagens e desvantagens do “ninho cheio”; 4 Vida social e amizades; 5 Relacionamentos amorosos: 5.1 Vida amorosa; 5.2 Participação dos pais; 5.3 Uso de aplicativos e redes sociais; 5.4 Expectativas em relação a parceiro(a)s; 6 Planejamento do futuro: expectativas: 6.1 Vida profissional; 6.2 Vida amorosa; 6.3 Perspectiva de sair da casa dos pais.

7.1 Motivos para a saída temporária ou permanência na casa dos pais

Nesta categoria de análise, focalizamos quais foram os motivos que permearam a permanência ou não dos filhos nas residências dos genitores, bem como aqueles que levaram os participantes a prologar essa estadia e, para aqueles que saíram e, posteriormente retornaram, quais os fatores foram cruciais nesse processo.

Dentre os entrevistados, quatro deles fizeram o curso de graduação em outra cidade e residiram temporariamente distante da família, num período entre 3 e 10 anos. De modo geral, os motivos relatados para a permanência na residência parental referem-se especialmente à busca de melhores qualificações profissionais e condições financeiras.

Todavia, os fatores que influenciaram o retorno dos participantes se mostraram diferentes. João e Mariana retornaram por questões profissionais, ele, por ter conseguido um trabalho em uma usina, e ela, por ter passado em um concurso público, ambos na cidade natal. Por outro lado, embora Luana não tivesse, a princípio, o objetivo de retorno, devido à pandemia e à alteração para as aulas remotas, houve um consenso com seus pais, para que ela retornasse e, assim, concluísse a pós-graduação de forma remota. De qualquer maneira, nos três casos, a questão profissional esteve associada ao retorno, mesmo no caso de Luana, que seria a finalização do Mestrado, excepcionalmente remoto, por causa da pandemia.

Noutro passo, Vitor voltou devido a questões de saúde mental, com o intuito de realizar um tratamento com o auxílio da família. Importante destacar que ele foi o único participante

que, após ter saído e retornado à casa de seus genitores, tentou sair novamente, para buscar um trabalho em outra cidade. No entanto, como não obteve sucesso, voltou a morar com os genitores e passou a trabalhar na empresa da família. Embora ele aponte que prefere morar sozinho, a permanência na casa dos progenitores também diz respeito a atingir melhores condições econômicas:

[João] *Eu morei um tempo em [omitido], trabalhei numa metalúrgica lá e até foi quando eu comecei a fazer Arquitetura, que eu estava fazendo lá em [omitido], só que eu resolvi fechar o curso e surgiu uma oportunidade aqui em [omitido] e eu acabei voltando para cá. [...] Três anos é gostoso, foi uma experiência bacana, mas foi assim, é, teve muito aprendizado, foi gostoso, mas aí a oportunidade que eu tive aqui também abriu bastantes caminhos novos e eu me direcionei melhor, meus planos para médio, longo prazo, depois que eu voltei pra cá, quando eu estava lá, ainda estava um pouco perdido [...] mas eu sinto assim, que eu poderia realizar isso agora, essa questão de sair da casa da minha mãe e tal, mas eu iria me limitar bastante, porque eu tenho muitos projetos que dependem de um financeiro assim, um preparo maior, de um capital, assim, para um financiamento de uma casa, então isso está me limitando bastante [...]*

[Mariana] *Bom, morei com meus pais, estudei até o terceiro colegial e como assim, na verdade eu sabia o que eu queria de faculdade, mas como eu não tinha passado em nenhuma, aí eu resolvi fazer cursinho fora daqui, né?, por ter mais opção, uma oportunidade melhor de ensino. Aí eu fui pra [omitido], eu fiz meu cursinho [...] Daí, de [omitido], fiquei os quatro anos na faculdade, gostei muito de morar lá [...] Aí eu terminei a faculdade, né?, e prestei concurso pra cá e pra uma cidade vizinha aqui perto e continuei trabalhando lá em [omitido] [...] Ele [o pai] fez minha inscrição, eu falei que não queria, daí ele falou: “Não, vai fazer”, daí ele fez minha inscrição e na hora que ele fez minha inscrição, eu falei: “Vou estudar” [...] Daí, no meio do ano, me chamaram pra, pra, pra, pro concurso aqui em uma cidade do interior do estado de São Paulo e aí eu não pensei duas vezes. [...] Talvez com tanto planejamento que eu tenho eu não conseguiria fazer isso morando sozinha entendeu, em questão de custo mesmo [...] Tipo de fazer curso, fazer sabe, sempre focar na minha parte profissional assim sabe, que é o que eu quero, fazer curso, fazer o meu mestrado. Então, assim, tipo, abrir o consultório, são coisas que eu não conseguiria aguentar financeiramente, morando fora [...]*

[Luana] *Eu morei em [omitido] por seis anos, no começo da pandemia, voltei para uma cidade do interior do estado de São Paulo, para morar aqui com os meus pais, aí já entreguei o apartamento lá também. Têm as questões relacionadas onde eu quero morar e onde eu gosto de morar sabe [...] tem essa questão também, financeira, agora começo de carreira é difícil se estabilizar e agora eu estou sem carro, mas também estou supercansada. [...] eu sempre venho passar as férias aqui com meus pais, aí eu voltei pra [omitido] uma semana antes de começar as aulas, aí fiquei lá um mês, a pandemia já começou e voltei, na semana que estourou essa história de pandemia, minha mãe já falou assim: “Não, volta, a gente não sabe como vai ser, se vai fechar fronteira, como vai ser, então prepara a mala aí, pega tudo e já vem hoje, a gente não sabe o quão ruim isso pode ser”.*

[Vitor] [...] *eu sou engenheiro agrônomo, eu trabalho na empresa dos meus pais, morando na casa dos meus pais [...] Em 2003 acho, mais ou menos, eu transferi a faculdade para [omitido]... é... [...] Eu fazia agronomia aqui, aí eu transferi para uma cidade do estado do Paraná em 2003. Aí eu fiquei lá, tive problemas com depressão tal, então ficou, vai e volta, vai e volta, de faculdade que durou uns dez anos de uma estrada que passei lá, daí eu tive que voltar para cá e terminar a faculdade aqui. [...] Comecei com psiquiatra, o psiquiatra começou a colocar os remédios e tal, aí eu sabia que eu iria ficar bastante tempo lá, para fazer esse tratamento e até me formar e tal, só que quando eu me formei, em 2017, é meio para 2017/2018, foi no começo*

de 2018 que eu fui para [omitido] procurar o trabalho, entendeu?, porque eu não queria ficar na casa dos meus pais, eu fui acostumado, eu fiquei dez anos morando sozinho em [omitido] e morar na casa dos pais é ruim demais sabe. [...] agora estou trabalhando, tudo, só que daria para eu sair, mas ficar na casa dos meus pais me ajuda a guardar um dinheiro para fazer investimento, por exemplo, de eu pagar essa pós-graduação, então, eu acabo me acomodando um pouco de ficar lá, entendeu? [...] Para investir, para quando eu sair de lá, eu sair com mais estrutura. De certa forma, então, eles estão me ajudando.

Noutro passo, dois dos participantes nunca saíram para morar fora da casa dos pais: Bruno, por ter feito graduação e Mestrado na mesma cidade dos genitores, permanece residindo com os pais, porque trabalha em uma cidade próxima e manter-se na residência parental não exige a organização do cotidiano e contribui para a sua condição econômica, principalmente.

Ao contrário dos demais entrevistados, Daniela sempre permaneceu na casa de seus progenitores. Porém, a sua permanência se relaciona com o fato de que é a provedora da família, ocupando tal função após a separação de seus pais e a saída de seu irmão da casa da mãe. Atualmente, reside com sua mãe e a avó materna e, diversamente dos outros entrevistados, o prolongamento na residência não está associado à melhoria de suas condições financeiras, porque, ao contrário dos demais entrevistados, é ela quem ocupa o lugar de provedora de sua família.

[Bruno] Isso, eu moro em [omitido], eu fiz, estudei a graduação e o Mestrado e trabalho em [omitido], mas eu vou e volto todo dia, faço a viagem todo dia. [...] Então, até então foi planejada, né?, que eu fazia graduação e o Mestrado, a bolsa valor é complicado, eu acho que, para sair de casa, eu passaria não por situações ruins, mas era mais cômodo ficar em casa, né?... e também, no começo do, da, dessa nova empresa, eu comecei ganhando um salário menor, então, mesmo situação financeira eu não teria salário suficiente, eu acredito, para manter uma condição satisfatória fora de casa.

[Daniela] Sou formada em Administração de Empresas, com ênfase em hospital [...] Você sabe que não é uma coisa que eu pensei, porque eu nunca nem pensei em sair de casa, então, eu não sei, não sei te responder direito essa pergunta, não sei mesmo [...] Primeiro, mesmo com problema de relacionamento, mesmo com essa falta de liberdade que eu sinto aqui dentro, eu não me vejo morando sozinha [...] tenho muito cuidado com elas, acho que isso que me prende muito, sabe?, de não deixar elas sozinhas e principalmente pelas questões financeiras, já que eu que banco aqui em casa, eu que sustento.

7.2 Composição e organização do ambiente doméstico

Essa categoria temática se encontra subdividida em três subcategorias. Buscamos apresentar, inicialmente, quais membros da família vivem na casa, no momento da realização das entrevistas e os motivos que levaram a tal composição.

Na sequência, explicitamos as responsabilidades e funções desempenhadas por esses membros, na organização do ambiente doméstico, considerando as diferenças entre os pais e

os filhos. Por fim, a última subcategoria demonstra o relacionamento estabelecido entre pais e filhos, sobretudo no que diz respeito ao respeito pelo espaço de privacidade e conflitos.

7.2.1 Os membros que compartilham o ambiente doméstico

Nessa categoria, apresentamos quais membros habitam atualmente a residência dos progenitores. Embora praticamente em todos os casos, as famílias são compostas por mais de um filho e, no geral, apenas os entrevistados residem com seus pais. A saída da(o)s irmã(o)s ocorreu em decorrência de casamento ou de coabitação com a(o) companheira(o), sendo que o(a) filho(a) que permaneceu residindo com os progenitores é aquele(a) que necessita de estabilidade financeira. Diante dos relatos, a(o)s irmã(o)s não residentes atingiram um grau de autonomia financeira, organizando sua vida e uma nova composição familiar. João é o único participante cujo irmão ainda reside com a mãe, embora a permanência não seja diária.

No caso de Vitor, apesar de o irmão morar sozinho, a mãe ainda o auxilia financeiramente:

[Bruno] *Ah, beleza... [risos] , somos em três, eu , meu pai e minha mãe, né? [...] Eu tenho um irmão mais velho, mas ele já se mudou [...] Ele começou a namorar, aí, é, achou que era interessante mudar, ele trabalhava em [omitido], estava fazendo a mesma coisa que eu né?, morava em [omitido] e trabalhava em [omitido], ia e voltava todo o dia, mas é... tem pedágio, a estrada é bem movimentada assim, aí ele acabou se estressando um pouco com essa situação e falou assim: "Vou mudar, vou morar em [omitido]"... e aproveitou para morar junto com a namorada [...]*

[Daniela] *[...] moro com a minha mãe e a minha avó. Eu trabalho em uma importadora de óculos, já faz 12 anos que eu trabalho lá, tenho um cargo de supervisão, de gerência. Mas eu moro, meu pai morou um tempo com a gente e foi embora, quando eu tinha 21 anos, ele foi morar com uma outra família [...] Com meu irmão, a relação é muito boa, eu acho que ficou até melhor quando ele casou e foi embora, talvez ele, eu acredito que ele amadureceu bastante, sabe? [...]*

[Mariana] *[...] meu irmão saiu e eu ainda estava na faculdade, quando meu irmão saiu, eu acho que meu pai voltou. Não, não, minha mãe ficou sozinha, teve um período que ela ficou sozinha, que eu estava num canto, meu irmão no outro, aí, depois voltou meu pai, aí, depois eu voltei.*

[Vitor] *Então, eu sou engenheiro agrônomo, eu trabalho na empresa dos meus pais, morando na casa dos meus pais [...] [irmão mais novo] foi por causa que estava namorando, a menina veio lá do [omitido] e sei lá, não lembro a cidade dela, ela veio pra cá e ele foi morar com ela, eles arrumaram dinheiro para alugar a casa e saíram de casa [...] [irmão mais velho] Quando ele saiu, saiu para morar sozinho tudo, mas é porque quer morar sozinho, mas não tá morando sozinho, tipo, minha mãe tá bancando.*

[Luana] *Pra mim foi muito tranquilo voltar a morar com meus pais [...] eu tenho irmãs mais velhas gêmeas, só que a diferença entre a gente é muito grande, são de quase dez anos, é uma diferença bem grande. Elas moram aqui perto, mas não vêm tanto pra cá. Nesse período, elas tiveram filho, ficaram com coisas da maternidade ali e acabaram não visitando tanto os meus pais, agora, eles estão grandinhos, elas vêm mais aqui [...]*

Vale ressaltar que, embora João seja o único participante cujo irmão também reside na casa dos pais, sua permanência é temporária, porque trabalha em outra cidade:

[João] [...] *eu moro com a minha mãe, meu irmão e coloquei mais três huskys [cães]. [...] Meu irmão agora está trabalhando fora, então, ele passa muito pouco tempo aqui, ele fica uns dias aqui, durante o mês, fica uns cinco dias e volta para cidade que ele está agora trabalhando.*

7.2.2 Papéis, funções e a autonomia financeira dos filhos

Nessa subcategoria de análise, buscamos compreender a organização familiar, em torno dos papéis e funções desempenhados pelos membros que cohabitam no lar, demonstrando o lugar ocupado pelos pais e filhos. Nesse ínterim, foi possível ter acesso ao papel dos pais, na permanência desses filhos em suas casas.

Inicialmente, apontamos que se trata de famílias nucleares, cujo sustento financeiro é provido principalmente pela figura paterna. Nesse contexto, embora a maioria dos entrevistados tenham curso superior e emprego, os pais ocupam uma posição de provedores e cuidadores. Quatro deles não contribuem nas despesas da casa, aproveitando a oportunidade para melhorar as condições profissionais e financeiras, no intuito de, um dia, conquistar sua autonomia.

Verificamos que, embora a questão econômica seja enfatizada, é possível notar que a responsabilidade dos filhos com relação à manutenção e organização da casa está relacionada a tal aspecto, mantendo-se numa vinculação de dependência, tanto financeira como do compromisso das tarefas cotidianas, sem responsabilidades referentes à manutenção da casa e das tarefas cotidianas. Associa-se a isso a importância do crescimento profissional e econômico dos filhos, com vistas ao aprimoramento profissional:

[Bruno] [...] *eu fazia graduação e o Mestrado, a bolsa, valor é complicado, eu acho que, para sair de casa, eu passaria, não por situações ruins, mas era mais cômodo ficar em casa, né?... e também no começo do, da dessa nova empresa, eu comecei ganhando um salário menor, então, mesmo situação financeira eu não teria salário suficiente, eu acredito, para manter uma condição satisfatória fora de casa.*

[Vitor] [...] *agora estou trabalhando, tudo, só que daria para eu sair, mas ficar na casa dos meus pais me ajuda a guardar um dinheiro para fazer investimento, por exemplo, de eu pagar essa pós-graduação, então, eu acabo me acomodando um pouco de ficar lá, entendeu? [...] De certa forma, então, eles estão me ajudando.*

[Luana] [...] *eu economizo dinheiro, tem essa questão também, financeira, agora, começo de carreira, é difícil se estabilizar e, agora, eu estou sem carro, com isso meus pais me ajudaram bastante, meu pai dirige e ele que levava em algum lugar em que eu precisasse, né?, nesse lado ajudou.*

[Mariana] [...] *é uma coisa que eu não cresço, tipo plano de saúde, meu pai paga, nunca me cobrou desde quando eu estou trabalhando: “Olha, a partir*

de hoje você vai pagar”, não, várias coisas assim, sabe?, ele ainda paga e não cobra e aí é isso que eu acho que eu fico pensando que, por morar com os pais, que talvez eu possa não crescer tanto, entendeu?, tipo, chamar a responsabilidade pra mim, se eu tenho alguém que faça, entendeu?.

Com relação a Vitor, notamos um controle por parte dos pais, não só nas tarefas do lar, mas também no trabalho, ampliando as facilidades do jovem e dificultando sua formação como sujeito autônomo:

[Vitor] [...] tava uma época bem difícil de arrumar trabalho, assim, e eu com o diploma magro, sem, sem, não chama atenção de ninguém. Aí, eu não consegui, aí, eu voltei, aí, eu pensei bem na questão da empresa familiar, entendeu? Tipo: “Por que eu vou querer começar do zero, se eu tenho isso aí já num andar mais alto?” Tipo, faz sentido, a mesma profissão, a mesma coisa, aí, eu falei, pedi para o meu pai deixar eu fazer estágio lá para eu conhecer, aí eu apaixonei pelo que ele faz, eu não sabia que ele fazia aquilo, é demais, ficar no escritório, no computador lá, ter uma tranquilidade de horário, se eu quisesse chegar um dia às dez horas, trabalhar, não tem problema. [...] Não, hoje não. Nos dois primeiros anos, sim, eu falava: “Ah pai, deixa eu faltar hoje!” Hoje não, hoje, se eu faltar vai acumular coisa, criei responsabilidade, entendeu? [...] Não, agora, acho que está começando a cair a ficha, tipo assim, sabe?, que filho você tem que esquecer, você tem que jogar do ninho lá, não é esquecer, né?, você vai ter o contato.

Ao contrário dos demais entrevistados, Daniela e João apresentam certa responsabilidade financeira, especialmente Daniela, a qual, após a separação de seus genitores, passou a ocupar o lugar de provedora, que antes era ocupado pelo pai:

[João] [...] em questão de custos também, a gente se ajuda aqui e não tem, assim, eu consigo ter uma certa economia, não tendo que pagar aluguel ou financiamento de uma casa, e eu consigo me preparar mais para uns planos meus aí, então, não é ruim pra mim, vendo dessa forma, mas tem a questão da liberdade, de querer ter o meu cantinho, nosso espaço e, assim, era planejado que eu já estaria mais no meu cantinho, mas, como as coisas não saíram bem como eu queria, então, é, tive que antecipar algumas coisas.

[Daniela] [...] como, durante a semana, eu trabalho e saio muito cedo e chego muito tarde, às vezes, eu não vejo e não faço nada em casa; já nos finais de semana, eu quero fazer algumas coisas pra elas, tenho muito cuidado com elas, acho que isso que me prende muito, sabe?, de não deixar elas sozinhas e principalmente pelas questões financeiras, já que eu que banco aqui em casa, eu que sustento [...] Eu não tenho esse negócio de querer minha casinha [...] Talvez, se meu pai estivesse aqui, seria um pouquinho, porque, talvez, isso teria canalizado para outro lado, entendeu? Então, ela não se importaria tanto comigo assim, eu acho que até eu teria um pouco mais de liberdade para algumas coisas, entendeu?

Através das entrevistas, percebemos que, embora todos os participantes tenham recebido apoio familiar para a realização dos estudos e na busca de alcançar melhores condições profissionais, no que diz respeito a tarefas e responsabilidades da casa, a maioria deles não recebeu incentivo dos pais, o que nos faz pensar que eles se mantenham na função de cuidadores e provedores, colaborando para a ascensão profissional dos filhos. Corroborando tal constatação, Bruno e Mariana tiveram que pedir aos pais para que as tarefas da casa fossem divididas:

[Bruno] Então, até, recentemente, eu conversei, a gente sentou, eu meu pai

e minha mãe, eu falei: “A gente precisa mudar algumas coisas...”, aí, entre as coisas, eu falei: “Ah eu vou cozinhar, aqui, três refeições por semana...” e, aí, para descarregar minha mãe também, porque ela cozinha tudo, lava louça, limpa a casa e aí eu acabo, eu acho um pouco injusto, tipo, eu tô morando aqui, eu faço, eu não tenho nenhuma responsabilidade. [...] Isso nunca partiu deles, sempre eles fizeram tudo e, assim, o que me motivou a tentar fazer essa divisão é que a gente estava pedindo muita comida fora, comendo besteira, aí, a gente fez essa reunião para acertar o curso. Eu acho que nunca partiu deles, porque sempre foi 100% concentrado na minha mãe, e ela nunca parou e falou nada, do tipo, “Vem aqui e faz tal coisa.”

[Mariana] É um passinho de cada vez, eu acho que eu melhorei muito, até em questão de ajudar na casa, ser um pouco mais organizada, principalmente agora que eu estou, tipo, tendo que limpar minhas coisas, assim, e como se deixar as coisas bagunçadas atrapalha o tempo da moça que vem aqui, mas é... tipo, tentando ajudar minha mãe, no fim de semana, ajudar, coisa que eu não fazia, sabe? [...] É...mas é uma coisa que eu quero levar, pelo menos assim, arrumar minha cama, eu sempre tento, às vezes eu não consigo, mas é uma coisa que eu já, sabe?, tipo, arrumar a minha cama é uma coisa que tem que ser minha, às vezes, eu não consigo.

[Vitor] Quando era na minha casa, eu gostava de cuidar, entendeu?, eu gostava de ter as minhas coisas, é... em tudo, questão de arrumação, você não pode deixar do seu jeito, entendeu? Se um dia você não quer arrumar a cama, você não arruma. Aí, quando arruma, vem a mãe repreendendo, aí, depois ela já arrumou e você fala: “Não arruma, não precisava ter feito isso”, sabe?

No que diz respeito a Daniela, vale ressaltar que, mesmo que a participante tenha obrigações econômicas, com relação às responsabilidades referentes à manutenção doméstica da casa, Daniela se iguala aos demais entrevistados, concretizando poucas tarefas, durante sua rotina de trabalho semanal:

Eu não fico muito em casa, durante a semana, trabalho em outra cidade, almoço por lá e volto pra casa à noite. No fim de semana, costumo sair com as minhas amigas [...]

Embora, nas casas de João e Luana, cada um possua algumas tarefas, ela demonstrou, em seu discurso, que, em momentos de dificuldade, recebeu ajuda de sua mãe para desempenhar essas tarefas:

[João] [...] a gente é tranquilo, um respeita o espaço do outro aqui, minha mãe gosta também de cozinhar, então, a gente aprendeu desde criança, a gente divide as tarefas aqui.

[Luana] Quando eu voltei pra cá, agora, continua a mesma coisa, todo mundo tem a sua tarefa dentro de casa. Só que, nessa reta final, assim, estava tão caótico pra mim, que tenho o meu banheiro, que é só meu, minha mãe ficava lavando ele, e eu disse: “Não, deixa que eu faço, isso é tarefa minha”, eu falei: “Não precisa.

Quanto à figura materna, observamos que todos os participantes relataram que as funções domésticas são desempenhadas exclusivamente por suas mães (apenas uma delas tem um emprego, atualmente), tendo como papel principal os cuidados da família e do lar. Assim, das seis mães dos entrevistados, três genitoras não trabalham e duas se encontram aposentadas; conforme destacado, a mãe de João é a única que atualmente trabalha, embora

esteja prestes a se aposentar.

[Bruno] *A minha mãe não fez faculdade [...] Ela trabalhava, na época de solteira, é... e até quando meu irmão nasceu, ela trabalhou, ela trabalhava fora, antes dele nascer [...] melhor parar um pouco, cuidar da casa e aí acabou que foi esse o caminho [...] e minha mãe também, minha mãe sempre cuidou mais da casa, sempre ficou mais em casa, e somos em três.*

[Luana] *Trabalham. Não, a minha mãe não, meu pai sim. A gente foi se arranjando aí e se encontrando, nesse percurso [...] Ela passou pano no meu quarto algumas vezes, porque minha rotina estava muito caótica. Então, teve o benefício de ter esse apoio no tempo difícil, por questões práticas, mesmo.*

[Mariana] *Não, minha mãe não trabalha. Ela fez terceiro colegial, aí ela engravidou, eles casaram, engravidou do meu irmão e depois engravidou de mim, ela não trabalha [...] Eu estou aprendendo e a minha mãe também faz terapia e ela falou que uma vez a psicóloga falou assim: “Se não está bom, M, faz você, entendeu?”, tipo, sei lá, a comida não está boa, quer comer alguma coisa, faz você, não fica pedindo, entendeu? e eu estou tentando também colocar o meu limite, né? [...] tipo, tentando ajudar minha mãe no fim de semana, ajudar, coisa que eu não fazia, sabe?*

[Daniela] *Trabalhou, trabalhou até, não faz muito tempo, faz uns seis anos que ela se aposentou e ela ficou realmente para cuidar da minha avó [...]*

[Vitor] *Bom, deixa eu ver, minha mãe é aposentada do INSS e, assim, minha mãe sempre foi da mãe brava [...] Se um dia você não quer arrumar a cama, você não arruma. Aí, quando arruma, vem a mãe repreendendo, aí, depois ela já arrumou e você fala: “Não arruma!” [...]*

[João] *Sim, ela é professora e está dando aula ainda, mas ela aposenta no final de 2021, agora, e ano que vem ela já quer realizar isso, eu e meu irmão damos um apoio também, vamos ajudar no que for preciso, pra que ela consiga ir pra lá e fique mais perto da família [...] ela tem a intenção de vender essa casa aqui e comprar uma casa lá e dar um apoio pra mim e para o meu irmão para gente construir nossa casa, essa seria uma ocasião que surgiria essa necessidade de eu... ou entrar num financiamento ou alugar uma casa.*

No que concerne à permanência dos filhos em seus domicílios, foi praticamente unânime a existência do investimento, colaboração e apoio para a manutenção dessa situação. É notório que os genitores oferecem sustentação e apoiam os filhos, com destaque para a disponibilização das condições que contribuem para facilitar uma vida cotidiana isenta de tarefas domésticas, sem a exigência de uma contribuição financeira para a manutenção dessa rotina. Destacamos que tal aspecto se relaciona à valorização da formação profissional e ascensão social dos filhos.

Nesse sentido, João foi o único entrevistado que mencionou uma possível alteração em decorrência de uma possibilidade de mudança de sua mãe para a cidade na qual sua mãe e irmã residem. No entanto, isso só ocorreria após a aposentadoria dela, caso contrário, ela deixa claro sua satisfação em ter João morando com ela:

[João] [...] *minha mãe quer muito agora ir pra uma cidade do interior do estado de São Paulo, porque a família toda é de lá, ela sempre quer estar perto da minha avó e da minha tia, tanto é que ela passa muito tempo lá, durante o mês, ela passa uma semana aqui e o restante lá, então [...] Ela sabe que estou nessa fase, mas ela torce muito que eu consiga logo, mas*

não fica assim numa pressão, numa vontade dela de eu sair daqui, é mais uma preocupação minha, mesmo, ela não demonstrou isso, sempre me deu um apoio pra eu realizar meus sonhos.

Os pais de Bruno e Vitor cogitam a possibilidade da saída dos filhos, caso eles tenham um objetivo, tais como um vínculo afetivo compromissado, como ocorreu com seus irmãos. Para seus pais, sair de casa na ausência de um objetivo não seria justificável. Nesse sentido, a autonomia relacionada a morar sozinho não seria um projeto, ao contrário, é considerada algo “sem sentido”.

[Bruno] [...] o que eu senti assim principalmente na visão no meu pai, né?... ele falou que eu precisava ter um objetivo para sair de casa, né?... eu sair de casa para sair de casa não tinha sentido. Eu acho que, no caso do meu irmão, o objetivo era morar com a namorada, era morar perto do trabalho, alguma coisa, sentido... é... e ele acredita, né?, na visão dele, que eu não tenho esse objetivo, né?... morar fora por morar fora, de acordo com ele, não seria um objetivo. E aí teve essa, digamos assim, essa resistência nesse sentido, né?, por parte do meu pai [...] Minha mãe também assim, mas, eu acho mais sentimental, assim... não precisa morar fora, fica aqui, mas tem que gastar dinheiro, mas acho que os argumentos, assim, a busca dela é para ficar mais sentimental, né?, pelo menos foi essa sensação que eu tive até agora.

[Vitor] Ah... um foi por causa que estava namorando, a menina dele [irmão] veio lá do Sul e, sei lá, não lembro a cidade dela, ela veio pra cá e ele foi morar com ela [...] Mas eles não querem perder, eles queriam que eles alugassem a casa tipo em frente da casa deles, entendeu?... [risos]... aí eu vi, eu falo, eu entro no meio das conversas e falo: “Vocês não podem fazer isso!”, isso atrapalha, sabe quem, meus pais, eles deixam de viver direito, eles podiam ter esquecido os filhos, assim, deixar os filhos viver a vida e eles viverem a deles [...] Eu não sei se o fato deles puxar a gente pra ficar em casa é algo consciente da parte deles ou se eles fazem, assim, é... a questão é de não motivar pra sair, pra fazer as coisas, pra não sei o que lá, ele quer, prefere que fique dependente, entendeu?

Luana e Mariana apontam, igualmente, a satisfação e o desejo dos pais no retorno das filhas para suas casas. É importante considerar que ambas não relatam sofrimento ou mesmo insatisfação no retorno, demonstrando que, para os pais, a permanência das filhas é um projeto compartilhado:

[Luana] Eles gostam, eles falam: “Fica morando aqui...”, eles gostam de me ver por perto. E é gostoso saber disso, né?, eu não tinha tanta noção disso, quando eu vim parar aqui, depois eles passaram a falar mais: “Não, tem que ficar aqui com a gente”.

[Mariana] Meu pai queria muito, acho que nem tinha a possibilidade de eu falar não. Lógico que eu acho que se eu batesse muito o pé, é porque também eu nem bati, sabe?, eu simplesmente vim, vim muito feliz com a oportunidade [concurso público], porque eu, realmente, a parte de emprego em uma cidade do interior do estado de São Paulo estava muito ruim.

Daniela aponta uma situação diversa, apesar de não demonstrar um planejamento e desejo em sair da casa da mãe, mas se queixa da falta de liberdade e do excesso de responsabilidade financeira, resultando em desgaste e pouco investimento em si mesma.

Quando a pesquisadora pergunta para Daniela se, em algum momento, sua mãe já cogitou a possibilidade de a filha sair de casa, a jovem respondeu:

[Daniela] *Nã, não, nunca, também eu acho que ela nunca pensaria que eu pudesse fazer isso [...] Prá sempre.*

7.2.3 O relacionamento parento-filial

Com respeito a essa subcategoria de análise, demonstramos como os filhos consideram o relacionamento entre eles e seus pais, no ambiente doméstico, sobretudo no que tange ao respeito à privacidade, considerando que apresentamos anteriormente a questão atinente à responsabilidade e funções, no ambiente doméstico.

De modo geral, os entrevistados evidenciam uma boa convivência e um bom relacionamento mantido entre eles e seus pais, a despeito de alguns relatos que realçam, principalmente, a falta de privacidade e diálogo.

Nesse sentido, Luana, Bruno e João relatam um bom relacionamento e a existência de um espaço de respeito à privacidade estabelecido com seus pais. Embora Mariana tenha expressado um certo incômodo, com determinadas atitudes dos pais, principalmente no tocante à interferência acerca de seus hábitos sociais, de forma geral, avalia como bom o convívio com eles.

Os relatos de Daniela e Vitor desvelam queixas referentes à falta de privacidade; na realidade, o Vitor foi o único participante que destacou a existência de conflitos causados por brigas familiares e a dificuldade de receber afeto, por parte dos pais:

[Luana] [...] *eu acho que minha vida aqui com meus pais é muito tranquila, eles me proporcionam isso, eles também já estão em uma certa idade que eles querem ficar mais de boa, mais tranquilos [...] Eu já falei disso com eles e eles responderam que não mudou nada, você não influencia em nada, eles não perderam a liberdade deles, cada um tem o seu canto aqui. É, eu não tenho exigências também, quando eu voltei pra cá, como eu posso explicar?, eu não demandei que eles tirassem um tempo para mim, então, minha mãe gosta de ir na igreja, ela fazia alguns serviços voluntários também, de visitar pessoas doentes e tal, que ela gosta não dá, né?, mas, ela está indo pra igreja, fazendo as coisas dela e meu pai também, fazendo as coisas dele. Eles disseram que nada mudou, inclusive nem nas contas de casa eles falam que mudou com a minha presença, é, não [...] eu tenho meu metro quadrado, minha privacidade aqui, minha TV, coisas que eu gosto, meus livros ficam organizados aqui em [omitido], que é uma maravilha, porque tem uma mesa bacana de estudos e tal [...]*

[Bruno] *Então, assim, acho que a perspectiva deles, eu acho que minha mãe é mais próxima de mim, mais até do que do meu irmão, assim, sempre fomos um pouco mais próximos, então, para ela teria esse ponto mais sentimental de eu sair de casa ou eu não sair de casa. Então, eu estando em casa, para ela, ela fica mais feliz, ela gosta de me ter por perto. Meu pai também é assim, ele é um pouco mais distante, mais afastado. [...] Então, acaba que, pelo trabalho e no meu tempo livre, eu assistir série, jogar videogame, essas coisas, acaba que eu passo bastante tempo meio*

isolado. Digamos assim... então, eu não converso tanto com eles no dia a dia, de um tempo para cá isso melhorou.

[João] *Como eu vejo como momento, né?, como uma fase que a gente tá junto aqui, que a gente tá passando esse tempo junto, então, a gente tenta ter um bom relacionamento. Pela forma deles vendo isso, acho que deve ser, tem um lado bom, porque sempre um apoiando o outro, acho que não tem algo que seja ruim nessa convivência [...] Ela [mãe] sempre foi muito tranquila, a gente sempre teve uma amizade bacana, ela sempre falou que, se um dia eu precisasse voltar, a casa iria estar sempre de portas abertas aqui [...] eu adoro ficar sozinho aqui e eu deixo tudo do meu jeitinho, ter nosso espaço é muito gostoso, e eu tenho essa cobrança.*

[Mariana] *Então, assim, eu dei uma freada nisso, agora eu estou tentando aprender a não dar palpite, se acontece alguma coisa, eu fico mais de boa, mas, assim, isso é um aprendizado [...] às vezes, o meu pai fala, às vezes, tem algumas outras coisas de dar pitaco, assim, mas é mais a questão de, de cobrança de sair, assim, sabe?, tipo horário, essas coisas, mas é, ah, assim, de um modo geral, nem sempre é gostoso, porque tem horas que eles me irritam, às vezes, eu gosto que eles saiam também e eu fico sozinha um pouco, sabe?, mas, de um modo geral, é bom assim, está sendo bom pra mim.*

[Daniela] *É muito difícil, de verdade, porque aminha mãe, por exemplo, estou conversando aqui com você, e eu estou morrendo de medo dela estar escutando, entendeu? [...] pra minha mãe é natural iss,o entendeu?, porque, talvez, acho que ela não me veja com a idade que eu tenho [...] uma adolescente, talvez um pouquinho mais que adolescente, uns vinte anos, talvez.*

[Vitor] *Deixa eu ver. Bom, vamos começar com a minha mãe, a minha mãe entre eles, é a mais, que tem mais afeto, assim, só que minha mãe é bem dura, sabe? A gente conversa e tem aquele carinho de mãe e filho tal, mas qualquer coisinha já irrita e a gente já briga, viu?, entendeu?, é uma coisa bem complicada, mas hoje em dia tá bem melhor [...] É... sempre teve, todo mundo sempre brigava, mas tinha a briga entre eu e minha mãe também, briga, briga, briga rotineira assim, besta, de não arrumar, de falar, de reclamar, besteiras assim, sabe?, muito de filho ingrato também, porque queria que a mãe fosse diferente e aí você acaba brigando, entendeu? Só que isso foi, com o tempo, foi melhorando, ela foi mudando também, hoje em dia. Mas muito em relação com os problemas que eu tinha, de ter que pedir ajuda, meus pais sempre me ajudavam, minha mãe também, intenção de ajudar, mas eles não sabiam, ou seja, eles não me ajudavam. Por mais que eles queriam, eles não conseguiam me ajudar, acho que meu problema era muito complexo, mas tinha essa relação, sabe? Então é... mas é essa relação um pouco mais longe assim, não tem abraço, não tem beijo, não tem carinho nada, assim [...] eles são engessados, por causa dos pais que foram assim e tal e eu me revoltei a vida inteira, como é que pode um cara ser assim, sabe?, eu odiava meu pai, depois eu perdoei, ele não consegue ser do jeito que eu sou, eu sou muito amoroso, falo, abraço as pessoas e tal... e hoje o que eu faço no meu papel com eles, eu tento quebrar isso, eu tento ser amoroso, perguntar "Você está bem, do que aconteceu, você está bem?"... eles não pergunta isso... isso nunca foi usado lá, "Fica tranquilo, isso vai passar..." ; eu falo, eu fico falando pra ver se eles começam a fazer também. [...] Tipo, é que depende dele, daí com bastante briga, com bastante coisas que eu tive que lutar para eu conquistar um espaço, mesmo na casa dos meus pais, mas eu, como homem e não eu como menino. Eles querem que fica perto, isso é ruim, isso foi muito ruim para o meu desenvolvimento, agora, eu me posicionei nisso aí, entendeu?, eles percebem que eu não ligo tanto para eles, é como se fosse um filho normal que fala com os pais e visita, às vezes, só que eu moro com eles, mas não tem aquela dependência.*

7.3 Vantagens e desvantagens do “ninho cheio”

Quando questionados a respeito das vantagens e desvantagens em morar na casa dos genitores, com exceção de Daniela, a principal vantagem ressaltada está no fator financeiro, ou seja, um momento para fazer economia e, com isso, atingir a realização dos sonhos profissionais. Tal fato corrobora os resultados obtidos na subcategoria “Papéis, funções e autonomia financeira dos filhos”, e, com isso, verificamos que a preocupação com o desenvolvimento e o crescimento econômico dos jovens filhos ocupa um ponto central das famílias dos participantes.

De modo geral, os entrevistados acreditam que o fato de residirem na casa de seus pais possibilita uma despreocupação com gastos referentes à manutenção da casa, além da organização do cotidiano.

É importante referir que os pais compartilham desse projeto e colaboram para a sua execução. Além disso, alguns entrevistados declaram que, embora já possuam condições para viver sozinhos, a permanência na casa de seus pais e a comodidade que isso representa os mantêm nessa condição.

[Bruno] *Eu acho que ponto positivo assim maior é o financeiro assim, né?, hoje boa parte do meu salário eu não gasto, né?, então boa parte do meu salário eu guardo, e aí tem uma repercussão financeira muito positiva para mim, né?*

[Luana] *Mas, enfim, aqui eu economizo dinheiro, eu tenho ajuda com algumas coisas, então, no final do Mestrado estava bem puxado, os meus pais ajudavam com algumas coisas de casa também [...]*

[Mariana] *Eu nem pensei na possibilidade de não morar, mas acho que, no momento, quero estudar e melhorar financeiramente, essa é uma das vantagens de morar com eles.*

[João] *[...] hoje as coisas são mais difíceis de acesso assim, não só em questão financeira, mas que a gente vive também que a situação no país é um pouco difícil em relação a alguns outros aí, mas eu sinto assim, que eu poderia realizar isso agora, essa questão de sair da casa da minha mãe e tal, mas eu iria me limitar bastante porque eu tenho muitos projetos que dependem de um financeiro.*

As participantes Luana e Mariana também destacam, como vantagens, além do auxílio financeiro, algumas facilidades domésticas proporcionadas por morar na residência dos pais. Esse conteúdo revela que tais comodidades significam o investimento dos pais no bem-estar dos filhos e que a relação parento-filial se mantém no cuidado oferecido pelos pais, apesar da idade da prole.

[Mariana] *A minha responsabilidade com casa, não tenho nenhuma, comida pronta, roupa lavada, questão de não tem que pagar nada, isso tudo é bom [...].*

[Luana] *Eu defendi e fiquei só o pó da rabiola, muito cansada, estou cansada para investir mais na clínica, então, eu preciso de um tempo de férias. Então, se eu morasse sozinha, eu não teria janta pronta, quando precisasse, eu teria que ir no mercado, agora, aqui, meus pais vão no*

mercado por mim. Então, por uma questão prática, mesmo, é bom tá aqui, me ajudou nesse final de Mestrado.

Além das comodidades, Mariana também entende como ponto positivo a sua companhia para os pais, já que os mesmos estão envelhecendo e parece se divertirem juntos:

[Mariana] Acho que tem o lado bom de ter minha companhia, de eu estar perto, sei lá, ser uma companhia para os dois, porque eles estão, tipo, envelhecendo e eu saio com eles, a gente almoça junto, conversa [...]

Com relação às desvantagens, a falta de liberdade foi ponto ressaltado por todos os participantes, tanto no sentido de dar satisfação acerca de horários como na falta de autonomia para levar pessoas para casa, demonstrando uma certa limitação, sobretudo quanto à vida social, no ambiente doméstico, o qual fica mais restrito à família:

[Bruno] Nunca teve a única coisa, eles sempre perguntam que horas eu vou voltar, assim. Então, eu saio de casa, que horas você vai voltar... aí, se fala "Não sei, né?"... porque, às vezes, volta meia-noite, às vezes, volta às 10 horas da noite, aí eles falam não pode falar 5 horas da manhã, mas me fala um horário e se você não chegar esse horário, eu sei que alguma coisa de errado... uma coisa sem sentido. Então, eles são preocupados assim dessa forma.

[João] Eu acho que sim, viu?, de certa forma, sim, porque a gente tem uma certa limitação de espaço, a gente respeita muito o espaço da minha mãe assim e tal [...] Mas, se for pra trazer pra casa, pra gente conhecer, pra assistir um filme, passar a noite, mas sempre respeitando bem o espaço da minha mãe, mas tem, sim, atrapalha um pouco, sim, mas nada que não desse para resolver [...] mas acho que iria incomodar um pouco ela eu estar trazendo pessoas aqui do nada, pessoas aleatórias, ela iria dar um puxãozinho de orelha, sim, mas eu que não dou muito motivo, tento respeitar bastante esse espaço.

[Daniela] [...] eu não tenho liberdade para atender um telefone, depois fica perguntando o que aconteceu. Eu falo isso não só com amigos, entendeu?, mas também com relacionamento, se eu tenho, se eu estou tentando conversar com um homem alguma coisa, ela sempre fica em cima, sabe?, parece que a casa não é minha também, que eu tô sempre, parece, eu me sinto, às vezes, que estou fazendo alguma coisa escondida, alguma coisa errada, sabe?

[Vitor] Morar com os pais é ruim, com, acho que eu morei bastante tempo sozinho, de ter liberdade para eu fazer o que eu quiser, eu não gostava nem de cuidar muito do jardim da casa, porque era da minha mãe, entendeu? [...] Só que aí eu faço, eu tenho que fazer do jeito deles.

[Luana] Por exemplo, todos os meus amigos são do interior agora, até quem morava aqui em uma cidade do estado de São Paulo, foi morar fora de uma cidade do estado de São Paulo, durante esse período em que eu estive fora. Eu não posso virar e falar assim: "Não, vem passar um mês aqui em casa"... e quando eu morava em uma cidade do interior do estado de São Paulo, eu recebia todo mundo e era muito de boa, nesse sentido, tinham alguns amigos meus que eram de fora e iam passar um tempo lá, porque aqui tira a privacidade deles [...]

[Mariana] [...] mas a única coisa que eu acho ruim é essa parte, tipo, você quer trazer alguém em casa, não dá pra fazer isso, você quer sair sem, sem, sabe, sei lá, você quer sair sem, tem sempre tipo dar uma satisfação, às vezes, o meu pai, principalmente meu pai, assim, ele é bem ansioso, então, às vezes, eu converso alguma coisa com ele sobre algum problema,

assim, ele fica repetindo esse problema várias vezes, entendeu?, tipo sei lá, “Aconteceu alguma coisa?”, ele fala: “M., eu falei”, “Ó, M., eu falei”, sabe? e eu falo: “Pai, já conversamos, chega...”, daí ele fica repetindo um pouco, sabe? [...] Mas eu acho que o lado ruim é... eu acho que o lado ruim é essa parte também, eles perdem a liberdade, sei lá, eles querem namorar, alguma coisa e não sei, sabe?, às vezes fica só os dois lá e eu chego, eu tipo, não gosto muito, sabe? [...]

Bruno foi o único participante que mencionou o fato de não ter responsabilidades nos afazeres de casa como um ponto negativo, pois entende que não ajudar dificulta na conquista de sua autonomia:

[Bruno] Por mais cômodo que seja, assim, eu morar em casa, eu não, lá não limpo a casa, eu não lavo minha roupa, eu não faço uma refeição. Então, assim, é muito cômodo e ao mesmo tempo eu sinto que eu deveria ter essas responsabilidades, eu deveria ter essas atividades para fazer, por conta da idade ou, não sei, por conta de alguma pressão ou alguma coisa que eu vejo em relação a outros amigos, assim, que moram sozinhos [...] Me sinto meio pressionado, assim [...] e aí pontos negativos eu acho que, assim, principalmente mais recentemente, eu sinto falta de um pouco mais de autonomia, no sentido de eu não sentir até responsabilidades, né?

7.4 Vida social e amizades

Com relação à vida social dos participantes, todos os entrevistados relataram uma vida social mais restrita, no que diz respeito tanto a atividades quanto a amizades, referindo poucas opções sociais e dificuldades em estabelecer amizades. De modo geral, os relatos convergem para um ponto em comum, de um desinteresse em “baladas” e de que sempre foram mais “caseiros”.

Os relatos apontam, ainda, uma dificuldade no estabelecimento de amizades, em conhecer pessoas, gostos musicais e esportivos, além do isolamento social decorrente da pandemia.

Na verdade, apenas nos relatos de Daniela e Mariana notamos algo mais claro acerca de quem gosta de sair com suas amigas, mas, mesmo assim, isso não é algo constante:

[Bruno] Sempre fui mais caseiro. Eu não sou tanto de sair assim, eu gosto de sair bem é... não gosto de balada, assim, essas coisas, gosto mais de um bar, de sentar e conversar, trocar uma ideia. Mas, quando eu tô em casa, é mais série ou jogando videogame, essas coisas.

[João] Eu saio pouco, eu gosto de sair muito pra comer, saio muito pra isso, mas, questão de balada, eu sempre fui muito tranquilo, é mais difícil pra me relacionar assim. Um pouco, um pouco, por causa do meu jeito, eu não saio tanto, vou pouco a barzinho e em festas e acho que acaba limitando um pouco isso aí. Dificulta um pouco eu estar encontrando alguém, mas não é uma coisa que eu me cobro muito [...] mas, se for pra estar num barzinho, restaurante, coisas mais tranquilas, eu saio com alguns amigos, às vezes, mas sem muita galera, algo mais tranquilo, não é que eu não goste, mas eu prefiro essa calma ou até de sair viajar e conhecer lugares.

[Vitor] É o que eu estava comentando, eu gosto de aikidô, de arte marcial, ninguém aqui conhece, então, eu não tenho uma turma, eu não tenho um grupo. É... eu faço calistenia na praça ou na parte de fora do clube lá, e ninguém faz isso, eu não tenho grupo, normalmente você tem grupo, você

acha uma pessoa no grupo ou o grupo ajuda você achar alguém de fora, entendeu?, ou alguma coisa acontece. Já no trabalho não tem ninguém, eu tenho pouco contato, é muito on-line as coisas. Então, eu acho que, só se eu começar a gostar de futebol, gostar de sertanejo, gostar de... essas coisas populares aí. Eu sou azarado nessa parte.

[Luana] *Aqui, pra responder essa pergunta, tem um problema bem maior que é o Mestrado e a pandemia. São duas coisas que me atravessam nesse sentido, porque eu não estou vivendo uma vida normal. Fazia chamada de vídeo com meus amigos e o social foi isso, o encontro digital com a galera [...]. Antes, quando eu tinha, vai dezoito, dezoito anos, dezessete, eu saía de vez em quando, mas eu nunca fui uma pessoa muito de sair, mas naquela época, sim, morar com meus pais e depois ir morar sozinha, teve uma influência nesse lado.*

[Mariana] *Então, por conta da pandemia, está bem tranquila ultimamente, mas gosto de sair com as minhas amigas, já fui de sair mais, mas, de vez em quando, é bom.*

[Daniela] *No fim de semana, costumo sair com as minhas amigas, costumo ir para barzinho ou na casa de uma amiga casada. Mas, assim, tem época que sou mais caseira, outras, eu não paro em casa.*

É importante frisar que, embora anteriormente tenhamos registrado algumas queixas relativas à falta de liberdade para levar amigos na casa compartilhada com seus pais, nessa categoria, tal aspecto não foi apontado. Ao contrário, os participantes aludem a uma vida social pouco movimentada, desde mais jovens, não sendo possível estabelecer uma relação direta entre a vida social mais restrita e a falta de liberdade ocasionada por residir na casa de seus pais.

7.5 Relacionamentos amorosos

7.5.1. Namoros

Com relação à vida amorosa dos participantes da pesquisa, destacamos que metade deles nunca chegou a estabelecer um relacionamento amoroso comprometido. Os entrevistados João, Vitor e Daniela tiveram pelo menos um relacionamento longo e intenso. João e Daniela chegaram a noivar:

[João] *O meu primeiro namoro, novinho, a gente ficou quatro anos juntos, cheguei a noivar, aí ela foi estudar fora e a distância desgastou um pouco, daí não deu muito certo, a gente era novo também, descabeçado... [risos]... mas aí depois desse namoro eu me envolvi com outra pessoa e a gente teve uma relação de um ano mais ou menos e depois eu resolvi dar um tempo, fui conhecendo pessoas, tentar viver alguma coisa ou outra e acabou não se desenvolvendo. Mas teve essas experiências, duas ou três experiências aí com relacionamento. [...] Não, eu estou solteiro, eu estava conhecendo alguém, sim, mas nada assim, muito que tenha desenvolvido muito, até o momento, estou solteiro, tranquilo e ainda incerto, sabe?, como eu posso dizer, não encontrei ainda alguém que tenha os valores ou que eu veja que tenha essa intenção realmente de estar desenvolvendo algo concreto.*

[Daniela] *Sim, tive um relacionamento por cinco anos e um pouquinho e a gente terminou, estávamos meio prestes a casar, sabe?, até então, acho que estava tudo certo, mas por questões, ele me traiu, me traía bastante, a gente terminou. Isso faz doze anos. Depois disso eu nunca mais tive um relacionamento sério, eu nunca mais trouxe nenhum namorado para dentro da minha casa.*

[Vitor] *Foram... uns três namoros de cinco anos cada um, um de dois anos e mais algumas outras pessoas que eu conheci, mas eu sempre quis ficar namorando. Isso... e o amor pra mim é uma substância, é um negócio que a gente tem e acaba, é igual gasolina, quando você tem uma mulher, ela te abastece, quando você briga, fica sem esse combustível, aí vocês reatam e vem tudo aquela coisa, aí o amor sobe de novo. Quando você é sozinho, igual eu estou passando agora, não tem.*

No entanto, os participantes Bruno, Luana e Mariana nunca tiveram um relacionamento compromissado. Bruno ressalta que talvez não ter tido um relacionamento sério possa ser um dos fatores que justifique o fato de não ter saído da casa dos pais. Já Luana e Mariana parecem não ter encontrado uma pessoa para isso, Mariana aponta inclusive que, por ter sido muito “mimada”, teria que fazer concessões numa relação, algo que ela precisaria melhorar:

[Bruno] *Eu nunca, nunca namorei sério, então, eu acho que é um dos fatores assim, nem comentei, é um dos fatores para não justificar uma saída, né? Aliás, não tem uma saída de casa justificada mais fácil. Eu nunca namorei sério, sempre coisas não sérias, assim, digamos, então, acaba que a ausência desse relacionamento cria essa visão de não ter uma família para estabelecer ou não ter algum relacionamento para estreitar, morando junto, e aí acaba meio que facilitando a estrada que eu acho.*

[Luana] *Então, sério, não. Eu acho que eu nunca encontrei uma pessoa que eu quisesse apresentar pra minha família e no meu ciclo. Sabe assim quando você tem uma pessoa que você quer apresentar pra toda família, para todos os amigos, aqui, estou com essa pessoa, eu nunca tive isso com alguém.*

[Mariana] [...] *mas assim, sempre fui uma menina mimada, uma menina que, uma menina, sabe?, mimada, eu tinha tudo o que eu queria desde pequena, é.... eu, sim, tive minha educação, mas, assim, graças a Deus, eles me davam tudo que eu queria, enfim, eu acho que eu cresci um pouco, assim, sabe?, talvez isso interfira um pouco na questão de relacionamento. No tipo, putz, tenho que encontrar uma pessoa x e tal, mas é, nunca encontrei ninguém. Nunca namorei, mas [...] Não sei se assusta, mas eu acho que relacionamento é uma coisa difícil, né?, acho que tem ser uma coisa pra relacionar, sabe?, eu acho que, não que me vejam, assim, mas, para o relacionamento, você tem que abrir mão de alguma coisa, não sei se também, sabe?, sei lá. Eu acho que eu tenho que melhorar em algumas coisas, mas, assim, pretendo namorar, pretendo, eu acho que não sei.*

Interessante observar que os participantes, mesmo os que namoraram sério, não tiveram muitas experiências amorosas. Além disso, a vida amorosa não se constitui no principal projeto de vida dos jovens participantes da pesquisa, em detrimento da importância ocupada pela vida profissional e, consequentemente, pela ascensão financeira.

7.5.2 Participação dos pais

Nessa subcategoria, buscamos demonstrar a postura dos pais com relação à vida amorosa e namoro dos filhos e, de acordo com os relatos, os entrevistados revelam que tal questão não é discutida com os pais e não se sentem pressionados ou exigidos por eles, no tocante ao estabelecimento de relacionamentos amorosos, esclarecendo que não existe preocupação ou mesmo incômodo, por parte de seus genitores.

Luana, por exemplo, refere que sua mãe sempre a incentivou a não centralizar suas escolhas em casamento e filhos, explicitando que dedicasse sua atenção à sua própria vida, ou seja, a seus projetos individuais, que certamente circulam no âmbito profissional:

[Bruno] *Aqui em casa, a gente é bem tranquilo, assim, né?, tanto que meus pais sempre foram muito tranquilos, nunca teve muita pressão de qualquer forma, assim, de qualquer aspecto de relacionamento, então, acho que isso acaba que moldou um pouco, né?, acho que minha visão sobre isso [...] Não, não cobram, nunca cobraram.*

[João] *Eu não converso muito sobre isso com ela, mas ela sempre foi muito amiga das namoradas que eu tive aí, sempre teve uma amizade bacana, uma boa relação, e ela sempre foi muito sincera comigo quanto ela achava. Ela fala que quer ter um neto, ela fala pra mim, um pouco isso, fala um pouco, sim, mas nada de tanto cobrança, tudo no seu tempo, sem muita pressão pra não tomar a decisão errada... [risos] [...]*

[Vitor] *Tipo é como se eu entrasse com a minha namorada e você conversar com ela, mas você não vai ficar perguntando certas coisas, entendeu?, eles não perguntavam coisas que pais pudessem perguntar. Bom, não perguntava nada, não perguntavam nem se eu estava feliz [...] Eu acho que eles nem pensam nessa história de ter neto ou não, eu quero muito dar um neto para o meu pai e minha mãe.*

[Daniela] *Capaz, não. Não, piadinha do tipo, aí vai ficar enalhada, isso é normal de tio mesmo, isso o meu tio sempre faz, mas cobrança, não [...] Ela nem conversa, ela não conversa, não, eu acho que ela deve querer que eu tenha alguém, meio que uma coisa assim normal, sabe?, na cabeça dela o correto é ter alguém, é meio que obrigatório, sabe?, uma coisa, sei lá, não sei explicar... a obrigação da mulher de casar e ter filhos.*

[Luana] *Não, nunca tive isso, pensando nos meus pais, na influência deles, a minha mãe sempre falou assim: "Olha foca na sua vida, não foca nessa questão de casar e ter filhos, porque aí você vai abrir mão de desejos seus, pra além da pressão social, escolha o que é desejo seu"..., no meio disso, e nunca foi um desejo meu aquela família tradicional brasileira e muito menos ter filho.*

[Mariana] *Não tem e também nunca vi meu irmão conversando sobre, e eu nunca conversei. Não tive a oportunidade e não conversei, com meu irmão, não sei como foi, mas acho que não teve, foi bem natural.*

7.5.3 Uso de aplicativos

O uso de aplicativos para se relacionar amorosamente tem feito parte da vida de muitos jovens,, na contemporaneidade, o que se mostrou significativo entre os participantes

da pesquisa, pois cinco dos seis participantes já fizeram uso do famoso aplicativo de relacionamentos “Tinder”. Luana foi a única entrevistada que relatou interesse mas não utilizou o aplicativo.

Todavia, observamos que, na opinião da maioria, há uma desesperança em encontrar pessoas que queiram algo sério pelo aplicativo, indicando que, embora não tenham demonstrado interesse em namoro, buscam relacionamentos sérios e, no transcorrer das entrevistas, foi possível notar que nenhum deles teve uma experiência favorável, através do uso desses aplicativos de encontros.

É oportuno realçar que João e Bruno justificam o uso que fizeram do aplicativo devido à pandemia. De acordo com João, houve um aumento na procura e uso do Tinder, porque a pandemia impediu os encontros usuais entre as pessoas, enquanto Bruno justifica que deixou de utilizá-lo devido à pandemia. Todavia, ambos evidenciam que o aplicativo facilitou o estabelecimento de amizades, ao invés de um relacionamento amoroso:

[João] Mas tem sim, o tal do Tinder, sempre surge umas experiências e aí [...] Sim, sim, acho que é possível, até por conta dessa realidade de hoje, o pessoal não está conseguindo ir em barzinho ou reunir amigos, acredito que aumentou bastante a procura por esse meio e acho que é possível, sim, se a pessoa for transparente e ser bem objetiva, falar bem o que quer, as suas intenções, eu acho que é possível, sim, está aí, sim, com esse intuito de estar aberto a um relacionamento e desenvolver algo. [...] Já teve um que teve um andamento bom, mas não deu certo, e teve também muitas amizades que eu fiz, amizades bacanas que eu tenho até hoje aí, não muitas, né?, uma ou duas, mas de relacionamento mesmo de me envolver foi uma vez só, uma vez que fluiu de fato e é isso [...]

[Bruno] Eu usava mais, com a pandemia eu parei um pouco [...] Sim, com certeza, uma forma boa de encontrar pessoas. [...] Nunca, nunca, não um relacionamento, uma pessoa que eu falasse assim: “Nossa, preciso namorar”, assim, nada nesse sentido.

Embora todos os entrevistados tenham destacado que o meio virtual possibilita encontros e proporciona o contato com pessoas, na prática, não foi isso que ocorreu. Em sua maioria, os entrevistados consideram que o uso do aplicativo é um meio para o estabelecimento de encontros mais casuais e, principalmente, com o objetivo de encontros sexuais. Vitor enfatiza a dificuldade encontrada na manutenção da relação, principalmente quando o interesse não permanece, avaliando que suas experiências não foram satisfatórias.

Corroborando o relato de Vitor, Daniela e Mariana declararam que não obtiveram boas experiências nos encontros. Inclusive, Mariana revelou um incômodo causado pelo fato de ficar exposta e selecionar pessoas exclusivamente por foto e idade.

[Vitor] Então, eu acho ruim, quando eu comecei a usar isso, é... uns seis anos atrás, há bastante tempo, aí as pessoas que tinham no Tinder, as pessoas que não conseguiam encontrar pessoas ao vivo, não dava conta,

elas precisavam de aplicativo para conhecer, sabe?, às vezes a pessoa não saía ou alguma coisa assim, é o que eu acho, né? [...] Sim, sim, é... mas daí chegou um tempo que eu tinha o meu desenvolvimento natural com as pessoas que eu encontrava na rua, mas eu usava o Tinder também para casual, se você usar o aplicativo pro casual, aí vale a pena, beleza, mete o pau, não vai ter erro [...] Fiquei com aquela uma que eu contei que eu fiquei quatro ou cinco meses e que eu sofri um monte. [...] Não, então, eu só tenho má experiência no Tinder, só má experiência [...] quando você fica com uma menina e tal, começa casual e você vê que não quer, aí já era, só que dá pra você ficar fazendo ali pra você se aliviar, entendeu?, e você faz isso. Aí tem um problema: se você pensar, aí tem aquela menina, tipo, você pode fazer sexo a hora que você quiser com ela, não é tão barato assim [risos] [...] Não é tão simples, você tem que conviver com a pessoa, você tem que falar com a pessoa, você não pode ferir sentimentos dela, tem um monte de coisa, só pra fazer sexo e eu parei [risos] com isso.

[Daniela] Sim [...] Uma merda, porque assim, é muito, é uma ferramenta interessante, assim, quando você não está muito bem, sabe?, porque, às vezes, você precisa conversar com alguém, é engraçado, é interessante você conversar e conhecer uma pessoa, mas depois você descobre alguns problemas dentro daquela pessoa que você está conversando que te afugenta um pouco e também o fato de você encarar algumas coisas, como a rejeição, de você estar conversando com a pessoa e a pessoa não gostar mesmo de você. Mas não vou falar que eu nunca utilizei, eu utilizei, sim, várias vezes, muitas vezes, hoje eu não utilizo mais [...] Boas, sim, já tive, não foram pra frente. [...] Pode, pode, sim, hoje em dia, especialmente pela situação que a gente está na pandemia.

[Mariana] Eu já usei, mas não gostei, eu acho que não é muito minha praia isso, já usei e já sai, mas eu acho que não foi uma coisa muito legal, não é o tipo de relacionamento que eu gosto, de conhecer alguém pela internet, através de aplicativo, acho que o intuito da maioria é de sexo e essas outras coisas, até questão disso não é uma coisa que me atrai. Então, eu prefiro conhecer a pessoa pessoalmente ou, sei lá, um amigo de um amigo sabe?, nada de rede social, aí, não é uma coisa que me agrada nem um pouco [...] Eu não acho que não dá certo, pode dar, mas não acho que é uma coisa que eu gosto desse negócio de ver foto, de selecionar por foto e por idade, não é uma coisa que me atrai. Acho que, no aplicativo, você encontra todo mundo, vários objetivos, então, é muita gente que não tem objetivo de se relacionar sério, então, assim, sei lá, a maioria que eu encontrei não tinha nenhuma vontade de se relacionar sério, então, é uma coisa assim que não tem motivo pra mim. Eu não gosto também muito dessa exposição, sabe?

Além de nunca ter conhecido pessoas pelo aplicativo, Luana conta que tem preferência em conhecer pessoalmente ou através de amigos em comum, além de ter sido a única participante a apontar os perigos de conhecer alguém dessa forma, já que, na visão da entrevistada, ali as pessoas podem não demonstrar quem realmente são:

[Luana] Tinder não, até tentei uma vez, mas eu tinha que escolher fotos e eu estava sem, eu não tenho foto, eu não tiro foto, eu preciso tirar fotos, até combinei com uma amiga minha [...] Não, eu prefiro conhecer um pouco a pessoa, pelo menos ter amigos em comum, algum contato com a pessoa, do que encontrar ali um desconhecido, só pelo meio virtual e não saber nada dessa pessoa, de uma forma fora do âmbito virtual, eu acho perigoso também porque, na rede social, a gente pode ser quem a gente quiser. A rede social maqueia as coisas também, é aí onde mora o perigo, eu nunca sei se essa pessoa que eu não tenho referências fora do virtual vai ser mesmo essa pessoa fora do virtual.

Ao que tudo indica, embora grande parte dos entrevistados fez uso do aplicativo, é interessante notar que este foi o único aplicativo citado nos relatos e não possibilitou

encontros compromissados, e talvez, por isso, os participantes não demonstraram um grande interesse no uso desta ferramenta.

7.5.4 Expectativas em relação a parceiros(as)

Neste subtema, procuramos entender os atributos que movem os participantes da pesquisa, na busca por companheiro(a)s. Genericamente, alguns atribuem certas características, como atributos físicos, beleza, condições sociais e visão de mundo.

No entanto, praticamente todos reconhecem a importância de aspectos relacionados à personalidade, parceria, diálogo; por exemplo, Vitor, Luana e Mariana destacam questões relativas à importância de que o(a) outro(a) compartilhe a busca pelo crescimento profissional e nos estudos, corroborando a importância de tal fator, já ressaltado em categorias anteriores, nos relatos.

Daniela foi a única entrevistada que se emocionou, ao tocar nesse tema, frisando a necessidade da parceria e de que espera alguém que possa ajudá-la a superar seus conflitos, embora seu relato seja ambivalente e afirme que um relacionamento saudável não precisa estar associado ao amor.

Com relação ao amor, nenhum entrevistado, além de Daniela, citou o referido termo, e os relatos se restringem principalmente à importância das características da outra pessoa para o estabelecimento de um relacionamento. Nesse sentido, apenas João faz referência à renúncia, num relacionamento, ressaltando uma questão concernente a alguma falha dele que tenha contribuído para que um determinado relacionamento não tenha se desenvolvido:

[Bruno] *Eu vejo mais, assim, personalidade, e aí eu sou a pessoa assim bem humorada, assim, né?, e eu procuro essa questão de personalidade, assim, pessoas que têm humor mais leve, assim, que não sejam tão preocupadas, não sei, às vezes, como enxergar a vida, assim, quando chega alguma coisa e a pessoa diz que alguma coisa pequena tem um impacto gigante para ela isso me incomoda, assim, quando eu procuro alguém, então, é mais nesse sentido mais genérico, não sei se é se eu procuro coisas específicas, eu acho que é meio que, eu não penso sobre, mas é mais essa questão do perfil e da compatibilidade.*

[João] *Acho que parceria, né?, de valores, sabe?, simplicidade... ter muita parceria, ser muito amigo e tentar se adaptar, sempre se adaptando e resolvendo as coisas da melhor forma possível, sempre na base do diálogo, tranquilo, a gente tem que abrir mão de algumas coisas, isso é a parceria, é o relacionamento que eu sonho ter e essa forma como eu vejo [...] Tem, sim, pessoas que têm os mesmo costumes, mas que acabou não desenvolvendo, não sei se foi por conta de falta de contribuição da minha parte, mas não desenvolveu, sabe?, ainda não tive um entendimento sobre o porquê, pode ser que eu não tenha encontrado a pessoa pra isso.*

[Vitor] *Eu iria achar ela, né, tem que achar bonita e tudo... uma pessoa simples, entendeu?, que não é dessas tão antenada, tão on-line, tão fotos e selfs em Instagram, essas coisas, sabe?, essas coisinhas assim que vão somando, tem muitas coisas, da pessoa ser forte, ser é... como fala... ser uma pessoa mais, mais proativa, mais que eu falo uma pessoa ativa, igual*

uma leoa, pra namorar um leão, é assim que eu me vejo, sabe? Do que você fica, você é um leão, daí você pega uma pessoa mais ou menos pra ficar com você, atrapalha seu crescimento, eu acho que tem a pessoa, sei lá, a pessoa alavanca a vida quando você encontra alguém. [...] Aí eu posso mudar, eu posso ficar com qualquer tonta aí... [risos]...mas não sei se ficaria para ter uma família, talvez eu pense até em adotar um filho e ser solteiro.

[Daniela] [...] [Choro] ...mais forte que eu... talvez que me ajudasse a superar as coisas, num relacionamento eu acho que a gente tem que caminhar junto, sabe?, eu sempre falo do relacionamento do meu irmão [...] Eu acredito que é possível ter uma relação saudável, sim, mas eu não acredito no amor. Uma relação saudável eu acho que não tem uma ligação com o amor, mas eu não sou a pessoa certa pra dizer isso.

[Luana] Primeiramente, a visão de mundo perante a sociedade; eu sou uma pessoa muito reflexiva, sobre a sociedade, sobre tudo em volta, por isso que eu escolhi essa profissão e a pesquisa também. Então, eu penso muito na sociedade e em qual pessoa eu vou querer do meu lado. Se a pessoa for reflexiva e entrar nessa brisa, ok, se não, vai ficar uma coisa muito, como já aconteceu, não dá certo, quando a pessoa é muito diferente de você, a ideia é: os iguais se atraem né?, por exemplo, é uma coisa que eu consigo articular as coisas do dia a dia, mas não tem uma mudança muito grande como seria, do tipo de mudar a perspectiva da pessoa em relação ao que ela quer para o futuro, de ser uma pessoa, assim, que não liga tanto para a profissão, ser relevável à profissão, sendo que eu ligo muito e eu vou investir, pra estar do meu lado, tem que saber que eu vou investir nisso.

[Mariana] Acho que tudo que eu queria, às vezes, eu quero encontrar um cara assim, entendeu?, que tenha oportunidade, não consigo me relacionar com qualquer pessoa e eu acho que não encontrei ninguém ainda, eu acho não, eu não encontrei ninguém legal, assim, do meu nível, sabe? [...] Encontrar uma pessoa assim, a questão de nível social, de estudar, de ter oportunidade de ter estudado, ter feito uma boa faculdade, ter um conhecimento, sabe? Eu não tenho vontade de me relacionar com uma pessoa que não teve tanta oportunidade, entendeu?

7.6 Planejamento do futuro: expectativas

7.6.1 Vida profissional

Com relação às expectativas de futuro dos jovens entrevistados, o sucesso profissional e financeiro foram os aspetos mais destacados, no discurso dos participantes. Soma-se a isso a circunstância de que todos apontaram a busca por melhores condições de emprego, tais como a valorização profissional, mesmo que seja através de uma nova oportunidade de trabalho, como destacam Bruno e Daniela, ou exercendo a função de profissional autônomo, como nos relatam João, Mariana e Luana. Vale ressaltar que, devido à sua condição de provedora da família, Daniela é a única participante que, mesmo gostando de encontrar melhores condições de trabalho, qualquer mudança só poderia ocorrer diante de uma situação segura e que realmente resultasse em boas condições financeiras.

Em contrapartida, Vítor demonstra satisfação profissional, mas indica que aprecia a prática do aikidô e, por isso, cogita a possibilidade de largar tudo para dar aulas do esporte:

[Bruno] [...] eu gosto muito de dar aula, então, a intenção era fazer o Mestrado para me capacitar para dar aula e seguir nessa área, a pesquisa me interessa até certo ponto, mas o que mais me interessa, me instiga e o que mais me motivou a fazer Mestrado, foi docência, procurar algum lugar

pra dar aula e conseguir dar aula para alunos de graduação. [...] Hoje, eu não me preendo, hoje, o que eu tô procurando mais assim é bem crescimento profissional, então, se eu achasse uma oportunidade boa, longe, eu não negaria [...] encontrar um lugar em que eu me sinta valorizado profissionalmente... é, então, encontrar um lugar em que eu acredite que eu agregue para empresa né?, que eu tenho para expectativa de futuro que eu tenha perspectiva de carreira e que seja valorizado.

[Mariana] Nasci aqui e minha família é daqui, e é uma coisa, assim, que eu percebo que, se eu conseguir algo melhor, eu acho que eu iria, sabe?, assim, lógico, cidade muito grande é uma coisa que eu não gosto muito, mas, se eu conseguisse uma cidade um pouco maior, talvez eu iria, sim, e eu pensei até em começar a estudar pra prestar concurso em outros lugares, mais por uma questão de ganhar melhor, sabe?, de ter tipo um salário melhor e, enfim, aí veio a parte do consultório, não sei se eu tenho vontade de abrir um consultório ou se eu tenho vontade de trabalhar para as pessoas, mas, assim, e a minha vida profissional é sempre estar me atualizando na área da saúde, ser sempre uma boa profissional e, assim, planos assim, eu acho uma coisa meio difícil, mas, por enquanto, o que eu quero fazer é estudar, não sei sobre o consultório, quero estudar, sabe? [...] Acho que sim, porque pra eu sair daqui eu tenho que ter uma coisa melhor e eu vejo concurso assim de outro lugar, até por ter a questão difícil de passar, ser o mesmo salário e para eu ter o mesmo salário aqui ou morando em outra cidade, eu prefiro ter o mesmo salário morando aqui, né?, acho que me prende um pouco. [...] Me vejo estabilizada profissionalmente, fazendo curso, talvez no particular.

[Luana] Olha, estou com 27 anos, com dois títulos, mas desempregada. Então, o negócio, agora, primeira coisa, dinheiro, eu preciso me estabilizar financeiramente [...] Eu quero ter meu espaço, também, comprar um apartamento, mas, pra mim, é possível ficar na casa dos meus pais, juntando dinheiro pra comprar o meu apartamento. Agora, trabalho, nossa!, eu já investi bastante na profissão, agora mais ainda, eu sei que é uma parte difícil, mas eu quero dá aula, eu quero investir na clínica também, eu vou investir e principalmente ter estabilidade financeira para poder publicar artigos, pois, hoje em dia, eu tenho uma quantidade de material grande que precisa passar adiante. [...] É uma coisa que eu quero investir, eu quero construir caminho nessa área [acadêmica].

[João] Não, pra mim é algo provisório, estou preparando para algo meu mesmo, eu tenho uma rotina definida na cabeça, para que eu consiga uma mobilidade bacana, se eu puder trabalhar aqui em casa e uma semana trabalhar em outro qualquer lugar do país ou fora e puder realizar aí o meu trabalho, essa é a rotina que eu quero pra mim. [...] As minhas, as minhas é mais isso mesmo, realizar esses projetinhos meus que já estão em andamento, de realizar algumas coisas da parte de importação e se adaptar a esse novo ambiente que a gente está vivendo, hoje, por essa pandemia, e dar andamento a esses projetos [...] eu sempre quis abrir algo relacionado a comes e bebes, um restaurante, eu até vi um trailer pra comprar em 2019, chegar a fazer uns lanches e meu pensamento era abrir um restaurante futuramente, aí, assim, estava aberto o leque do que eu poderia estar servindo, colocando um tipo de culinária ou variando, né?, era mais isso que eu estava pensando e também com importação, hoje, eu faço um extra, até não comentei: eu importo os produtos eletrônicos e revendo aqui, então, é uma coisa também que é que está aberta aí [...]

[Daniela] Eu sei que eu preciso fazer uma mudança na minha carreira profissional e essa mudança está prestes a acontecer, exatamente um dos motivos claros que eu faço acompanhamento psicológico, eu preciso tratar isso e ter coragem de fazer algumas coisas que eu ainda não tenho coragem, porque, se não, eu vou ficar o resto da vida dentro do meu trabalho, sofrendo, e não vou mudar nunca, mas é, eu quero sair lá do meu trabalho, quero arrumar um outro emprego, que seja um pouco mais leve, não é questão de salário, não, não sei o que compensa, sabe?, mas eu

preciso ter um pouco mais de qualidade de vida, sabe?, e hoje o meu trabalho, ele me aprisiona muito com relação à qualidade de vida [...] Na verdade, são várias questões, principalmente uma delas é a cobrança que eu faço sobre mim, acho que isso que é o mais pesado e também ali, eu estou há muito tempo, há muitos anos, então, sempre foi do mesmo jeito, e não fui eu que consegui mudar alguma coisa, eu não vou conseguir mudar, sempre vão ter o mesmo pensamento, mesma forma de agir com tudo, eu vou muito contra os meus princípios, trabalhando lá, tem muita coisa que eu faço ali, porque eu sou funcionária, mas eu não concordo. [...] Então, eu não me sinto forte o suficiente pra sair, pra pedir as contas, entendeu?, vamos dizer, assim, principalmente pela questão financeira, se eu sair de lá, provavelmente eu não vou arrumar um emprego que pague o que eu ganho lá, e eu não posso deixar a minha casa sem essa estrutura, entendeu?, não tem como, não tem quem manter a minha casa, hoje, eu não posso sair do meu emprego, eu só posso sair de lá, se eu já tiver alguma coisa certa e, mesmo assim, eu me sinto muito insegura de estar fazendo isso, porque ali, mesmo com todos os problemas que tem, eu consigo administrar.

[Vitor] Sim, com agronomia, eu quero continuar fazendo o que meu pai faz, posso continuar, mas essa pós-graduação está me ensinando umas coisas novas, que eu gosto mais, é sobre liderança, governança de empresa, gestão, é... para dar consultoria e ensinar essa liderança que eu aprendi, que eu aprendo ainda na minha arte marcial, que eu também quero ser professor e dar aula junto e tudo isso. [...] o próprio psiquiatra falou, se não fosse o aikidô, o aikidô era o gancho da sua melhora, quando você iria desistir de tudo você voltava por conta do aikidô, então, era a sua, não iria adiantar médico, remédio, família, não ia adiantar nada, se não tivesse o aikidô. Beleza, espetacular, fiquei muito bem, mas agora eu quero fazer isso para outras pessoas, entendeu?, deve ter muita gente que pode precisar desses ensinamentos para superar os problemas emocionais, igual eu superei ou até outros, é meu foco de vida maior, a agronomia é para eu ganhar dinheiro, se eu pudesse largar a agronomia e só dar aula, eu faria isso.

7.6.2 Vida amorosa

No tocante à perspectiva de futuro relativa aos relacionamentos amorosos, cinco dos jovens entrevistados demonstram o desejo em encontrar um(a) parceiro(a), no intuito de estabelecer uma família, e, nesse sentido, Bruno, Vitor e Mariana mencionam que buscariam um casamento, desde que encontrassem a “pessoa certa”; aqui, não nos preocupamos em pesquisar o significado de que tipo de compromisso envolveria o termo “casamento”. Nessas narrativas, o fato de ter filhos está incluído nos projetos da vida amorosa, ou seja, encontrar um(a) companheiro(a), casar-se e ter filhos.

Em relação à concepção de filhos, Daniela enfatiza que o desejo de ter filhos sobressai ao de encontrar um companheiro, ao contrário de Mariana, que coloca em dúvida tal escolha, e Luana, a qual afirma que não pensa nessa possibilidade. Para ela, a vida amorosa não aparece como uma perspectiva, mas como algo que pode ocorrer. Todos os participantes do sexo masculino incluíram os filhos em seus projetos de vida.

Todavia, é importante notar que, ao longo das entrevistas, é possível perceber que a constituição de uma família está sujeita à satisfação profissional e econômica, ocupando um lugar secundário à profissional e que só poderia acontecer de acordo com as condições financeiras:

[Bruno] *Eu tenho, eu tenho vontade, mais questão, assim, eu acho que até é... eu não sei, talvez uma questão assim mais profunda, de autoestima, assim, eu acho que, mesmo eu tendo vontade, não sei se encontraria alguém que também tivesse vontade de ter um relacionamento comigo, alguma coisa assim, nesse sentido, de autoestima [...] Eu não sei, talvez seja eu, mais de imagem própria, eu realmente não sei falar, se justificar, mas é mais uma visão limitada, assim, nesse sentido. [...] Então, de futuro, eu me imagino assim, na parte amorosa, primeiro, assim, mas encontrar alguém que eu queria estabelecer um relacionamento, né?... conseguir ter um relacionamento saudável, assim, nesse sentido. Acho que, resolvendo essas questões primeiro, acho que mais é entender minha cabeça melhor nesse quesito e questão profissional, é encontrar um lugar em que eu me sinta valorizado profissionalmente [...] mais encontrar alguém que eu queria estabelecer um relacionamento. Sim, sim, eu me vejo assim no futuro, né?... não sei o quanto distante, mas casado, com filhos [...]*

[João] [...] *e em breve está aí na minha casinha, vou levar meu husky junto e, assim, também ter assim uma parceria pra vida, alguém com quem eu possa casar, ter filhos, ter uma família, eu tenho vontade, coisas pra médio a longo prazo, assim [...]* As expectativas são essas, né?, encontrar alguém que tenha valores e princípios que eu admiro muito e meu futuro, o que eu penso para o futuro é isso, uma pessoa que agregue muito os meus objetivos e eu agregue muito os objetivos dela também, e a gente esteja aberto a se adaptar um ao objetivo do outro e ceder algo, quando for necessário. E é isso, estar com uma relação concreta, com uma pessoa bacana e planejando um futuro pra gente. [...] talvez um casalzinho [de filhos] seja bacana.

[Vitor] *Bom, a primeira coisa é que é natural da vida, né?, a gente cresce, amadurece, aí tem que encontrar uma parceira para ter filho, eu penso assim, sabe?, aí depois a gente morre. Acho que é isso que o porquê, mas no meio de tudo isso a gente faz outras coisas e o amor, como a gente faz outras coisas no trabalho, alguma coisa que você quer conquistar na vida, ter sucesso na profissão, você, como homem, como pessoa, tudo, aí uma mulher, um amor, você tem que ter, porque você vai se abalar algumas horas, algumas horas não vai dar, aí você precisa ter alguém para ficar do seu lado. [...] É... mas eu penso assim, é minha forma de pensar, né?, de você fazer as coisas, ter filhos e passar pra eles e depois ter netos, eles vão passar... é... experiências pra eles que os netos vão passando e tal... eles não dão valor pra essas coisas ou eles não sabem que tem isso... [risos]...ou vai saber, entendeu?, mas eu queria muito ter filhos [...] Sucesso, três filhos, mas depende da parte financeira, conforme evoluir a parte financeira, eu consigo pôr um filho, se eu não conseguir, eu tenho que dar a ele o mesmo que eu tive, né?, se não, não dá pra ter um monte de filhos e deixar eles tudo sofrendo. [...] Não, não sei, eu penso por aqui, mas depende do andar da carruagem, das coisas que vão acontecer aí no futuro. Uma que aqui eu não consigo encontrar mulheres, eu tenho que mudar de cidade pra encontrar uma pessoa pra eu ter uma esposa, entendeu?*

[Daniela] *O meu maior medo não é não encontrar alguém, o meu maior medo é de não ser mãe, aí vai passando o tempo e isso vai pesando, eu queria ter um filho, então, pra você ter um filho, eu queria uma família também, eu tenho vontade de casar e ter filhos, eu queria, sim, num plano futuro [...] Quero um casamento, acho que uma bênção religiosa pra mim já estaria bom [...] Se eu pudesse escolher, eu queria morar perto da casa da minha mãe [...] Seria um empecilho, eu não iria, só se fosse uma paixão avassaladora, mas não acredito que isso aconteceria comigo. [...] pra ter alguém, tem essa condição, isso eu tenho bem claro na minha mente, eu não conseguiria morar em outra cidade, se não fosse próximo daqui, eu até teria um namoro, mas pra morar junto, teria que ser aqui por perto.*

[Mariana] *Putz....meus planos é... em vida assim, pessoal, quero encontrar uma pessoa legal, quero viajar, conhecer lugar [...] Me vejo casada, não sei se eu tenho vontade de ter filho [...] Eu tenho vontade de casar, sim, de ter*

filho... não sei se tenho vontade de ter filhos, mas sei lá, morar junto ou morar sozinha e depois juntar. Aquela coisa de casamento eu não tenho vontade.

[Luana] Primeiramente, vida amorosa, quanto a isso sempre fui muito desprendida [...] do tipo, vamos aproveitar o momento, está tudo bem, vamos viver o agora, mas o futuro deixa pra lá. Então, sempre fui mais fluida, nesse sentido. [...] ok, se eu encontra alguém que vale a pena e eu desenvolva um sentimento muito grande, eu estarei aberta a iniciar um relacionamento sério, caso contrário, não, eu acho que, daqui em diante, continuará esse pensamento do que eu quero para um relacionamento e do eu enxergo para um relacionamento saudável [...] Aí vai as questões de perspectiva de futuro, eu não me vejo casando e tendo filho, eu posso até casar, mas ter filho não. [...] Eu não quero por n motivos, eu já convivi com crianças, eu já cuidei de crianças, não é pra mim, não é o que eu quero.

7.6.3 Sair da casa dos pais

Nessa subcategoria, almejamos compreender como os jovens adultos concebem o projeto de permanecer ou deixar de morar com os pais, desvelando os motivos que estariam na base de tais escolhas e se existe um planejamento temporal para a efetivação, principalmente, da saída da residência dos pais.

Assim, notamos que existe uma convergência no quanto ao planejamento de mudança da casa dos pais, sendo que a questão financeira ocupa o ponto central para tal decisão. Somase a esse fator a questão profissional, justamente porque esse é o caminho para se atingir a autonomia financeira necessária para custear uma casa. Na maioria dos casos, os jovens estão em busca de independência econômica, para, posteriormente assumirem tal compromisso. Bruno foi o único entrevistado que demonstrou condições financeiras, no momento, para proceder a tal mudança, porém, como está aguardando a possibilidade de um novo emprego que envolveria uma mudança de cidade, encontra-se no aguardo dessa definição.

Como já foi apontado anteriormente, Daniela foi a única participante que não tem planos de morar longe da família, declarando que isso só ocorreria, caso houvesse um relacionamento amoroso estável. Relacionado a isso, embora João mostre ter condições para buscar um financiamento, a fim de adquirir um imóvel, isso não teria sentido nesse momento, a não ser que se envolvesse amorosamente.

Com relação ao tempo que os entrevistados pretendem continuar morando com seus pais, a maioria deles, cinco dos seis jovens adultos, parece assim permanecer sem um prazo certo para que essa mudança aconteça; Mariana foi a única que conseguiu estimar um período, ou seja, cerca de cinco anos.

Ao longo das entrevistas, Vitor evidenciou que o motivo de seu retorno ocorreu em função da necessidade de tratamento, com isso, mencionou, em diversos momentos, conflitos e desagrado em residir com os pais. Durante o período da pandemia, seus pais se mudaram temporariamente para uma chácara e ele está sozinho em casa. Mesmo assim, a despeito de todo o incômodo, diz que ainda não é o momento para tomar essa decisão e pretende permanecer na casa dos pais:

[Bruno] *Então, nesse sentido, foi planejada a minha... me manter aqui, né?... e tanto que agora como eu tô com um salário melhor, eu venho cogitando, vim é... conversando sobre, com os meus pais tal... falando, pensando em mudar, vou para [omitido], fica mais perto do emprego, eu consigo me manter, eu já juntei uma grana boa. Então, hoje ela foi planejado nesse sentido, né?, e eu acho que é mais por aí, assim [...] Já cheguei a ver apartamento, né?, mas aí acabei vendo apartamento em [omitido], mas como eu tô vendo essas outras empresas, né?, aí eu dei uma segurada, no sentido de que não vale a pena mudar agora para [omitido], sendo que daqui um mês eu vou mudar de empresa, aí tem que mudar de novo, então, aí, eu segurei a pesquisa, aí, né?, mas é a curto prazo me sentindo assim, imagino até no final do ano ou no máximo no começo do ano que vem.*

[Vitor] *Então, é... assim que der, eu quero sair de casa. Bom, agora tá acontecendo o negócio da pandemia, os meus pais estão lá na outra casa, estão querendo ficar mais longe de todo mundo, por conta do Covid, e eu estou cuidando da casa. Então, eu não posso sair mais da casa, eu estou morando sozinho na casa deles e não posso. Se as coisas voltarem ao normal e eles voltarem para casa, eu vou ficar todo dia querendo sair de casa. [...] Muita, tipo, é... de me sentir mal mesmo, pensando o que eu estou fazendo aqui. Eu sei que tem que ser dessa forma, entendeu?, é a melhor forma, seria meio burrice sair de lá agora, entendeu? [...] É, assim, lá no escritório, ganho tanto, ganho alguma bonificação e umas coisinhas. Aí, pra sair de lá, precisava aparecer mais cliente. Apareceu um cliente, por isso, eu trabalhei sábado, aí, já vai dar uma melhorada [...] Aí, se firmar alguns clientes a mais, aí, já dá pra eu sair, o mais breve possível. A pós-graduação acaba no meio do ano que vem. Então, se, muita coisa pode acontecer, de eu conseguir algum trabalho relacionado com a pós- ali, que vai dar para me ajudar ou aumentar as opções do escritório, né? Eu vou ter outros clientes de outras coisas, entendeu?, aí eu vou, eu sairia de casa correndo, que eu quero ter uma família, eu quero ter filhos, entendeu?*

[Luana] *Sim, não é algo que eu estou desesperada, igual a minha amiga que eu relatei. Eu acho que eu consigo ficar aqui mais tempo, juntando o meu dinheiro, é, eles vão me ajudar nessa transição para conseguir uma estabilidade financeira, eu preciso agora. Não está ruim [risos].*

[Mariana] [...] *mas não me vejo morando com eles [...] Acho que eu vou demorar um pouco, eu preciso ficar mais estável profissionalmente, é isso que me impede, acho que saio daqui mais ou menos uns cinco anos [...] tem mais a ver com me organizar financeiramente.*

[João] *Eu sempre tive sonho assim, é mais sonho, não planejei vontade de sair de Paraguaçu um dia, sempre fui apaixonado por praia, então um dia se eu tivesse a possibilidade de morar ali no litoral norte ou no sul assim, realmente seria algo que eu, que seria muito agradável, mas no momento só seria um sonho mesmo, não tem nada no papel, mas eu tenho vontade. [...] Mas pela condição financeira eu poderia no momento entrar num financiamento, eu só não faço isso mesmo por causa disso, ter que alocar esse capital e não tem uma necessidade também no momento que me force a isso sabe, de financiar e ir atrás de um aluguel ou de ir atrás de um cantinho só pra mim, não surgiu uma grande necessidade ainda, talvez se fosse um relacionamento, né?, eu tivesse um relacionamento aí, que fosse planos de casar e tal, aí eu já teria também, estaria antecipando isso [...] Sim, eu acho que seria um incentivo bacana e até porque seria algo pra ter uma parceria bacana, algo para construir junto com essa pessoa e eu acho que com certeza seria um incentivo, sim, eu acho que, com certeza, eu iria até me sentir mais confortável de poder estar realizando isso. Com certeza, esse seria um motivo para eu sair aqui da casa da minha mãe.*

[Daniela] *Não penso em sair, isso não é uma possibilidade, não é uma coisa que eu imagino, não, se eu não encontrar uma pessoa pra eu casar, que é uma coisa que eu quero, eu não penso em sair daqui [...] Aí, não sei, eu*

acho que não ou eu acho que não e tem. Pode ser que eu também aí esteja um pouco presa sabe?, aí não sei, me incomoda demais, às vezes, algumas perguntas [...] Com certeza, é pra sempre, vai continuar... pra ter alguém, tem essa condição, isso eu tenho bem claro na minha mente, eu não conseguiria morar em outra cidade, se não fosse próximo daqui, eu até teria um namoro, mas, pra morar junto teria que ser aqui por perto.

8 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Tendo em vista os resultados obtidos e os objetivos propostos para esta pesquisa, faremos, na sequência, a discussão dos resultados expostos no capítulo anterior, os quais dizem respeito às entrevistas realizadas com jovens adultos que residem na casa de seus pais. Como vimos, ao longo do desenvolvimento teórico desta investigação, a forma como as famílias se articulam, a partir da chegada da vida adulta dos filhos, tem sofrido mudanças significativas. A convivência entre pais e filhos está se prolongando, e o lar parental já não está ficando mais tão vazio, como ocorria até os anos 1980, já que, em outros tempos, a independência e a liberdade, em diversas áreas da vida, só acontecia com a saída da casa parental (RAVA; VIEIRA, 2012). Para tanto, tal fenômeno, compreendido como uma construção da sociedade ocidental contemporânea, tem como fundamento fatores intrafamiliares (a ambivalência de sentimentos em face da partida e da perda dos papéis conquistados) e extrafamiliares, fruto de um contexto social marcado por instabilidade e incerteza (GALLAGHER; FÉRES-CARNEIRO; HENRIQUES, 2013).

Percebemos também que, no fenômeno *ninho cheio*, temos os filhos que nunca saíram da casa de seus genitores e aqueles que saíram, retornaram e, desde então, se mantêm na residência. Notamos que, dentre os entrevistados que deixaram o lar de seus pais e retornaram, as razões inerentes à saída também estão ligadas ao motivo de sua permanência, vez que os mesmos se mudaram para cursar o ensino superior e, futuramente, obterem boas condições profissionais. Assim, explicam que vivem atualmente na casa de seus pais, no intuito de investir em suas questões profissionais e financeiras.

De acordo com o referencial teórico e o conjunto de entrevistas que compõem a pesquisa, ficou evidente que o sucesso profissional e a busca por melhores condições financeiras são fatores predominantes, para que a maioria dos participantes permaneça morando com seus genitores. Paiva (2021) frisa que, embora muitos adultos jovens trabalhem e assumam muitas responsabilidades, no âmbito profissional, residindo com os pais, a postura assumida se mostra diferente, com muitas regalias e poucas responsabilidades, colocando-se como eternos “meninos”. Para o autor, uma possível razão para essa permanência dos filhos na casa dos pais poderia ser a comodidade. Inclusive, do ponto de vista dos pais, não há razões para que um filho, aos trinta anos, vá morar sozinho. Ademais, o namoro dentro das residências parentais passou a ser não só permitido, mas, muitas vezes, incentivado pelos genitores.

As famílias dos participantes são nucleares, sendo que o sustento financeiro é provido pela figura paterna, configuração familiar na qual, de acordo com Vaistsman (1997), coexistem valores contemporâneos e tradicionais, na definição desses papéis. Isso é perceptível em nosso estudo, já que, a despeito de os pais da maioria dos participantes se

encontrarem em uma posição de provedores e cuidadores, os jovens apresentam mais liberdade, ao se relacionarem com suas figuras parentais e não ocupam uma posição de submissão.

Outra característica comumente presente na família dos entrevistados seria o chamado “ninho acolhedor”, o qual não proporciona o lançamento dos seus filhos (CARTER; MCGOLDRICK, 1995), já que, pelos relatos apresentados, na perspectiva dos entrevistados, os pais parecem confortáveis com a presença do(a) filho (a), oferecendo comodidades com relação aos afazeres domésticos, os quais recaem especialmente como função da figura materna, bem como nas facilidades financeiras, pois apenas dois dos participantes apresentam obrigações com relação às despesas da casa. Nesse sentido, no tocante à organização familiar, verificada pelos relatos, nos quais os jovens não assumem maiores responsabilidades financeiras na casa de seus genitores, Romanelli (1998) faz a seguinte reflexão, a respeito das famílias da classe média:

No caso específico das camadas médias, nessa etapa transitória, a dependência econômica, social e emocional dos jovens em relação à família tende a ser gradativamente alterada em função da busca de autonomia e de liberdade. Essa situação resulta das condições financeiras e culturais dessas famílias, pois os filhos têm menores compromissos financeiros, além de desfrutarem de maior disponibilidade para procurar experiências novas e para exercitar posturas de desafio à ordem instituída, realizando o desejo de aventurar-se no desconhecido. Na procura da construção da própria identidade e da determinação de seu lugar na sociedade, adolescentes e jovens experimentam viver situações novas que, muitas vezes, provocam confrontos e conflitos com pais e adultos. Essas experiências são, em geral, uma resposta à pressão dos pais e dos adultos e, na medida em que são compartilhadas, como nos grupos de pares, estabelecem as bases para o relacionamento entre iguais. No contato público com universos sociais e culturais diversos, isto é, no relacionamento com a alteridade, bem como na convivência familiar vai sendo forjada a identidade do jovem. (ROMANELLI, 1998, p. 14).

Nesse contexto, Paiva (2021) entende que sair da casa dos pais é uma ruptura tanto para os filhos como para os genitores, entretanto, algumas famílias não conseguem viver esse luto de separação. Muitos pais sentem dificuldades em ajudar o filho a sair de casa e assumir os próprios projetos de vida. O que observamos, inclusive em relação aos genitores dos entrevistados, pela satisfação por parte dos mesmos, com o retorno dos filhos que moravam fora, como no caso de Luana e Mariana. Ou mesmo pela razão de alguns deles delimitarem eventos futuros, para que os filhos passem a morar fora de seu ninho, tais como os pais de Bruno e Vitor, que cogitam a possibilidade da saída dos filhos, caso eles tenham um objetivo, tais como um vínculo afetivo compromissado, o que seria uma saída culturalmente autorizada (NILSSON; STRANDH, 1999). Ou como a mãe de Daniela, que sequer cogita a possibilidade da saída da filha.

Dessa forma, em decorrência da dificuldade apresentada pelo genitores em oferecer autonomia para que seus filhos articulem uma vida independente da residência e do auxílio

financeiro familiar, encontramos adultos colocando dificuldades de se desvincular da família de origem e assumir um projeto de vida pessoal, muitas vezes apresentando comportamentos imaturos, corroborando o apoio emocional e financeiro fornecido por seus pais. Por consequência, nós nos deparamos com filhos inseguros em administrar a própria vida, já que, embora muitos tenham um emprego remunerado e todos possuam formação superior, sentem-se incapazes de se estabelecer na vida com autonomia, conforme aponta Paiva (2021).

No entanto, não se trata apenas de um sentimento de incapacidade, mas os relatos desvelam certa desvalorização com relação a essa autonomia e, em muitos deles, os próprios progenitores afirmam que sair de casa sem um objetivo seria desnecessário. Nesse quesito, sair apenas pela busca de autonomia é considerado algo sem sentido e que só se justificaria devido a um relacionamento amoroso compromissado.

Nesse sentido, nosso estudo vai ao encontro das ideias do autor sobre as dificuldades das famílias em dar condições de oferecer o suporte adequado que proporcione a constituição de sujeitos autônomos, porque a família contemporânea não é mais uma unidade de produção, perdeu funções e grande parte das funções domésticas foram terceirizadas, tais como comida, saúde, vestuário: tudo é feito fora (PAIVA, 2021). Trata-se de algo explícito no discurso de Bruno, quando alude a seu incentivo para que os pais dividam melhor as tarefas de casa, inclusive com o desejo de melhorar a alimentação da família, diminuindo a quantidade de comida que pediam fora e as “besteiras” ingeridas por eles.

Assim, a vulnerabilidade da família atual é sustentar-se sem referências firmes, com pais que não encontraram e não conseguem fixar os seus próprios limites para os filhos (DIAS; OLIVEIRA, 2000).

Em consonância com as ideias de Cervený e Berthoud (1997), talvez essa organização familiar mais permissiva atinente aos filhos adultos não esteja favorecendo a individuação da prole, já que parece que os pais não estão conseguindo deixar para trás o controle e o poder característico de uma relação de extrema proteção. Como ficou evidente, nos relatos de praticamente todos os participantes da pesquisa, frisamos aqui a relação estabelecida entre Vitor, assim como Mariana, e seus pais, os quais poupam o filho não só das tarefas do lar, mas também facilitam suas atividades no ambiente de trabalho, dificultando sua constituição como sujeitos autônomos. Enquanto Vitor trabalha na empresa de propriedade de seu pai, a decisão em realizar a inscrição num concurso público foi iniciativa do pai de Mariana.

Dias e Oliveira (2000) reconhecem a importância da relação familiar no processo de busca da autonomia, por parte dos jovens. Para tanto, as autoras entendem que o conhecimento de si remete à construção de uma identidade que se faz a partir das identificações estruturadas. Primeiro, por intermédio das relações objetais e incluindo, aos poucos, as demais pessoas significativas no decorrer do desenvolvimento. Logo, a família se torna mediadora da cultura e oferece suporte para a organização desses ideais; ora,

compreender as relações mútuas de influência que se instauram entre o jovem e sua família, nesse momento de busca de autonomia, nos remete à compreensão do campo da construção da subjetividade, na época atual, e do papel da família nesse processo.

Através dos relatos apresentados, entendemos que as comodidades oferecidas e, muitas vezes, a cumplicidade entre os membros da família têm intensificado a dependência entre os mesmos e dificultado a saída dos filhos da casa de seus genitores. Nesse sentido, Henriques (2009) conclui que as relações cada vez mais igualitárias entre os indivíduos da família podem contribuir para que os filhos prorroguem a saída da casa dos pais. Dessa forma, o diálogo e a cumplicidade podem tornar a convivência entre eles mais confortável. Nessa medida, a saída dos filhos da casa de seus genitores é dificultada pela proximidade e cumplicidade entre os membros da casa. Isso pode ser exemplificado, quando Bruno e Mariana tiveram que pedir para que as tarefas da casa fossem divididas, algo que provocou mudanças na divisão das responsabilidades domésticas da casa.

Para Costa (1997), com as mudanças de posição ocupada nas famílias, decorrentes do novo ideal igualitário, os pais saem de seu papel de pais, para serem “amigos” dos filhos, deixando espaço aberto para o lugar da figura de autoridade. Com os vínculos fraternizados, o jovem não tem com quem competir, desafiar ou processar lutos. Nesse contexto, segundo o autor, com a ausência da rivalidade edípica, estabelece-se uma luta narcisista, na qual os pais fantasiam moldar os filhos à sua própria referência, com a intenção de negar o tempo que passa.

Em consonância com a pesquisa de Gallagher (2013), os entrevistados relatam uma rotina em que passam pouco tempo com seus pais e, mesmo quando estão em casa, a convivência é restrita, pois demonstram a necessidade de privacidade, como se morassem na residência familiar e não, de fato, a habitassem. Nesse sentido, Gonçalves (2002) diferencia o “morar” do “habitar”; para tanto, considera que aquele que “mora” no lugar, apresenta uma relação apenas funcional com o ambiente, enquanto quem “habita” passa a ter um valor simbólico e emocional com aquele espaço. Logo, podemos considerar que os participantes se sentem mais moradores do que habitantes da casa de seus pais. Vale destacar o fato de se refugiarem em seus quartos e organizarem esse espaço quase como uma “casa” dentro da casa de seus genitores, reforçando o pouco contato afetivo entre os pares.

Nesse passo, conforme Henriques (2009), os quartos dos filhos adultos teriam a função de um território geográfico à parte do território familiar, procurando a autonomia de seus membros. Entretanto, a autora sustenta que a defesa desse espaço, no ambiente dos filhos, pode ser mais intensa no seu mundo imaginário do que no concreto. Ademais, por passarem muito tempo fora de casa, seus quartos são “administrados” por suas mães e diaristas.

Dessa maneira, o estabelecimento de um limite espacial indica uma diferenciação que não ocorre no âmbito vincular, e o espaço do quarto passa a ter variadas funções e, de fato, os

participantes dividem-se entre aqueles que organizam o seu próprio quarto e aqueles que não conseguem cumprir tal tarefa.

Em relação às vantagens de morar com os pais, cinco dos entrevistados citaram a questão financeira. Munhoz (2012) constata que a situação financeira dos adultos que moram com os pais é precária, impedindo sua independência. Assim como a autora, observamos, em nossa pesquisa, que a maioria dos participantes busca adquirir melhores condições financeiras e qualificações profissionais, para saírem da casa de seus genitores, elegendo a ajuda econômica como ponto fundamental para essa permanência.

Analogamente a Gallagher (2013) e Leitão (1996), em nosso estudo, verificamos que as dificuldades financeiras podem dificultar a saída do jovem adulto da casa dos pais. Para Leitão (1996), as famílias com melhor poder aquisitivo favorecem o sustento mais prolongado do jovem, trazendo melhores condições na sua busca por sucesso, no mercado de trabalho.

Entretanto, apesar da relevância do fator financeiro presente nos relatos, questionamos se realmente se trata de uma situação econômica precária. De acordo com as condições evidenciadas nas entrevistas realizadas, parece que a situação alude à permanência de uma condição cômoda e sem os sacrifícios necessários, caso esses jovens tivessem que custear sozinhos sua vida, sem o auxílio de seus genitores.

Tendo em vista as mudanças significativas nas relações de trabalho, cada vez mais vemos um cenário repleto de cobranças quanto às qualificações exigidas para os membros que nele pretendem ingressar. Segundo Bauman (2000), o mundo do trabalho encontra-se mais flexível, o capitalismo pesado dá lugar ao capitalismo leve¹⁵, caracterizado pela incerteza e instabilidade, oportunidade na qual o emprego estável é substituído pelo trabalho com contratos de curto prazo, ou sem contratos e empregos sem cobertura previdenciária.

Assim, podemos considerar a conexão existente entre as mudanças apontadas relativas ao cenário do trabalho e aquelas que atingem a dinâmica familiar. Nesse cenário, a família assume a função de oferecer um lugar seguro para os filhos, como uma tentativa de reparação diante da realidade difícil e instável enfrentada fora dos muros da família (GALLAGHER, 2013).

Segundo Alsop (2008), os jovens da geração Y, assim como os participantes da nossa pesquisa, teriam sido educados por seus pais como se fossem suas "crianças-troféu", ou seja,

¹⁵ Os indivíduos do capitalismo pesado, da modernidade sólida, confiavam na administração, na regulação e na equipe de controle. Poderiam, vez ou outra, se voltar contra o administrador-chefe, mas não contra a necessidade de uma administração para levar adiante as decisões importantes da sociedade, da fábrica, da associação de bairro ou da própria família. Já no capitalismo leve, ou na modernidade líquida, os indivíduos se veem como únicos responsáveis por diversas tarefas que antes eram decididas por equipes especializadas, perdendo suas referências. Ao contrário do capitalismo pesado, o capitalismo leve carrega consigo a obsessão por valores. Os atos do capitalismo pesado eram medidos a partir da eficiência em relação aos objetivos traçados, mas, quando não há objetivos traçados, fins específicos, o meio passa a ser o foco da ação e os fins se tornam objeto de agonia e ansiedade. O resultado disso faz do mundo um grande balde cheio de possibilidades, que não podem ser administradas somente pelo indivíduo jogado ao seu próprio desespero, diante da dificuldade de conduzir seus objetivos ou fins de sua própria vida (BAUMAN, 2001).

para que estes satisfaçam o narcisismo deles próprios. Colocados nessa posição, os jovens da Geração Y teriam sobre si a grande responsabilidade de corresponder às expectativas que lhes foram destinadas, devendo, para tanto, exibir uma elevada performance e desempenho, nas atividades que se propõem realizar.

Nesse passo, Henriques (2004) também verifica que alguns desses jovens, assim como Bruno e Daniela, são independentes financeiramente e possuem condições de se sustentar, sem a ajuda financeira dos pais, mas preferem morar com eles. Por isso, mesmo preparados para a vida profissional, na medida em que já terminaram os estudos universitários e gozam de independência financeira, ainda não estão prontos para assumir sua própria moradia, no caso de Bruno, apontando essa possibilidade como um acontecimento não tão distante, enquanto, para Daniela, isso só aconteceria se encontrasse um parceiro afetivo para constituir seu próprio núcleo familiar, com a condição de que seja próximo à residência de sua genitora:

A questão de se colocar pode ser entendida por outro vértice. Pode-se pensar, mesmo um filho sendo adulto, que sua saída da casa onde cresceu envolve uma série de questões afetivas. Quando os filhos são adultos, a relação pais/mães/filhos podem estar apoiadas em novos parâmetros. É possível estabelecer uma relação de troca muito mais próxima, as conversas já não apresentam um caráter tão assimétrico, em que os pais detêm todo o saber. A hierarquia entre os pais e os filhos permanece, mas é possível um contato mais íntimo. Os pais ocupam um novo lugar na vida dos filhos e vice-versa. (PAIVA, 2021, p. 55).

Desse modo, para aqueles que não possuem autonomia financeira, permanecer na casa dos pais aparece como necessidade, contrastando com aqueles que possuem um emprego de boa remuneração e para quem a permanência na casa dos pais representa a manutenção do padrão de vida ao qual estão acostumados (GALLAGHER, 2013).

Podemos observar que, se o fato de os filhos não contribuírem com as despesas da casa produz diferentes reações nos participantes, a maioria deles não demonstra incômodo com isso, especialmente pelo entendimento de ser um período necessário para se realizarem profissionalmente. De acordo com Henriques (2009), a reação dos pais a essa situação pode aparecer de diversos modos, uma vez que alguns pais tratam essa situação como falta de engajamento dos filhos no projeto de familiar, enquanto outros têm a percepção dos filhos como incompetentes na administração de seus salários. Ora, essa situação pode proporcionar tanto o sentimento de desigualdade quanto o de incompetência dos filhos. Todavia, observamos um comportamento diverso, em nosso estudo, pois, com exceção de Daniela e João, os quais contribuem financeiramente nas despesas da família, os genitores dos demais participantes não demonstram incômodo em arcarem com os custos dos filhos, inclusive os “mimando”, com as comodidades por eles oferecidas, situação que os entrevistados explicitam, em suas narrativas.

Os pais se disponibilizam a fazer o que estiver ao próprio alcance, para que seus filhos

tenham sucesso profissional e realizem os seus sonhos e idealizações. Cabe apontar o compartilhamento de tais sonhos e idealizações, considerando que os pais valorizam a busca por melhores condições econômicas e ascensão profissional dos filhos, incentivando-os, afinal, seria a realização de seus próprios ideais relativos aos seus herdeiros. Nessa perspectiva, os pais contribuem, através de todo o apoio que podem oferecer aos filhos, por meio de condições financeiras, organização no funcionamento da casa, para que o filho não se preocupe com essa rotina e possa investir na vida profissional.

Soma-se a isso a circunstância de que a permanência da prole, em suas casas, tem significado para a dinâmica familiar, sem a necessidade de um marco temporal para terminar, esperando que os filhos permanecem jovens, com poucas responsabilidades, permitindo que seus pais mantenham suas funções, em suas vidas. Nesse linha, Gallagher (2013) conclui:

Podemos observar, portanto, que o fenômeno do prolongamento da convivência familiar possui uma característica multidimensional, que abarca tanto as questões pessoais do sujeito, quanto ao contexto familiar e cultural do qual ele é produto [...] A família outrora marcada pela hierarquia entre seus membros, hoje é regida pelas ideias igualitárias vigentes, oferecendo mais espaço para a negociação e o diálogo entre as gerações. Além disso, os filhos vivenciam um quadro distinto do de seus pais, regido pela instantaneidade, a instabilidade e a valorização da juventude. Desse modo, o indivíduo desenvolve táticas para se adaptar a essa realidade, podendo optar por viver de acordo com a condição adolescente da falta de compromisso. (GALLAGHER, 2013, p. 87-88).

Com relação às desvantagens apresentadas pelos participantes, embora, de modo geral, os entrevistados revelem uma boa convivência e um bom relacionamento entre eles e seus pais, a falta de liberdade foi um ponto ressaltado por todos os participantes, tanto no sentido de dar satisfação quanto a horários como a falta de autonomia para levar visitas para casa. Ademais, ficou notória a escassez de comunicação entre a maioria dos participantes e seus genitores, seja referente a questões mais íntimas, seja mesmo relativa à dinâmica doméstica cotidiana. De acordo com Singly (2005), pais e filhos adultos morando no mesmo lar tentariam se alinhar a uma dupla vida, articulando a esfera pessoal e a coletiva, sendo um dilema para o indivíduo contemporâneo, no que concerne à busca de autonomia, em um cenário de dependência, como paradoxo da convivência.

No que tange ao universo dos filhos adultos, nosso estudo segue a perspectiva de Ramos (2002), quando sustenta que a estratégia da omissão, do silenciamento e da mentira visa a regular a autonomia destes e a resguardar seus espaços pessoais, na relação com os pais. Inclusive, a mesma tática pode ser utilizada pelos pais, os quais, por meias-palavras, mímicas corporais ou ironia, podem expressar seus sentimentos e inquietações (HENRIQUES; JABLONSKI; FERES-CARNEIRO, 2011).

Observa-se nessas relações um campo de permissões veladas, inscritas na esfera do não dito. Os filhos, ao romperem com as normas dos pais, têm uma atitude de enfrentamento, e parecem que o fazem com consentimento

silencioso dos últimos. Cada um vai até determinado ponto: observa, reconhece a área e atua para modificar o seu contorno inicial. O passo de um indica a direção do passo do outro e, com isso, novas regras poderão vir a ser estabelecidas. Dessa forma, constitui-se um campo de avanços e recuos na dinâmica relacional, configurando-se um jogar com as regras, um jogo de construção constante em um movimento ilimitado. (HENRIQUES; JABLONSKI; FERES-CARNEIRO, 2011,p.538).

Para Favaretto (2019), quando o filho adulto mora com os pais, é possível um distanciamento desse filho, o que pode significar uma tentativa de diferenciação dos pais, pois, a despeito da condição que vivem, por depender financeiramente e/ou emocionalmente desses pais, ele precisa mostrar que já se compreende como um adulto, mesmo com essas limitações. A autora explica que, para a restauração dessa proximidade, seria importante que os pais, muitas vezes ressentidos por não serem mais imprescindíveis na vida, terão que abrir mão da monitoria e cuidado dos filhos e impulsioná-los a crescer e alçar voo.

Quanto à vida social dos participantes, todos os entrevistados relataram uma vida social mais restrita, seja por se considerarem mais “caseiros”, seja por não estarem vivenciando um contexto social favorável, como a pandemia. Nesse sentido, Birman (1997) menciona que, na contemporaneidade, os laços sociais e interpessoais perdem força e a construção da individualidade surge como atividade principal, ou única, por parte do indivíduo. A individualidade, entretanto, reserva pouco espaço para o afeto, o amor e a convivência com outras pessoas. Conforme o autor, no lugar das trocas interpessoais, desponta a identidade profissional como prioridade para a inserção na vida atual.

Noutro passo, no tocante à vida amorosa dos participantes, constatamos que, atualmente, nenhum deles está em um relacionamento comprometido, bem como notamos que, no geral, tiveram poucas experiências amorosas. Nessa linha, na visão de Alves (2021), o amor sofreu inúmeras ressignificações, ao longo dos séculos, modificando-se de acordo com os paradigmas de cada época. Na Idade Média, o amor tinha grande influência do cristianismo e era voltado a Deus, como forma de alcançar a eternidade e a felicidade, através do Bem Absoluto. Apesar das mudanças do cenário social, por muito tempo, a religião ditou as regras nas relações amorosas, pontuando critérios e rituais que deveriam ser seguidos pela família de valor. Segundo Chaves (2003), nesse período, havia um cenário de segurança, confiança e estabilidade que favorecia a construção de um projeto de vida pelo indivíduo, o qual seria trilhado em longo prazo e com planejamento, e do qual fazia parte o relacionamento amoroso. Assim, com as relações amorosas ocupando um lugar, no mundo cultural e social, trazendo solidez e segurança para o sujeito, em seus vínculos amorosos, isso, de certa forma, o ajuda a manter um sentido de si estável.

A partir do século XIX para o XX, com o avanço do capitalismo, nos centros urbanos, tanto a sociedade como as relações passaram por um processo em que gradativamente

começaram a caminhar para a liberdade das influências religiosas, proporcionando, inclusive, na vida amorosa do sujeito, o direito de escolha sobre se relacionar amorosamente de forma compromissada ou não (ALVES, 2021).

Sobre o tema, Lins (2012, 2017) e Del Priore (2006) ressaltam as mudanças ocorridas desde os anos 1950, quando, frente ao surgimento da pílula, da inserção da mulher no mercado de trabalho e outras conquistas, a mulher ganha maior visibilidade para a liberdade e muda comportamentos, inclusive com respeito à sua sexualidade. Nesse contexto, com a Revolução Sexual, homens e mulheres sentiram mais liberdade para buscar suas próprias escolhas afetivas, reinventando as formas de amar.

Ao contrário daquele modelo social em que ter um relacionamento compromissado aparecia quase como uma obrigação, na vida do sujeito, estimulada pelo meio familiar, observamos que os genitores dos entrevistados não os pressionam, nesse sentido, trazendo a vida profissional dos filhos como algo mais valorizado até então. Assim como Del Priore (2006), Lins (2017), Zanetti e Gomes (2013), pensamos que, ao longo do tempo, os sujeitos puderam se desprender de uma cultura que ditava uma ordem cronológica, a qual deveria ser seguida, na vida e nos relacionamentos, especialmente relativamente às mulheres, para um contexto histórico e cultural pautado em valores para serem amadas e respeitadas.

Enquanto, anteriormente, as prioridades giravam em torno de relacionamentos amorosos e casamento, hoje esses não são mais prioritários. As mudanças das prioridades de vida também constituem um assunto encontrado no trabalho de Lipovetsky (2000), o qual especifica a questão da mulher, que é estudada. Em consonância com o perfil das participantes entrevistadas, as quais apresentam como prioridade a autonomia e o sucesso profissional, para o autor, as mulheres cada vez menos aceitam abrir mão de seus estudos, carreira profissional e independência econômica, em nome do amor, bem como recusam a identidade constituída exclusivamente pelas funções de mãe e esposa. No entanto, conforme o autor, o que faz com que homens e mulheres tenham interesse em compartilhar suas vidas, através de um relacionamento amoroso, por parte das mulheres, é o sonho, que ainda existe, com o grande amor, dentro ou fora do casamento. Todavia, o superinvestimento feminino no amor prevalece desde que a experiência amorosa seja adequada às expectativas de liberdade e realização íntima.

Nessa vertente, a nova configuração da valorização do trabalho remunerado feminino contribuiu significativamente para a virada na dinâmica da distribuição do poder, nas relações conjugais, já que, pela independência econômica da mulher, novos arranjos se tornam possíveis, na dinâmica familiar. Atualmente, as pessoas consideram tanto o amor e a cumplicidade como valores para o crescimento pessoal, estejam casadas ou não (TEYKAL, 2007).

Segundo Ferés-Carneiro, Henriques e Gallagher (2013), embora a nova configuração

vincular amorosa seja interessante, por se desprender de um padrão cultural conjugal apreendido, a mesma traz a fragilidade para as relações, pois a insegurança e a incerteza se mostram como aspectos constitutivos do mundo contemporâneo.

Em vista disso, evitam-se frustrações e fontes de sofrimento, enquanto os sujeitos buscam um ideal estruturado de acordo com as prescrições do capitalismo, quais sejam, a busca de segurança, baseada no imperativo do sucesso, no qual o fracasso não tem espaço. Logo, a vida passa a girar em torno da produção e as demandas do amor deixaram de perfazer o lugar central na vida dos adultos. Nesse contexto, o casamento não está entre os principais projetos de vida dos jovens solteiros, sendo precedido pelo sucesso profissional e a realização pessoal. Atualmente, o casamento é concebido mais como algo que possa vir a acontecer do que como um objetivo a ser alcançado e pelo qual os jovens estejam dispostos a lutar (FERÉS-CARNEIRO; HENRIQUES; GALLAGHER, 2013).

Os apontamentos de Freud (1930/2006), frisando que o sofrimento mais fácil de ser experimentado e provavelmente o mais penoso é aquele proveniente de nosso relacionamento com outros indivíduos e que, contra esse tipo de sofrimento, a defesa mais imediata é o isolamento voluntário, assim como na tese de Zanetti (2012), corroboram os resultados desta pesquisa. Na verdade, segundo Kaës (2011), somos sujeitos da intersubjetividade e, portanto, nossa história é composta de pactos e renúncias que foram pré-estabelecidas desde a primeira infância e envolveram o sujeito em um misto de dor e amor. Os participantes desta investigação, por meio de seu recolhimento narcísico, demonstram o desejo de ter um(a) parceiro(a), mas, caso esse outro não corresponda às suas idealizações e projetos de vida, é algo que fica no mundo das ideias, já que entrar em contato com questões que lhes causem frustrações ou despendam maior investimento não parece ser uma opção.

Para Zanetti (2012), um tipo de posicionamento em que o sujeito não se permite modificar, ser questionado, enriquecer-se, transformar-se, diante da presença e importância do outro, porém, ao contrário, procura proteger-se desse contato, seria como se os sujeitos supusessem que o contato não tendesse ao enriquecimento, mas ao enfraquecimento: sentem que perdem, na troca intersubjetiva.

Zordan e Strey (2010) descrevem os relacionamentos amorosos contemporâneos pelos seguintes aspectos: menor durabilidade das uniões, menos paciência e mais imediatismo, incluindo também a ideia de que nada dura para sempre, assim, a rapidez com que as pessoas constituem vínculos afetivos seria proporcional ao tempo que levam para terminá-los.

Bauman (2004) pontua que as relações atuais são menos frequentes e duradouras, conforme observamos inclusive na forma de se relacionar amorosamente, presente no discurso dos jovens adultos participantes, especialmente pelas poucas experiências vivenciadas por eles. O autor entende que, embora o indivíduo apresente um forte desejo de estreitar seus laços, ao mesmo tempo sente a necessidade de mantê-los frouxos. Nessa linha, mesmo que os

relacionamentos se iniciem, seja no virtual, seja no presencial, o que vai determinar que não sejam efêmeros são as intenções de cada indivíduo (ACSELRAD; BARBOSA, 2017). Assim, para Bauman (2004), os pactos amorosos são marcados pela fugacidade dos vínculos, pois os relacionamentos humanos se encontram em meio a uma lógica de consumo, na quale a máxima satisfação é indispensável. Nesse contexto, Acselrad e Barbosa (2017) salientam que a mesma sociedade que cria aplicativos de relacionamento e que facilmente faz e desfaz contratos de relacionamentos afetivos é aquela em que boa parte das pessoas ainda busca um vínculo amoroso duradouro e significativo, na qual o ideal de casamento permanece presente no imaginário delas.

O uso de aplicativos para se relacionar amorosamente tem feito parte da vida de muitos jovens, na contemporaneidade, o que se mostrou significativo entre os participantes da pesquisa, pois cinco dos seis participantes já fizeram uso do famoso “Tinder”. Luana foi a única entrevistada que relatou interesse, mas não utilizou o aplicativo. Interessante observar que, na opinião da maioria, há uma desesperança em encontrar pessoas que buscam um relacionamento comprometido, por intermédio do uso do aplicativo. Em sua maioria, os entrevistados o consideram um meio para o estabelecimento de encontros mais casuais e, principalmente, com o objetivo de encontros sexuais, não tendo sido verificado muito interesse na utilização dessa ferramenta, com a finalidade de viabilizar encontros.

A respeito das interações virtuais atuais, Giardelli (2016) ressalta que, na era digital, os usuários costumam criar identidades e personalidades imaginárias, as quais nem sempre condizem com a realidade, fazendo do mundo virtual um palco onde as pessoas conseguem mascarar quem são, por meio de uma vida paralela, na qual tímidos se tornam extrovertidos, rudes podem ser românticos etc. Segundo o autor, tal realidade paralela que esses jovens acabam criando, muitas vezes, é um bloqueio para as vivências reais, visto que, ao mesmo tempo que o indivíduo age com essa personalidade criada por ele mesmo, no mundo virtual, pode ser dificultoso transpassar isso para o mundo real, quando chega o momento.

Sobre tais interações Silva (2021) argumenta:

Ainda nesse cenário líquido do mundo moderno, deve-se também considerar que essas relações virtuais são produto de um capitalismo ativo e vigilante que mercantiliza as interações humanas dando ao indivíduo a promessa de encontrar um par ideal mediante a vasta linha de possibilidades que se apresentam virtualmente, muito mais pela produção de lucro para os empresários do ramo do que em nome da potencialização do “Ser” no mundo em que suas relações afetivas, reforçando ainda mais o individualismo próprio da modernidade fazendo com que seja mais fácil desfazer uma conexão, evitar que esta se transforme em algo indesejado ou até mesmo para que torne-se possível aproveitar as demais possibilidades amorosas disponíveis no mercado. [...] Essa desilusão é fruto da idealização presente no amor romântico, e gera sofrimento nas relações na contemporaneidade, que acostutam acontecer com mais facilidade através dos aplicativos de relacionamento, pois além da ideiação ser algo inalcançável, essa busca acontece em tempos de amores líquidos. (SILVA, 2021, p. 51-55).

A referida autora chama a atenção ainda, para o fato de que, na contemporaneidade, o sujeito é impulsionado pelo individualismo e não mais a favor da coletividade e solidariedade, razão pela qual fica difícil conceber a ideia de um vínculo duradouro, em um contexto onde viver o agora e unicamente para si seja predominante.

Com relação às expectativas de futuro dos jovens entrevistados, é importante notar que, ao longo das entrevistas, é possível perceber que a constituição de uma família está associada à satisfação profissional e econômica, ocupando um lugar secundário a profissional e que só poderia acontecer de acordo com as condições financeiras atingidas. Assim como no estudo de Smeha e Oliveira (2013), constatamos a tendência de homens e, especialmente, de mulheres em priorizar a carreira profissional, a independência financeira e as possibilidades de autorrealização e autossatisfação pessoal em primeiro plano, particularidades encontradas e valorizadas no momento atual.

Muito embora os jovens entrevistados tenham demonstrado expectativas amorosas e a busca de um par amoroso, com a perspectiva da constituição de uma família, eles mais anseiam receber afetos e ter suas necessidades atendidas pelo parceiro do que se disponibilizar a investir nessa relação. Pelo exposto, entendemos que as vivências amorosas parecem estar sustentadas na garantia dos próprios interesses, em detrimento dos alheios (SMEHA; OLIVEIRA, 2013).

Dessa maneira, as prioridades, assim como os projetos de vida dos participantes da pesquisa, são condizentes com todo o cenário contemporâneo, demonstrando que a configuração subjetiva dos jovens adultos se encontra em conexão com a supervalorização profissional e econômica, tão propalada nos últimos tempos, em detrimento do vincular.

É importante destacar que tal conjuntura é compartilhada e incentivada pela família, e os pais assumem um importante papel, levando-se em conta que eles retratam os ideais do capitalismo vigente, investindo econômica e libidinalmente nesse projeto de consecução do sucesso dos filhos: afinal, trata-se igualmente dos projetos de satisfação deles mesmos.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, ao longo do desenvolvimento teórico desta pesquisa, vivemos em um contexto social diferente daquele vivenciado pelos jovens adultos do século XX e início do século XXI, oportunidade em que as famílias se articulavam e ofereciam autonomia para a saída de seus filhos do lar parental. Com papéis sociais bem definidos, o tempo cronológico desse jovem era linear, ou seja, após o fim do Ensino Médio, quando havia a possibilidade de estudar, o próximo passo seria o casamento acompanhado de filhos, o qual se configurava como prioridade no projeto de vida desses jovens adultos. Dessa maneira, a vida matrimonial assinalava um marco na vida dos adultos e marcava a saída – esperada – da vida de família de origem, que ocorria com vistas à constituição de um novo núcleo familiar.

Noutro passo, com a instituição do divórcio e da pílula anticoncepcional, aliados às mudanças significativas nas relações de trabalho, que não só incluíram a participação das mulheres e os avanços tecnológicos, mas também intensificaram as exigências profissionais para o ingresso e estabilidade do jovem no mercado de trabalho, o casamento e a vida amorosa compromissada para os jovens adultos foi gradativamente se diluindo e, em contrapartida, os desejos individuais e profissionais foram ampliados.

Diante das mudanças no mercado de trabalho, bem como com a valorização da juventude oportunizada pelo capitalismo, a vida profissional dos filhos passou a ser o projeto de vida, não só para os mesmos, mas também para os pais, que têm investido na vida desses filhos, tanto financeiramente como oferecendo condições para que permaneçam em suas casas, através de poucas exigências e responsabilidades. É importante destacar que se trata de um investimento familiar e constitui um ideal de ego familiar, quer dos filhos, quer de seus pais, perfazendo um projeto familiar compartilhado, no qual podemos notar que está englobado o investimento dos pais para a manutenção dos filhos, para que eles possam dedicar-se à vida profissional e, assim, atingir tal ideal.

Porém, atrelado ao êxito profissional do jovem adulto contemporâneo, o ninho que antes era esvaziado passou a ficar cheio, tendo em vista a permanência daqueles filhos que continuam a morar com os pais, no intuito de conquistar melhores condições profissionais/financeiras, aqueles que nunca saíram do lar parental ou aqueles que saíram e retornaram.

A pesquisa apontou que, em todos esses casos, a justificativa encontrada tanto por pais como pelos filhos, para que os mesmos prolongassem sua estadia dentro dos muros familiares, encontra-se na valorização da conquista profissional desejada, de sorte que a casa dos pais surgiu como um lugar seguro e confortável, onde esse filho fica acolhido e protegido das incertezas e cobranças do mundo externo.

Notamos que as famílias da maioria dos participantes são famílias nucleares, cujo

sustento financeiro é promovido pela figura paterna, ficando as atividades domésticas e cuidados com a prole sob a responsabilidade materna, mesmo depois da chegada da vida adulta dos filhos. Embora praticamente todos os entrevistados tenham curso superior e emprego, a maioria deles não contribui nas despesas da casa, aproveitando a oportunidade para melhorar as condições profissionais e financeiras, a fim de, um dia, conquistar sua autonomia. Apontamos que, a despeito da ênfase na questão econômica, é possível observar que a responsabilidade dos filhos com relação à manutenção e organização da casa está relacionada a tal aspecto, mantendo-se numa vinculação de dependência, tanto financeira como do compromisso das tarefas cotidianas.

Não obstante alguns relatos que apontam um certo desconforto com a falta de liberdade e privacidade, na casa dos pais, percebemos que, de uma forma geral, a convivência entre os membros da casa é boa e os papéis ocupados pelos pais e pelo(a) filho(a) são bem delimitados: enquanto o pai fica responsável pelo sustento, a mãe pelos afazeres domésticos, cabe ao filho seguir adiante com o seu ideal profissional, passando a maior parte do tempo trabalhando fora de casa – ou mesmo os que ficam em casa, ao longo do dia, permanecem trabalhando/estudando em seu quarto. Ademais, até nos momentos em que estão em casa, notamos que comumente os participantes se conservam em seus quartos, de maneira mais isolada e privada, com poucos momentos e espaços de socialização, mesmo entre os familiares.

Assim, no que diz respeito à permanência dos filhos em seus domicílios, foi praticamente unânime a existência do investimento, colaboração e apoio parental para a manutenção dessa situação. É notório que os genitores oferecem sustentação e apoiam os filhos, com destaque para o oferecimento das condições que colaboram para facilitar uma vida cotidiana isenta de tarefas domésticas, sem a exigência de uma contribuição financeira na manutenção dessa rotina.

Ora, tal aspecto se associa à valorização da formação profissional e ascensão social dos filhos; o projeto familiar de casar e ter filhos, para os participantes ou para seus genitores, aparece como algo possível, não uma prioridade, nem mesmo para as participantes.

No tocante à vida amorosa, observamos que os participantes, até os que namoraram sério, não tiveram muitas experiências amorosas. Dentre as razões apontadas pelos participantes que almejam um relacionamento amoroso comprometido está o fato de não terem encontrado uma pessoa que atenda aos seus ideais, contudo, não demonstram um grande investimento para que isso se concretize, colocando esse aspecto da vida como uma opção futura, uma vez que não constitui o principal projeto de vida dos jovens participantes da pesquisa, em detrimento da importância ocupada pela vida profissional e, conseqüentemente, a ascensão financeira. Concluimos, com este estudo, que os projetos de vida dos participantes da pesquisa são condizentes com todo o cenário contemporâneo, demonstrando que a

configuração subjetiva dos jovens adultos se encontra em conexão com a supervalorização profissional e econômica, tão propalada nos últimos tempos, em detrimento do vincular, o que também coopera para o prolongamento de a estadia na casa de seus pais.

Embora não seja o nosso objeto de estudo, pelo discurso dos entrevistados, ficou evidente um recorte de gênero, pois, para os participantes do sexo masculino, a ideia de casamento e filhos, aliada ao sucesso profissional, está inclusa como projeto futuro, enquanto, para as participantes do sexo feminino, ter um companheiro aparece como uma possibilidade, porém, não como prioridade. Além disso, a maternidade se configura como algo distante do ideal buscado pelas mulheres e, em alguns casos, ocupar o lugar que a mãe ocupa na dinâmica familiar não lhes aparece como projeto de vida, priorizando seus projetos individuais, os quais possivelmente estão voltados para as questões profissionais.

Quer para os pais, quer para os filhos, sair da casa dos pais poderia se concretizar de imediato, caso houvesse algo que justificasse essa saída – e as justificativas configuraram-se através do estabelecimento de um relacionamento amoroso compromissado; ora, ter uma vida a dois, em decorrência de casamento ou de coabitação com um(a) companheiro(a), seria um evento que autorizaria essa saída, assim como aconteceu com as(os) irmãs(os) não residentes, os quais atingiram um grau de autonomia financeira, organizando sua vida e uma nova composição familiar. Não tivemos acesso à história da vida familiar, para saber as razões que ocasionaram a permanência desse filho; no entanto, os relatos apontam certa desvalorização com respeito à autonomia oferecida pelos pais, com relação ao(à) filho(a), pois os próprios progenitores frisam que sair de casa sem um objetivo seria desnecessário.

Quanto a esse quesito, sair apenas pela busca de autonomia é tido como algo sem sentido e que só se justificaria devido a um relacionamento amoroso compromissado, mas que também não é algo tão incentivado pelos genitores, o que ficou evidente, quando os entrevistados relataram que suas questões amorosas não são discutidas com os pais e não se sentem pressionados ou exigidos por eles, no tocante ao estabelecimento de relacionamentos amorosos, esclarecendo que não existe preocupação ou mesmo incômodo, por parte de seus genitores.

Os ideais sociais convergem com aqueles revelados pelos jovens que permanecem no ninho. Aliado a um contexto social ocupado por um mercado de trabalho que exige cada vez mais qualificações profissionais, consequentemente, ocorre um prolongamento do tempo necessário para concretização do sucesso e estabilidade profissional, a fim de que atinjam o momento de vida no qual possam gerir financeiramente sua própria casa. Dessa maneira, na dinâmica das famílias dos jovens que participaram da investigação, o investimento libidinal dos pais desponta como todas as facilidades e comodidades oferecidas para sua permanência e, assim, os filhos podem investir em sua carreira, sem as preocupações e exigências para a manutenção de uma casa. Logo, a relação parento-filial se mantém, no cuidado oferecido

pelos pais, apesar da idade da prole, cuja permanência em suas casas tem significado para a dinâmica familiar, sem a necessidade de um marco temporal para terminar, crendo que os filhos permanecem jovens, com poucas responsabilidades, permitindo que seus pais mantenham seu lugar e funções em suas vidas.

Cabe apontar que, embora o objetivo da pesquisa tenha sido compreender a vida amorosa desses jovens adultos, por fim, enfatizamos que a vida profissional ocupa um ponto central em suas vidas e, inclusive, surge como o ponto central para a permanência no ninho. Assim, como realçamos inicialmente, se, há algumas décadas, o casamento se configurava como uma prioridade na vida dos adultos, atualmente, o cenário mudou e a organização da vida amorosa ocupa um plano secundário, a que os jovens reservam pouco investimento e interesse, inclusive na utilização de aplicativos e redes sociais. Com isso, refletimos que o investimento primordial, tanto das famílias como dos jovens, gravita no projeto de sucesso e, por isso, embora seja um projeto social e familiar, parece-nos que aponta para um funcionamento mais narcísico. Desse modo, seria importante o desenvolvimento de novas pesquisas capazes de aprofundar o estudo da vida amorosa dos jovens adultos, incluindo um recorte de gênero e um viés econômico, considerando que os resultados deste trabalho se restringem ao convívio em famílias das camadas médias da sociedade.

Por fim, destacamos que a realização deste estudo nos possibilitou o contato com os jovens adultos contemporâneos, indicando a importância de pesquisas que possam refletir sobre a configuração subjetiva e vincular dessa geração.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. *Adolescência Normal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- ACSELRAD, M.; BARBOSA, R. R. L O amor nos tempos do Tinder: uma análise dos relacionamentos amorosos na contemporaneidade a partir da compreensão de adultos e jovens adultos. *Estud. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 161-180, jan. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1679-494X2014000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 dez. 2022.
- ALMEIDA, T. Processos da escolha conjugal sob a perspectiva da psicanálise vincular. *Pensando fam.*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 3-18, jun. 2014. Disponível em: HTTP://PEPSIC.BVSALUD.ORG/SCIELO.PHP?SCRIPT=SCI_ABSTRACT&PID=S1679-494X2014000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 06 set. 2018.
- ALSOP, R. *The trophy kids grow up*. San Francisco: Jossey Bass, 2008.
- ALVES, C. A. L. *A busca pelo outro: escolhas e expectativas no amor em jovens adultos*. 2021. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2021.
- ARAÚJO, M. F. Gênero e família na construção de relações democráticas. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.). *Casal e família: permanências e rupturas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009. p. 9-23.
- ASSUNÇÃO, L.; GUEDES, D. Relações amorosas na contemporaneidade e indícios do colapso do amor romântico (solidão cibernética?). *Rev. Mal-Estar Subj*, Fortaleza, v. 06, n. 2, p. 396-425, set. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482006000200007. Acesso em: 02 set. 2018.
- ÁVILA, L. A. Adolescência sem fim. *Vínculo*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 40-45, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902011000100007. Acesso em: 22 fev. 2020.
- BARANTES, J. J.; ENRIQUEZ, M.; FAIMBERG, H.; KAËS, R. *Transmissão da vida psíquica entre as gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BERTOLDO, L. T. M.; HENTEGES, C. E.; KLOCKNER, M. I. B.; LÖEBLEIN F. G.; PANDO, L. B.; MARIELE, R. Uma configuração familiar: o fenômeno “Ninho Cheio” e suas vicissitudes. *Perspectiva em Psicologia*, Uberlândia, v. 22, n. 1, p. 168-179, jan/jun. 2018. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/43015/22472>. Acesso em: 20 jan. 2019.
- BIRMAN, J. *Estilo e modernidade em psicanálise*. São Paulo: Editora 34, 1977.

BIRMAN, J. Laços e desenlaces na contemporaneidade. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 40, n. 72, p. 47-62, jun. 2007. Disponível em: Joel Birman (bvsalud.org) . Acesso em: 29 jan. 2020.

BITTENCOURT, R. N. As contingências do amor e a dissolução da alteridade amorosa no afetivo. *Cadernos Zygmunt Bauman*, Maranhã, v. 3, n. 6, 2013. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/1846/3008>. Acesso em: 30 jan. 2019.

BLEGER, J. *Temas de Psicologia Entrevistas e Grupos*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BLOS, P. *Adolescência: Uma Interpretação Psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BOSCOLI, V. *Brasil alcança a maior parcela em 11 anos do fenômeno Geração Canguru*. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://eurio.com.br/noticia/3682/brasil-alcanca-a-maior-parcela-em-11-anos-do-fenomeno-geracao-canguru.html>. Acesso em: 02 set. 2019.

BORGES, C. C.; MAGALHÃES, A. S. Transição para a vida adulta: autonomia e dependência na família. *Psico*, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 42-49, jan./mar. 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/3993-Texto%20do%20artigo-18748-1-10-20090824.pdf> . Acesso em: 12 jan. 2020.

BRASIL. *Estatuto da criança e do adolescente*. Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

BREUNLIN, D. C.; SCHWARTZ, R. C.; KUNE-KARRER, B. M. *Metaconceitos: transcendendo os modelos de terapiafamiliar*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

CALLIGARIS, C. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.

CÂMARA, M. M.; CRUZ, A. R. Adolescência prolongada: o tempo que não se quer deixar passar. *Educar revista*, v., n.15, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/WLhMwpCwdJPtRP7MHZT56Dt/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 22 jul. 2022.

CANIATO, A. M. P. Da Violência no Ethos Cultural autoritário da Contemporaneidade e do sofrimento psicossocial. *PSI - Rev. Psicologia e Sociedade e Instituição*, Londrina, v. 2, n. 2, p.197-215, dez. 2000. Disponível em: pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlink&ref=3376042&pid=S1413-389X201100020001200004&lng=pt. Acesso em: 22 jul. 2022.

CARDOZO, D. M. E FREITAS, C. F. Relação entre ter adulto de referência e projeto de vida (experiência em centros de saúde e ambulatório universitário). In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE ADOLESCÊNCIA, VII., 2001, Salvador. *Anais [...]*, Salvador, p. 84.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artmed, 1995.

CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. *Família e Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

COLAVIN, R. P.; SEI, M. B.; ZANETTI, S. A. S. Desafios de se manter como um casal na contemporaneidade: contribuições da psicanálise sobre a dinâmica conjugal. *Vínculo – revista*

do Nesme, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 45-54, maio 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902013000100008. Acesso em: 22 fev. 2019.

COMAZZETTO, L. R.; VASCONCELLOS, S. J. L.; PERRONE, C. M.; GONÇALVES, J. A geração Y no mercado de trabalho: Um estudo comparativo entre gerações. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 145-157, jan./mar. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v36n1/1982-3703-pcp-36-1-0145.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2020.

CORREA, O. B. R. Transmissão Psíquica entre as Gerações. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 35-45, mar. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v14n3/v14n3a04.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2019.

COSTA, G. *Conflitos da Vida Real*. Porto Alegre : Artes Médicas, 1997.

CRUZ, B.; RODRIGUES, E.; FREITAS, R. R. Não me ligue, mande mensagem: Os novos hábitos da geração Z ao telefone. *Portal Intercom*. Juazeiro, 2018. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2018/resumos/R62-1025-1.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2020.

FAVARETTO, A. Por que filhos adultos se distanciam dos pais. *Sempre Família*, 2019. Disponível em : www.semprefamilia.com.br. Acesso em: 02 jan, 2023.

FIGUEIREDO, M. G. *Ninho Cheio, Geração Canguru*: a permanência do filho adulto em casa segundo a perspectiva dos pais. 2008. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

DANTAS, N. M. *Adolescência e Psicanálise*: Uma possibilidade teórica. 2002. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2002.

DEL PRIORE, M. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *Handbook of qualitative research*. London: Sage, 2005.

DIAS, C. M. S. B.; OLIVEIRA, I. D. Família pós-moderna, construção de subjetividade e escolha profissional. *Symposium-PUC/RJ*, v. 4, 2000. Disponível em : <https://www.maxwell.vrac.pucrio.br/2534/2534.PDF>. Acesso em : 20 ago. 2022.

DOMINGUES, J. M. Gerações, modernidade e subjetividade coletiva. *Artigos Tempo Soc*, v.1, n.14, p. 67-89, maio 2002. Disponível em: [vol14n1a04 \(sciELO.br\)](http://vol14n1a04.scielo.br). Acesso em: 01 mar. 2022.

FIGUEIREDO, M. G. *Ninho Cheio, Geração Canguru*: a permanência do filho adulto em casa segundo a perspectiva dos pais. 2008. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1914/2006.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: FREUD, S. O futuro de uma ilusão o mal-estar na civilização e outros trabalhos. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*, v. XXI (p. 67-148). Rio de Janeiro: Imago, 1930/2006.

GALLAGHER, I. M. *Geração canguru*: Entre o conforto e o desamparo. Dissertação

(Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

GALLAGHER, I. M.; FÉRES-CARNEIRO, T. F.; HERNRIQUES, C. R. Planos Para o Futuro: Percepção de Filhos Adultos Coabitantes com os Pais. *Revista da SPAGESP*, v. 14, n. 2, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v14n2/v14n2a02.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2022.

GERAÇÃO canguru, 2019. *Viva a velhice*. Geração canguru, os jovens que escolheram não sair da casa dos pais. Disponível em: <http://www.vivaavelhice.com.br/2019/02/geracao-canguru.html>. Acesso em: 01 set. 2019.

GIARDELLI, G. *Você é o que você compartilha*: e-agora: como aproveitar as oportunidades de vida e trabalho na sociedade em rede. São Paulo: Gente, 2016.

GIDDENS, A. *A transformação da intimidade* (sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas). São Paulo: Unesp; 1992.

GOMES, I. C.; ZANETTI, S. A. S. Efeitos da Herança Psíquica na opção pela não construção do vínculo amoroso. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, v. 3, n.1, p. 57-74, jun. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072012000100005. Acesso em: 03 mar. 2019.

GOMES, V. R. R. *Adolescentes na Contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Gramma, 2018

GONÇALVES, T. M. O processo de apropriação do espaço através dos modos de morar e habitar o lugar (uma abordagem psico-sócio-ambiental do bairro Renascer/Mina Quatro de Criciúma - SC). 261 f. Tese (Doutorado em Psicologia Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2002.

HAN, B. *Agonia do Eros*. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

HENRIQUES, C. R. “*Geração canguru*”: o prolongamento da convivência familiar. 2003. 136 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

HENRIQUES, C. R.; JABLONSKI, B.; FERES-CARNEIRO, T. A “Geração Canguru”: algumas questões sobre o prolongamento da convivência familiar. *Psico*, v. 35, n. 2, p. 195-205, jan/dez. 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlink&ref=1806631&pid=S1516-3687201200010000700008&lng=pt. Acesso em: 11 jan. 2019.

HENRIQUES, C. R.; JABLONSKI, B.; FERES-CARNEIRO, T. Ajustes entre pais e filhos coabitantes: limites e transgressões. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 16, n. 4, p. 531-539, out/dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/QL5nVjkNwPRV4r89trBjmKh/?lang=pt>. Acesso em: 11 jan. 2023.

ILLOUZ, E. *O Amor nos tempos do Capitalismo*. São Paulo, 2011.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Síntese de Indicadores Sociais- SIDRA- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios*, 2015. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pnad>. Acesso em: 11 jan. 2019.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Síntese de Indicadores Sociais- Uma análise da condição de vida da população brasileira*. Rio de Janeiro: Estatísticas Sociais, 2016.

Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2019.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *SIS 2016: 67,7% dos idosos ocupados começaram a trabalhar com até 14 anos*. Rio de Janeiro: Estatísticas Sociais, 2017.

JUNQUEIRA, M. H. Configurações atuais de Família e Casal. In: REUNIÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro, 2010.

JUSTO, J. S. O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. *Revista do Departamento de Psicologia - UFF*, v. 17, n. 1, p. 61-77. jun. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-80232005000100005&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 08 jan. 2019.

KAËS, R. *Um singular plural: a psicanálise à prova de grupo*. São Paulo: Loyola, 2011.

KAËS, R. *As Alianças Inconscientes*. São Paulo: Ideias e Letras, 2014.

KAWALL, T. Geração Canguru. O ninho está cheio, mas eles não querem sair. *Jornal digital Brasil 247*, 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/geracao-canguru-o-ninho-esta-cheio-mas-eles-nao-querem-sair/>. Acesso em: 30 mar. 2019.

KEHL, M. R. *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KERVALT, M. Geração canguru: os filhos adultos que moram com os pais. *Gauchazh – comportamento*, 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2019/05/geracao-canguru-os-filhos-adultos-que-moram-com-os-pais-cjwavy0wn018v01qt7mm1eczs.html>. Acesso em: 30 ago. 2019.

KUBLIKOWSKI, I.; RODRIGUES, C. M. Os Pais e a Transição do Jovem para a Vida Adulta. *Revista Psico*, São Paulo, v. 45, n. 4, p. 524-534, out/dez. 2014. Disponível em: <file:///D:/Downloads/Dialnet-OsPaisEATransicaoDoJovemParaAVidaAdulta-5632993.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2019.

LEITÃO, C. *O prolongamento da adolescência*. 1996. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996. Acesso em: 15 maio 2022.

LEMGRUBER, K. P. *Adolescência: Subversão e Trânsito na vida adulta*. 2011. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

LEVISKY, D. L. *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1998.

LIPOVETSKY, G. *A Terceira Mulher: Permanência e Revolução do Feminino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LINS, N. R. *Novas Formas de Amar – nada vai ser como antes: grandes transformações nos relacionamentos amorosos*. São Paulo: Planeta, 2017.

LOIOLA, R. Geração Y: Eles já foram acusados de tudo: distraídos, superficiais e até egoístas. Mas se preocupam com o ambiente, têm fortes valores morais e estão prontos para mudar o mundo. *Revista Galileu*, 2009. Disponível em:

<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDG87165-7943-219,00-GERACAO+Y.html> . Acesso em: 12 jun. 2020.

LOPES, C. F. A doce vida dos filhos cangurus. *Revista Galileu*. Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: <http://galileu.globo.com/edic/95/comportamento1.htm>. Acesso em: 02 abr. 2019.

MATHEUS, T. C. *Adolescência: história e política do conceito na psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MATHEUS, T. C. Entre o excesso e a insuficiência: sobre o lugar do adolescente na contemporaneidade. *Percursos*, São Paulo, v. 44, p. 105-116, 2010.

MATHEUS, T. C. Diálogos sobre a adolescência e a ameaça de exclusão dos privilegiados. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 23, n. 4, p. 721-735, dez. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642012000400006>. Acesso em: 19 jan. 2020.

MENDONÇA, H. Geração Canguru, os Jovens que escolheram não sair da casa dos pais. *O Jornal Global: El País*, Madrid, 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/05/politica/1496687911_980154.html. Acesso em: 02 fev. 2019.

MEYER, M. *Quais as diferenças entre as gerações X, Y e Z e como administrar os conflitos?* 2019. Disponível em: <https://www.oficinadanet.com.br/post/13498-quais-as-diferencas-entre-as-geracoes-x-y-e-z-e-como-administrar-os-conflitos>. Acesso em: 23 mar.

MIGUELEZ, N. B. *Complexo de Édipo: Novas Psicopatologias, Novas Mulheres, Novos Homens*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MITCHELL, B. A. *The Boomerang Age: transitions to adulthood in families*. Canadá: Transaction, 2005.

MÜLLER, P. F. *Valores Familiares Contemporâneos da 'Geração Canguru' na Perspectiva de Pais e Filhos*. 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2018.

MUNHOZ, R. N. *A pertença estendida dos adultos na família de origem*. 2012. 112f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

NILSSON, K.; STRANDH, M. Nest leaving in Sweden: The importance of early educational and labor market carries. *Journal of Marriage and Family*, v. 61, n. 4, p. 1068-1079, 1999.

PAIVA, M. L. de S. C. O processo de (in)dependência do adulto jovem. *Cadernos CERU-USP*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 149-156, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/182166>. Acesso em: 15 jun. 2022.

PALÁCIOS, J.; RODRIGO, M. J. *Familia y desarrollo humano*. Madrid: Alianza, 1998.

PERÄKYLÄ, A. Analyzing text and talk. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *Handbook of qualitative research*. London: Sage, 2005.

PEROSA, L. M.; PEROSA, S. L.; TAM, H. P. The contribution of family structure and differentiation to identity development in females. *Journal of youth and adolescence*, v. 25, n. 6, 817-837, 1996.

PERRONE, C. M.; ENGELMAN, S.; SANTOS, A. P.; SOBROSA, G. M. A percepção das organizações pela Geração Y. *Revista de Administração da Universidade Federal de Santa Maria*, v. 6, n. 3, p. 546-560, 2012.

PRIOSTE, C. D. *O adolescente e a internet: laços e embaraços no mundo virtual*. 2013. 361p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2013.

RAMOS, E. *Rester Enfant, Devenir Adulte: la cohabitation des étudiants chez leurs parents*. Paris: L' Harmattan, 2002.

RAVA, P. G. S.; VIEIRA, A. C. S. Ninho Cheio: perspectivas de pais e filhos. *Psicologia: teoria e prática*, Taquara, v. 14, n. 1, p. 84-96. abr. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872012000100007. Acesso em: 29 jan. 2019.

RIOS, I. C. O amor nos tempos de Narciso. *Interface*, Botucatu, v. 25, n. 12, p. 421-426, jun. 2008.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832008000200016&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 15 jan. 2019.

ROCHA-DE-OLIVEIRA, S.; PICCININI, V. C.; BITENCOURT, B. M. Juventudes, gerações e trabalho: é possível falar em geração Y no Brasil?. *Organ. Soc.*, Salvador, v. 19, n. 62, p. 551-558, Sept. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v36n1/1982-3703-pcp-36-1-0145.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2020.

ROJAS, M. C. Parejas de hoy: conflictos y diversidad. *Vínculo – revista do Nesme*, São Paulo, v.10, n. 2, p. 30-34. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/vinculo/v10n2/n2a06.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2019.

ROJAS, M. C. *Desamparo y Desmentida en la familia actual: intervenciones del analista*. 2010. Disponível em: [Rojas Desamparo Desmentida Marcações.pdf](#). Acesso em: 03 mar. 2020.

ROMANELLI, G. O relacionamento entre pais e filhos em famílias de camadas médias. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 8, n. 14-15, ago. 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/XXQtpzmcFdpz8mJLXdMRc8J/?lang=pt>. Acesso em: 02 out. 2022.

ROUDINESCO, E. *A família da desordem*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SANTOS, L. M. M. O papel da família e dos pares na escolha profissional. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n. 1, p. 57-66, jan./abr. 2005.

SANTOS, L. M. M. O papel da família e dos pares na escolha profissional. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 10, n. 1, p. 57-66, abr. 2005. Disponível em: [The parents' and peers' role in vocational choice \(scielo.br\)](#). Acesso em: 16 jan. 2020.

SCHOEN-FERREIRA, T. H. *A adolescência e a formação da identidade: uma proposta de avaliação e intervenção*. 2007. Dissertação (Doutorado) – Universidade Federal de São Paulo, Escola Paulista de Medicina, São Paulo, 2007.

SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E. F. de M. A. construção da identidade em adolescentes: um estudo

exploratório. *Estud. psicol.* (Natal), Natal, v. 8, n. 1, p. 107-115, abr. 2003. Disponível em: [A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório \(scielo.br\)](http://www.scielo.br/psic/abstract?lang=es&script=sci_abstract&pid=S0103-166X2006000400012). Acesso em: 22 jun. 2019.

SILVA, D. R. *Fast-food do amor: relações amorosas contemporâneas baseadas nos aplicativos de relacionamento*. 2021. Trabalho de Conclusão do Curso (Psicologia) – UFAL, Campus Arapiraca, Unidade Educacional Palmeira dos Índios. Disponível em: <https://ud10.arapiraca.ufal.br/repositorio/publicacoes/3560>. Acesso em: 22 jan. 2023.

SILVA NETO, J. A.; MOSMANN, C. P.; E LOMANDO, E. *Relações amorosas e Internet*. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

SILVEIRA, P. G.; WAGNER, A. Ninho Cheio: a permanência do adulto jovem em sua família de origem. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 23, n. 4, p. 441-453, out./dez. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2006000400012&script=sci_abstract&lang=es. Acesso em: 14 jan. 2019.

SINGLY, F. *L' Individualisme est un humanisme*. Paris: L'Aube, 2005.

SINGLY, F. *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

SMEHA, L. N.; OLIVEIRA, M. V. de. Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens. *Psicol. teor. prat.*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 33-45, ago. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 08 jan. 2023.

SZAPIRO, A. M.; RESENDE, C. M. A. Juventude: etapa da vida ou estilo de vida? *Psicologia e Sociedade*, v. 22, n. 1, p. 430-49, 2010.

TEYKAL, C. M. O homem atual e a inserção da mulher no mercado de trabalho. *Psico*, v. 38, n. 3, p. 262-268, 2007.

TURATO, E. R. *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. Petrópolis: Vozes, 2011.

VAITSMAN, J. Pluridade de mundos entre mulheres de baixa renda. *Estudos Feministas*, v. 2, p. 303-319, 1997.

VELOSO, E. F. R.; SILVA, R. C. da; DUTRA, J. S. Diferentes gerações e percepções sobre carreiras inteligentes e crescimento profissional nas organizações. *Rev. bras. orientac. prof.*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 197-208, dez. 2012. Disponível em: [Diferentes gerações e percepções sobre carreiras inteligentes e crescimento profissional nas organizações \(bvsalud.org\)](http://www.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872012000200003&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 22 jan. 2020.

VINUTO, J. Amostragem em Bola de Neve na pesquisa qualitativa: um debate aberto. *Temáticas*, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, ago./dez. 2014. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/tematicas/article/view/2144/1637>. Acesso em: 10 maio 2019.

WEISSMANN, L. *Famílias monoparentais: um olhar psicanalítico*. 2008. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZANETTI, S. A. S. *A opção por não se vincular amorosamente de maneira compromissada*

entre as condições de existências contemporâneas e a herança psíquica geracional. 2012.
Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

ZORDAN, E. P.; STREY, M. N. *A separação conjugal na contemporaneidade: motivos, circunstâncias e contextos.* Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil, 2010.

APÊNDICE

Roteiro de entrevista para o(a) jovem adulto(a)

Caracterização: nome, idade, profissão, escolaridade, estado civil.

Apresentação da pesquisadora, dos objetivos da pesquisa, dos cuidados éticos e estabelecimento de rapport: você poderia me contar sobre a sua família? Quem reside na casa? Em quantos filhos vocês são? Qual a idade dos seus pais e suas profissões?

- 1- Como você compreende a sua vida na casa de seus pais? Sua permanência foi planejada? Poderia me dizer quais os motivos da sua permanência na casa de seus pais? Quando e como foi que você começou a perceber que iria permanecer mais tempo morando com seus pais? Como foi tomada a decisão?
- 2- Como você percebe os impactos da sua permanência para a sua vida, na vida dos seus pais e na família? E quais as perspectivas para o futuro?
- 3- Me conte um pouco sobre sua vida amorosa. Você já teve ou tem um vínculo amoroso comprometido? Por quanto tempo? Caso não tenha, tem o desejo de ter? Já vivenciou alguma decepção amorosa?
- 4- Qual a sua concepção sobre a vida amorosa? Para você, quais fatores influenciam nas suas escolhas da vida amorosa? Para você, o fato de viver com seus pais tem algum impacto na sua vida amorosa? Explique.
- 5- Você costuma utilizar as redes sociais para se relacionar amorosamente? Faz uso de aplicativos de relacionamento? Explique.
- 6- Como são negociadas com seus pais as questões de autonomia, independência e responsabilidade frente aos seus vínculos amorosos? Você sente alguma interferência?
- 7- Quais são suas expectativas com relação à sua vida amorosa, independência/autonomia e trabalho? Como se vê no futuro?

